

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta, quidem res temporis actus.
In praesens, valet usque in veniens stitulus.

SETEMBRO DE 1897

ANNO IV

VOL. IV

N. 13



BAHIA

Editores—Bernardo da Cunha & C.

1897



REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico
DA BAHIA

Anno IV

Setembro de 1897

Num. 13

ESTUDOS HISTORICOS

O descobridor do novo mundo foi Colombo

Tres distinctos cavalheiros e conhecidos litteratos trataram ultimamente, nas gazetas *A Bahia e Diario da Bahia*, da curiosa e muito interessante questao sobre o verdadeiro descobridor da America.

Apezar de não ser historiador nem litterato, costume aproveitar as minhas horas vagas, para estudar sciencias, e com preferencia a historia dos povos do mundo, e principalmente, por justos motivos, a historia da America e do Brazil.

Repetirei resumidamente o que li em velhas chronicas, memorias e historias, escriptas por eminentes historiadores, com o unico fim de propagar conhecimentos uteis para todos que procuram o saber, e que amam a historia.

Li realmente em uma antiga chronica que o portuguez José Ramalho era o verdadeiro descobridor da America, morador em S. Paulo, alliado com uma

indigena, como Diogo Alves Correia na Bahia, e Pedro de tal em Maranhão, e que foi de grande utilidade ao governador Martim Affonso de Souza, que o nomeou guarda-mór e governador da primeira colonia, denominada Piratininga, em S. Paulo; e pelas memorias historicas consta a existencia de um testamento feito pelo dito Ramalho em 3 de Maio de 1560, escripto na villa de S. Paulo, e que dizem que foi apresentado por Antonio Ribeiro dos Santos, celebre litterato dessa epoca, á academia real das sciencias de Lisboa, onde se acha depositado o dito testamento, no qual Ramalho declara que tinha 90 annos de idade, e 60 annos de existencia em S. Paulo, e si assim fôr exacto, segue-se, que realmente já existia em 1490 europeus nas terras da America, e assim pelo menos dois annos, antes de Colombo descobrir o novo mundo, e alguns escriptores do 16.^o e 17.^o seculo confirmam, que muitos annos antes de Colombo, habitantes do velho mundo conheceram as terras da America, e que tambem os egypcios, hebreus, romanos e arabes falaram que existia um novo mundo.

Platão refere no Timéo, que o seu avô Cristias, discipulo de Solon, soubera por um dos sacerdotes de Lays, cidade de Delta, por onde viajara, a existencia da grande Atlantida, que diz-se achar não muito longe das columnas de Hercules, circulado pelo oceano atlantico, e que essa ilha parecia maior que a Europa e a Asia juntas.

Accrescenta mais Platão, que sobrevindo inundações e grandes sublevações e terremotos, desaparecera parte dessa grande ilha, submergida em uma só noite.

Strabon tambem confirma a existencia da Atlantida, e alguns escriptores modernos são concordes, dando como restos da submersão as ilhas Canarias, Madeira, Açores e Cabo-Verde, confirmando isso com a pouca profundidade das aguas nestas paragens, e muitas ilhas que alli se encontram.

Tambem Aristoteles (vide a historia grega) trata da ilha «Atlantida», e diz que ella foi descoberta pelos Carthaginenses, cujo senado, sob pena de morte, prohi-

biu a navegação para ella com receio de despovoar-se Carthago.

Colombo e tambem Diodolo Sicuro faz menção da mesma Atlantida, situada defronte da Libia, cortada de rios navegaveis, fertil e saudavel, descoberta pelos phenicios, quando elles costeando a Africa, a ella toram arrojados por um medonho temporal, e cuja descoberta mencionaram na sua volta.

Em Dighton, á distancia de cerca de 50 milhas de Boston, existia gravada em um penedo, sobre a margem oriental do rio Tauston, uma inscripção que em 13 de Novembro de 1768 copiaram os americanos Walims, Baylies, Walliam e Kolb, a qual combinada com outras inscripções conhecidas, e com os alphabetos phenicios, no conceito do sabio Court de Gibelin, um verdadeiro monumento phenicio; outras tres inscripções punicas se acharam ao norte de Boston, cuja noticia se publicou na *Gazeta da França* em 1781; e em 1800 na villa das Dóres, duas leguas distantes de Montevidéo, um fazendeiro descobriu uma lapide sepulchral com caracteres desconhecidos, cobrindo uma sepultura de tijollo, onde se achavam espadas antigas, um capacete, escudo, e uma jarra de barro de grandes dîmensões.

Todos esses objectos foram apresentados ao douto padre Martins, o qual obteve ler na lapide em caracteres gregos, o seguinte :

« Alexandre, filho de Felippe, era rei da Macedonia, na olimpiada 63»; nestes logares Ptolomeo . . . faltava o resto.

Nos copos de uma das espadas se achava gravada certa effigie que parecia ser de Alexandre, e no capacete se vião insculpidas varias figuras representando Achilles, arrastando o cadaver de Heitor á roda dos muros de Troia.

Pode-se, pois, suppor que Ptolomeo, este chefe famoso da armada de Alexandre, levado por alguma tormenta surgisse na costa daquella paragem, e alli marcasse, com tal monumento, a sua estada.

E' facto historico que, durante a occupação de Portugal pelos Sarracenos, oito arabes lisbonenses sahiram da barra de Lisboa, com intento de se engol-

farem no oceano occidental á descobertas, havendo visto e tomado o porto de duas ilhas, na ultima das quaes foram atalhados de proseguir adiante.

Talvez fosse feito por elles o monumento lapidar constante da estatua formada de uma lage, e collocado no alto cume de uma rocha elevada, que em grande distancia se divisa do mar, achada na ilha do Corvo, uma dos Açores, quando descoberta por Gonçalo Velho, e que por isso se ficou denominando ilha do Marco.

Constava aquella estatua de um homem a cavallo, em osso, e descoberto na cabeça, tendo a mão esquerda na crina, e o braço direito estendido, encolhidos os dedos, menos o index, com o qual apontava para o occidente, ou antes mais directamente para o noroeste, como indicando existirem terras nas partes para que apontavam, e no punho inferior se achavam gravados diversos caracteres desconhecidos, que se suspeitou serem arabicos, phenicios ou punicos.

Francisco Adolpho Varnhagem, autor da melhor historia do Brazil, refere-se tratando da descoberta da America, a Tullio, grande sabio encyclopedico da idade media, e autor de um celebre livro, intitulado *De fine*, cuja publicação obteve grande celebridade, principalmente no sul da Europa, que teve por fim estimular os governos e os povos para explorarem e conquistarem desconhecidas e longinquas terras e mundos.

Devido aos escriptos do malhorquino Tullio, começaram os portuguezes a emprehender a circumnavegação d' Africa, descobrindo o promontorio mais austral das suas terras, denominadas Cabo da Boa Esperança.

Na mesma epocha recebeu Dom João 2.^o um projecto mais audaz, propondo-se chegar para as plagas orientaes da Asia, por um rumo inteiramente opposto, ao que se estava tentando havia meio seculo.

A gloria da insistencia nesse plano pertence toda ao genovez Colombo, que no modo por que resistiu, com a nobre coragem da convicção, aos obstaculos que se levantaram, e ao desdem com que muitas vezes,

homens aliás instruidos escutavam os seus gigantes-cos projectos, nos deixou prova do seu genio e da sua grande alma.

Fundado na verdadeira theoria da redondeza da terra, desde os tempos antigos reconhecida, mas tornada então popular, não só pelo grande auxiliar que á transmissão das ideias deu a imprensa, de recente invenção, como pelo uso das pomas ou pequenos globos terrestres, e animado pelos conselhos do celebre mathematico florentino Paulo Toscanelli, propoz-se Colombo a chegar ao chamado oriente, navegando sempre pelo rumo do occidente, devendo segundo seu juizo, ser por tal rumo mais curto o caminho da Hespanha a Asia, fiado na crença existente de que este nosso planeta é mais pequeno do que é.

Havia Colombo feito anteriormente varias viagens, algumas dellas em navios portuguezes; e não contente com o instruir-se praticamente na arte da navegação, lia acerca dos ramos concernentes á ilha as obras antigas e modernas propagadas pela imprensa, e as commentava á margem, com observações de sua letra depois de as estudar e sobre ellas meditar.

Na bibliotheca chamada Colombina da Cathedral de Sevilha se guarda ainda hoje um desses impressos monumentaes, e a sua presença nos faz quasi remontar o espirito e admirar o grande genovez concebendo a ideia de seu feito.

E' o livro, um exemplar da obra *Imago Mundi*, do antigo bispo de Cambray, o cardeal Pedro d'Ailly, compilada de varios auctores antigos e daquella idade. Codigo veneravel que por assim dizer foi o cathecismo onde o nauta ousado adquiriu talvez a maior parte dos seus conhecimentos cosmologicos, que acaso não houvera adquirido sem a propagação pela imprensa da obra d'Ailly.

Julgo superfluo relatar minuciosamente o modo como sendo as suas propostas e projectos regeitados em Portugal, foram depois acceitos pela Hespanha, a cujo serviço navegando o improvisado almirante com tres pequenas caravellas, sempre com a prôa para o occidente, e encontrando as Anti-

lhas, tomou-as pelo archipelago de Cypango, ou do imperio do Japão, extremo oriental da Asia, segundo as ideias que tinham os europeus pelas descripções de Marco Polo, que recolhera do oriente á Veneza, sua patria, pelos fins do seculo decimo terceiro.

Sabido é como das Antilhas passaram mais tarde Colombo e os castelhanos ás plagas do continente immediato, e como alli todos imaginaram estar pisando as terras contiguas ao Ganges.

E na errada persuasão de haver abicado nas costas da Asia, havendo chegado a ellas desde a Hespanha, sempre por mar, pelo rumo do occidente, morreu o grande homem, que, verdadeiramente se pode dizer, consummou a obra começada por Alexandre de pôr em communicação reciproca o genero humano.

Embora que visitado esse novo continente pelo lado mais septentrional, diversas vezes, por europeus da Islandia e da Irlanda, passa isso como um facto extraviado sem importancia, desconhecido do resto da Europa, e sem nenhuma consequencia para a humanidade em geral, como teve o grande feito do audaz Ligurio, a navegação de Colombo.

. . .

Oliveira Martins, um dos mais bellos talentos de Portugal, tratou tambem d'uma tentativa Pre-Colombina, feita por um lavrador da ilha Terceira que teria ido dos Açores á terra a que deixou o nome, e dizem que descobriu a costa oriental americana, anterior a viagem de Colombo; e que os respectivos documentos, que provam a descoberta, foram entregues ao archeologo e geographo michaelense Ernesto do Couto para examinal-os.

Si se viesse a apurar ter o lavrador aportado á sua terra anteriormente á famosa viagem de Colombo, ganhariam afinal o pleite os que têm accumulado investigações e argumentos, inspirados por um portuguezismo menos discreto, para diminuir a gloria da façanha colombina.

Não ha duvida que uma serie de explorações

sporadicamente insistia em procura dos mares occidentaes, tendo como base os Açores já povoados, a contra costa do grande continente central do mundo, pois ainda ignorava-se a existencia de um outro mundo americano.

A pretendida arribada em 1447 de um navio portuguez á ilha phantastica das sete cidades é invenção pura, e a viagem de Diogo de Teives em 1542 em demanda da Antilha da lenda é uma fabula contada pelo piloto Pedro de Velasco ao proprio Colombo, durante a sua estada no convento da Rabida.

O proprio Colombo suppõe que um navio portuguez tinha aportado á ilha Antilha, ainda em vida do infante D. Henrique, e é de 1457 a doação pela qual o rei Affonso 5º confere a seu irmão o infante D. Fernando, duque de Béja, futuro herdeiro do tio descobridor, o dominio sobre todas as ilhas que intenta descobrir no oceano Atlantico.

O mesmo rei dou a João Vogado em 1462 duas ilhas que elle pretendia ter descoberto.—E' do mesmo anno a doação da ilha que Gonçalo Fernandes de Tavora diz ter visto para nordeste das Canarias, e de 1472 a carta de Affonso 5º dando a Luiz Gonçalves da Camara o dominio sobre as ilhas que se propõe descobrir no oceano; bem como de 1475 a doação a Fernão Telles por motivo analogo.

Todos esses factos provam o pensamento geral e constante de encontrar terras para Oeste dos Açores, ilhas exclusivamente, porque a contra costa da Asia calculava-se ficar a distancias inatingiveis. O proprio Colombo ia em procura da ilha de Cypango, nome que Marco Polo dera ao Japão.

A' procura de ilhas, porém, é facto que os navegadores açorianos chegaram ao continente americano do norte, na terra que deixaram o nome dos Côrte-Reaes, pouco depois de Colombo ter chegado ao Archipelago da America Central;—e si as viagens do pae dos Côrte-Reaes, que foram victimas das suas aventuras, são hoje negadas pela critica, é contestada a prioridade da descoberta continental.

A longa residencia de Colombo em Portugal, o seu

conhecimento perfeito das diligencias feitas no sentido das navegações occidentaes, o seu enlace com a familia dos Terestrellos, a sua estada em Madeira, tudo são factos tendentes a demonstrar que a formação e o amadurecimento do seu plano se fizeram com os prodromos portuguezes da descoberta. Entre isto, porém, e o querer attribuir a ideia da viagem á confiança de certos marinheiros, ou ao roubo de diaries da navegação de outros, vae uma enorme distancia.

Em primeiro lugar, é provado que o plano de Colombo, baseado no erro geographico do tempo, era chegar ás Indias por Cypango, sua Antilha. E tanto isso assim é, que ao voltar, o descobridor nem sonhava ter dado ao mundo velho um mundo novo, mas suppondo ter attingido á ilha descripta por Marco Polo. Ninguém então sonhava sequer, com a existencia da America, e do Mar Pacifico. Para além da península, Indo-China que é o Cathay de Marco Polo, não havia noticias de outras terras. A conclusão natural a que devia conduzir a theoria da espheroidade da terra e a velha theoria de Aristoteles sobre os antipodas, renovada principalmente pelo cardeal Allay, era buscar as Indias pela sua extremidade, ir ao Oriente pelo Occidente, envez de seguir a derrota austral dos portuguezes pelo sul da Africa.

E' sabido a consulta de Colombo a Toscanelli, o oraculo geographico do tempo, que lhe respondeu enviando-lhe o traslado da carta de 1474, escripta ao rei Affonso. Vendo as indicações do seu espirito confirmadas pela sciencia, calculava erradamente, por não ser então exacta a medição da terra, que, indo ao rumo de Oeste, pelo paralelo das Canarias, em 5 semanas de navegação directa, venceria as 1000 leguas de distancia para a India, ou para o Cypango, de Marco Polo, Antilha do continente Oriental.

Diz-se que o cunhado de Colombo, Pedro Correia da Cunha, vira uma vez para oeste uma terra desconhecida, e que Antonio de Leme, navegando para o Occidente, avistára 3 ilhas, e participara a Colombo na Madeira, e cousas analogas se referem de

Vicente Dias, e que finalmente estando Colombo na Madeira, ali fóra aportar um navio portuguez com a tripolação agonisante, e que do piloto, depois fallecido, Colombo houvera o segredo da existencia das terras occidentaes. Como si essa existencia pudesse ser para alguém um segredo, no ponto a que tinham chegado a mathematica e a cosmographia!

O problema não era a existencia de Cypango, era a possibilidade de ir até lá atravez de um mar immenso e que, ainda assim, se suppunha reduzido a metade na sua extensão real.

Com effeito, os factos observados nos Açores faziam crer na proximidade de terras para o Occidente, uma vez que ás praias insulanas vinham parar madeiras lavradas por engenho humano. Vinham camas, vinham vinhas, diz-se até que uma vez naufragaram na praia das Flores dois cadaveres de gente de figura singularmente nova. Comprehende-se, que taes factos, de certo conhecidos por Colombo, confirmassem o seu plano, quando provocavam as repetidas tentativas sem exito, para a descoberta das ilhas Occidentaes.

Além da doação a Fernão Telles das ilhas de Lono e Capraria, ilhas suppostas, ou penhascos perdidos no Oceano, e das Forreiras, em 1475, celebrou-se em 1484 um contracto com Fernão de Ulmo e João Affonso de Estreito, associados para a descoberta da Antilha, ou ilha das sete cidades.

Nenhuma dessas tentativas sortiu resultado, e uma vez que se quer ver nellas o prologo da empreza de Colombo, é mister reconhecer que tanto mallogro faria desanimar um homem menos crente na sua fé, assim como fazia abandonar os planos de Oeste aos homens prudentes do tempo de D. João 2.º

Não se pode tambem admittir a versão da descoberta de Terra Nova pelo pae dos Côrte-Reaes, em viagem ulterior a de Colombo.

A primeira viagem de Gaspar Côrte-Real foi em Maio de 1500 sem exito; no verão e no outono do mesmo anno emprehendeu segunda e descobriu a Terra Nova, onde voltou na primavera de 1501, morrendo ahí de naufragio. Em 1502 foi a viagem de

Miguel Côrte-Real que, indo em demanda do irmão, acabou tambem pelo naufragio e pela morte.

Em 1503, o terceiro irmão, Vasqueanes Côrte-Real, quiz partir em procura dos irmãos perdidos, mas D. Manuel não lho consentiu: mandando, porém, em procura dos naufragos duas náos que voltaram sem noticia alguma.

A' descoberta da Terra Nova pelos Côrte Reaes, segue-se em 1521 a colonia de Inão Alvares Fagundes, para a pesca do bacalhão, installada nessas regiões septentrionaes da America.

Tal foi, pois, a parte dos portuguezes, e mais propriamente dos açorianos, na descoberta do continente americano septentrional, mas em todo o caso a descoberta de Colombo e a viagem, no seu alcance e no seu valor, não fica diminuida, porque uns mareantes portuguezes aportaram ao norte da America antes d'elle, nem tambem o merecimento dessas viagens septentrionaes fica diminuido pelo facto de serem precedidos pela do grande genovez.

Concluimos esse importantissimo facto historico accrescentando ainda uma grande parte do notavel discurso proferido pelo Sr. conselheiro Pereira da Silva em 15 de Junho de 1891, em conferencia publica a respeito da viagem, da descoberta e da volta, para Palos, e o modo pomposo por que foi recebido Colombo pelo povo, pelo rei e pela côrte.

«Com tres miseraveis caravellas affronta Colombo as vagas do Atlantico em procura das Indias, que elle só conhecia pelos livros, aliás errados, e mappas defeituosos, mas tinha plena convicção de que defronte da Europa e Africa estendiam as suas costas ao Cathay ou China, e ás ilhas do Cypango ou Japão.

Na sua opinião, na sua crença profunda, na sua fé, as Indias não estavam muito longe de Marrocos e de Portugal, separadas apenas pelo Atlantico Oceanico, e a ellas se podia chegar assim directamente pelo rumo de Oeste.

Velas ao largo, ventos mais ou menos favoraveis, corriam as caravellas, engolfando-se no oceano, primeiramente pelo S. O. procurando as Canarias que

estavam á cerca de 27 grãos de latitude, afim de lhe servirem como ponto intermediario de viagem. Não lhe ensinavam o caminho os mappas geographicos que tinha, os esclarecimentos de seu amigo Toscanelli de Florença, e bem assim o globo fabricado ultimamente pelo mestre Behaim, de Nuremberg, que elle conhecera no serviço de Portugal, e de que conseguira uma copia.

Não figuravam o Japão ou Cypango na mesma latitude, pouco mais ou menos das Canarias, e na mesma longitude, pouco mais ou menos da Florida?

Ao largar do porto de Palos, abriu um livro em branco, e denominou-o jornal de sua viagem. Dedicou-o aos reis da Hespanha. Conserva-se ainda nos archivos da corôa esse precioso documento, e foi publicado em 1866 pelo celebrisado geographo Navarrete, na sua interessante collecção de viagens.

Lançou nelle Colombo dia por dia e minuciosamente os successos de sua derrota, desde o momento de deixar a barra denominada de Saltes. Com uma introducção pomposa, assim começa:

In nomine Domini Nostri Jesus Christi.—Encarregado pelos muito altos, poderosos e excellentes reis da Hespanha, de descobrir os paizes e os habitantes das terras das Indias e um príncipe poderoso chamado o Grão-Kan da Tartaria, etc., afim de convertel-os á nossa Santa Religião Catholica Apostolica Romana, parti de Palos a 3 de Agosto de 1492, etc.

Cada noite escreverei neste livro tudo quanto se passar durante o dia.—

Devemos, pois, dar todo o credito a estas notas, e assentar sobre ellas nossas observações de preferencia ao que referem varios escriptores, que, para agradarem ao publico, inventaram muitos episodios que se não encontram no jornal de Colombo e nem se provam documentalmente.

Não fallo só dos escriptores contemporaneos de Colombo, como o Revd. Las Casas, Pedro Martyr, Cura de Palacios; refiro-me tambem aos posteros como Herrera, Garcilaso, etc. e até, aos mais modernos como Benzoni, Munoz, Robertson, etc.

Tratou o chefe da pequena frota de captar desde logo a confiança e a estima dos subordinados, de impôr-lhes respeito, e ao mesmo tempo de embeber-lhes no animo a crença de que não se navegava a esmo, sem destino certo, mas se caminhava para as ilhas do Japão, encostadas ás Indias e fronteiras ás Canárias; visto que elle expunha a sua vida, que lhe devia ser preciosa, não tivessem elles receio de devotar-se á sua direcção.

Convem dizer que encontrou um auxiliar de immenso valor e influencia em Martin Pinzon, que poderosamente o coadjuvou nos mais difficultosos transes e perigos da viagem, e que era muito venerado pela maioria da equipagem, pertencente ao porto de Palos.

Ao 3.^o dia de viagem, o leme da *Piata* desconjuntou-se, e trabalho insano exigio para ser concertado no meio do mar, agitado por ventos, mais ou menos violentos. Demorada foi por isso a viagem até ás Canárias, sendo necessario moderar e equilibrar a carreira dos navios, para dia e noite todos viajarem proximos e á vista.

Arribou-se á ilha Gomera; praticaram-se os reparos das caravellas, refez-se a aguada, carregou-se lenha, e conseguiram-se algumas provisões. Continuaram a viagem, rumo direito de oeste, entranhou-se em mares ainda não devassados nem pelos portuguezes, que se achegavam ás costas africanas, para as correrem para o sul, descobrindo-lhes os portos e ancoradouros.

As ilhas Canárias, apezar de reconhecidas pelos portuguezes, Portugal reconheceu como pertencentes a Hespanha, porque reclamou que navegantes hespanhoes a tinham descoberto antes dos portuguezes e tomado d'ellas posse immediatamente em nome da corôa de Castella.

Grandes sustos assaltavam as tripolações ao passarem pela ilha de Tenerife no momento em que de seu pico saltavam chammas de fogo, que illuminavam a atmosphera! Era para elles novo o espectáculo de uma erupção vulcanica, e custou a Colombo explicar-lhes como era phenomeno natural, citando-lhes o

exemplo do Etna na Sicilia e do Vesuvio em Napoles.

Iam decorrendo os dias e as noites, andando-se sempre, e nem um signal de terra. A's vezes calmarias detinham a marcha, batendo nos mastros as velas inertes, e eil-os todos soffrendo mais que nunca os incommodos dos balanços crueis dos navios sobre as aguas aliás tranquillias.

Adiante caminhava sempre a *Pinta* por mais veleira, sustendo de quando em quando a marcha, para não separar-se das caravellas companheiras.

Tinham percorrido 200 leguas, e apenas encontraram boiando sobre as aguas um pedaço de mastro de navio. Começavam já a assustar-se os marinheiros, apesar de convencer-os sempre Colombo, que na distancia de 700 leguas das Canarias, estavam os opulentos portos e cidades riquissimas do Japão e da China, e ali encontrariam thesouros, que compensariam os seus trabalhos.

Quantos espiritos começaram a prostrar-se! Teriam dito adeus ao mundo que deixavam atraz de si?

Não veriam mais os compatriotas, os amigos, as familias, o torrão natal, tudo que o homem mais preza e mais estima na terra? Diante o chaos, o mysterio, o perigo!

Mais de um marinheiro velho chorou, lembrando-se da patria!

Quinhentas leguas estavam vencidas e nada de terra!

E o que por alguns momentos tambem abalou a coragem ferrea de Colombo, foi observar com o maximo cuidado e sciencia que elle empregava, que a agulha variava durante as noites e manhãs; tres dias meditou, observando e occultando o phenomeno.

Teria por causa a estrella polar, que como os mais corpos celestes soffria revoluções, e descrevia cada dia um circulo em derredor do polo?

Previdente como era, e advinhando murmúrios da tripolação, formava desde as Canarias dois cader-

nos de estimativa, um verdadeiro e exacto para o seu uso, e outro para ser a todos aberto e mostrado, e neste ultimo diminuia diariamente as milhas caminhadas, afim de se não amedrontarem os marinheiros com as distancias percorridas.

Felizmente para infiltrar nos animos alguma coragem, alli appareciam, de quando em quando, uns monticulos de terra com arbustos balanceados pelas vagas; acolá esvoaçava um passaro aquatico, de quando em quando, uma meia duzia d'elles, logo se mostrava.

O que produzia mais admiração aos navegantes, era a limpidez, a temperatura da atmosphera, muito menos quente, em egual latitude, que as costas das terras da Africa.

De bordo da *Nina* fez-se fogo e matou-se um dos passaros volantes, e ás vezes apanhavam-se peixes que serviam de agradavel alimento.

Em diversas occasiões illudiram-se com o aspecto de nuvens accumuladas, que figuravam terras. Disparavam então gritos de alegria, entoavam canticos de agradecimento ao céo; tombavam de novo nas apprehensões e sustos a verificarem o engano donde claramente se manifestava a decepção dos animos dos tripulantés; terras não appareciam; os indicios que se notavam, bem que se succedessem uns após outros, não bastavam para acreditar-as deante de si.

Não houve propriamente alvoroço ou revolta, mas a decepção mostrava-se tão intensa já, que se devia temel-a; manifestava-se francamente a opinião de que era mister retroceder, para não se perderem todos, homens e caravellas.

E Colombo quasi não comia e nem dormia, observando durante toda a noite os astros, relanceando os olhos pelo firmamento, procurando descobrir-lhe o termo no mysterio das aguas.

Uma vez, a 25 de Setembro, ao anoitecer, Martin Pinzon gritou da popa da *Pinta* para as duas caravellas, que tinha avistado terra e queria um premio, apontando para o S. O. e mostrando uma longa listra preta por cima dos mares, destacada no fundo do horizonte.

Todos proromperam em vivas! Repetia-se em saudações o cântico de *Gloria in excelsis*, acompanhado pelas vozes de toda a equipagem.

Eganadora illusão! Era uma nuvem que já não se via no oceano! A aurora desfizera todas as apparencias de terra, que estava a S. O., navegando-se a pannos largos, destacando-se do rumo O.

De quando em quando, repetiam-se essas scenas criadas pela imaginação e desejos dos navegantes, e nada de terra, bem que 700 leguas se tivessem já caminhado pelo oceano, pensando a tripolação que só 500 devassara. Felizmente começavam a apparecer passaros de diversas qualidades, e hervas em montes, para aliviar os sustos.

Eis que finalmente uma noite, a de 11 de Outubro, estava Colombo encostado á amurada do castello da prôa, meditabundo e abatido, como que desanimado, sentindo apenas rebentar-lhe do peito uma ultima esperanza brotada pela profunda convicção.

Perto de 800 leguas tinham andado desde a ilha de Gomera. Não dava o globo de Behain posição das ilhas de Cipango ahí por perto, segundo os livros do viajante Marco Polo? A quantidade de passaros que se encontravam no espaço, a direcção dos seus vôos não o confirmavam?

Por elles não se regulavão os portuguezes, com quem aprendera em suas viagens? Não eram frescas e verdes as hervas e arbustos que apanhavam já de sobre as aguas? Peixes verdes, só proprios dos rochedos não se colhiam aos anzões? No sombrio horizonte, ao som monotono das ondas, bramindo nos flancos do navio, não advinhavam seus olhos alguma coisa extraordinaria?

Davam 10 horas quando elle como que avistou em frente uma luzinha, que se movia. Navio não podia ser. Não havia naquellas paragens. Temendo illudir-se chamou um piloto e mostrou-a. Confirmou-lhe o piloto que era luz. Chamou outro que foi da mesma opinião. A luz ora desapparecia, ora manifestava-se claramente. Colombo ordenou que a marcha fosse

paralela e não em direitura á luz para melhor se conhecer a verdade.

Soavam 2 horas depois da meia noite, quando um tiro de peça de bordo da *Pinta* estrondou repentinamente. Todos levantam-se, correm, sobem, uns aos mastros, outros observam das amuradas. Seria de veras terra? Não equivaleria ainda uma illusão?

A terra desenhava-se agora feliz e francamente na dianteira dos navios.

Revelava-se o grande mysterio do Oceano: estava ganha a gloria para o navegador intrepido e arrojado!

Facilmente concebemos que espectaculo sublime apresentou a equipagem dessas 3 caravellas.

Estavam de veras diante das Indias? Haviam-nas descoberto? Ou que terra era essa ao Oeste em tanta distancia da Europa, em mares desconhecidos e nunca devastados?

Mandou Colombo amainar um pouco a carreira para ir a pouco e pouco melhor observando.

Na sexta feira, 12 de Outubro de 1492, ao romper da alvorada, contemplou Colombo o novo mundo, o mundo, que posteriormente foi denominado America!

Que importa que elle pensasse, como sempre pensou, e morreu ainda assim pensando, que descobrira as ilhas e as costas Indiatias, e não um novo hemispherio, collocado entre a Europa e a Asia, e correndo de um para outro pólo!

Não tinha com o seu genio, seus estudos e trabalhos percebido terras novas defronte da Africa e Europa?

Não fôra elle o primeiro europeu a seguir esse caminho directo de Oeste, em vez de procurar pelo Cabo da Boa Esperança, dobrado em 1486 pelos portuguezes, que persistiam em dalli continuar, seguindo rumo para o Oriente, o que triplicava, quadruplicava a distancia e duração da viagem?

Para Colombo não havia duvida mais, estavam lá as Indias, e ás terras que foi então descobrindo foi dando o nome de Indias Occidentaes, como costas oppostas ao Indostão que os portuguezes procuravam.

A terra que via Colombo defronte de si pareceu-lhe

uma ilha, não montanhosa, mas coberta de espessos e altos arvoredos. O aspecto encantava, e á proporção que os navios se approximavam, foram apparecendo homens, sahindo dos bosques, e que se collocavam curiosos nas praias a olhar para as caravellas.

A atmosphera diaphana, perfumada, mais ainda o enchia de contentamento e enthusiasmo.

Lançam-se ao mar as ancóras. Tres chalupas enchem-se de homens armados.

Colombo embarca-se em uma, coberto com um manto encarnado, de espada em punho e sustentando em um braço o estandarte real de Castella e Aragão.

Os dois irmãos Pinzons entram nas outras duas.

Rema-se para terra. Os habitantes curiosos fogem para os bosques. Colombo salta: ajoelha-se, rende graças a Deus, beija o chão, e derrama lagrimas de alegria. Resoam os ares com canticos a Deus em côros repetidos.

Colombo então estende a espada, levanta o estandarte, e, rodeado dos companheiros, declara a terra de posse e de propriedade da rainha de Castella e do rei de Aragão, e seja chamada S. Salvador.

Manda pelo escrivão lavrar termo com todas as formalidades e jura aos Santos Evangelhos, que na qualidade de almirante e vice-Rei em que se considera agora, obedecerá sempre ás regias magestades, que representa como subdito fiel e dedicado.

Todos saúdam, applaudem o chefe, proclamam a sua autoridade, juram-lhe egualmente obediencia.

Os naturaes da terra descoberta, notando a attitude tranquilla dos invasores, vão perdendo os sustos, de que a princípio se tinham apoderado, sahindo dos bosques e apparecendo homens, mulheres, todos nús, de uma côr de cobre, cabellos pretos e compridissimos, ás vezes pelo corpo, pelos narizes e rostos pinturas toscas com tintas differentes, talhe ordinario e elegante.

Mais se confirma Colombo que está nas Indias, porque Marco Paulo dizia, que a côr dos Indios não era branca como a dos Europeus; e que na China, Japão, e Tartaria, puxava ella para o bronzeado e amarello.

—Mas como estavam nós? Como não via habitações? cidades taes e tão ricas como Marco Polo apregoara,

—Dirigiram para os gentios signaes de chamada, gestos de caricias, mostrando-lhes bugigangas de pedrinhas, rosarios de contas, carapuças coloridas, exprimindo palavras meigas e amigaveis, mas não se entendiam. Mas pouco a pouco se lhe foram os gentios aproximando, empunhando apenas lanças pontudas de páo, recebendo os presentes e mostrando-se contentes e alegres.

Ao cahir da tarde retiraram-se os hespanhões para bordo das caravellas; no dia seguinte viram, antes de desembarcarem de novo, numerosos gentios, nadando á roda dos navios e batendo palmas, como para saudal-os, e muitos em canoas compridas, ou pírogas movidas com remos. Trouxeram de terra bolos ou pães de mandioca, que offereceram aos navegantes europeus.

Ficaram travadas as relações.

Voltaram á terra os hespanhões. Perceberam então pequenos ornamentos de ouro, de que os gentios, usavam, e que trocavam por bugigangas, rosarios e carapuças.

Colombo prohibiu logo o trafego do ouro, por pertencer á corôa por seu contracto.

Perguntou-lhes por signaes onde estava o ouro, e elles apontaram para o lado do sul. Havia pois terras ao sul, e nellas ouro. O ouro era o principal incentivo dos aventureiros.

No dia 14 o almirante reconheceu, em chalupa, as costas da ilha, e viu ao pé uma outra pequenina, que hoje se chama Watling, e que era a que lhe mostrara a luz, que elle descobriu na noite de 11. Arvoredo espesso, excellentes viveiros, praias faceis, e umas pequenas aldeias nos bosques.

Tomou o almirante a seu bordo 7 gentios, na intenção de ensinar-lhes castelhano e servirem elles de guias e interpretes. Prestaram-se elles de boa vontade, convidados com caricias.

Deixou a ilha de S. Salvador e seguiu rumo do sul,

e o mais lindo panorama se desdobrou então aos seus olhos.

Numerossimas ilhas coalhava os mares; e cada vez mais acreditava Colombo que estava nas Indias, porque Marco Polo declarara, que o Cipango continha uma enorme quantidade de ilhas, abundantes de especiarias e arvores odoríferas.

Em uma desembarcou, dando-lhe o nome de Conceição, povoada como S. Salvador, depois em outra, que chamou Fernandina, logo apóz em uma terceira, cujo aspecto o inebriou, e por isso lhe poz o nome de Izabel; o mesmo espectáculo presenciou em todas, cobertas de arvores gigantescas, gentio manso e tranquillo.

Passando pelo meio dessas ilhas proseguiu para o sul, apontado pelos guias gentios de S. Salvador.

Chegou a uma terra immensa e desembarcou em um excellente porto da parte do norte, onde corria um rio copioso, por cujas aguas foi subindo facilmente.

Maravilhado ficou pelo esplendor e magnificencia da terra, dos passaros multicores, das plantas que descobriu, dos pinheiros e arvores fructíferas e desconhecidas pelos europeus.

Todo admirado Colombo exclamou! Eis os campos Elyseos! Não será Cipango? Esta era a ilha de Cuba que elle descobriu, e a qual intitidou Joanna, por ser este o nome da princesa hespanhola, que então vivia.

Viu maior quantidade de ouro nos ornamentos dos gentios, mas não lhes entendeu a linguagem; nem o arabe, nem o chaldeo fallavam; pelos signaes com que elles respondiam, mostrando-se-lhes ouro, logo atinou que o ouro vinha de fóra do paiz mais ao Oriente.

Viveu perfeitamente em paz com os gentios de Cuba, e gastou dias em reconhecer parte das costas do norte da ilha.

Mas elle queria encontrar povos civilisados, ricos, e portanto não reparava nas ilhas descobertas.

Deixou Cuba portanto, estabeleceu a derrota para o ponto designado pelos gentios de Cuba, sempre que se lhe fallava em ouro.

Navegou sempre para E. S. E., e no dia 5 de Dezembro achou-se defronte de Hayti, que denominou Hespanhola, e é tambem conhecida pela ilha de S. Domingos.

Antes de continuarmos a seguir Colombo em sua excursão pelas ilhas interiores do mar das Antilhas, estudemos um pouco a geographia e topographia das localidades, afim de colher maiores esclarecimentos que bem elucidem as peripecias do descobrimento.

Entre a ponta da Florida aos 25 grãos de latitude norte até as boccas do rio Orinoco aos 9 grãos, estreta-se a terra americana pelo lado occidental, e fôrma um isthmo, que liga 2 grandes continentes, abrindo uma larga bahia ou mar, que se chama das Antilhas, no fundo do qual se escondem, golphos importantes, como o do Mexico, de Honduras, de Darien e outros.

A bacia que propriamente se appella mar das Antilhas, contém em seu seio ilhas como Cuba, Jamaica, Haity, e pela parte oriental onde se confunde com o Atlantico é toda fechada por uma muralha ou linha quasi simetrica de ilhas maiores e menores, chamando-se as da parte do norte Lucaya, e as do sul Caraibas.

Entre aquellas penetrara Colombo, quando descobriu S. Salvador.

Está S. Domingos ou Haity, quasi a 20 grãos de latitude norte. Foi ahi que Colombo mais encantos encontrou, e foi a ilha que elle mais amou e sempre favoreceu. O clima, o solo, as florestas, as flores, a posição, as minas de ouro que desde o principio lhe annunciaram existir nas montanhas do interior; todas estas circumstancias afeiçãoaram-lhe estima, sympathia particular, considerando-a qual a ilha do Offir, onde diz a biblia, que o rei dos judeus, Salomão, mandava navios buscar ouro.

Colombo morreu ainda com esta convicção de que era o Haity a ilha indiatica do Offir.

Tratou logo Colombo de firmar pazes com os gentios, e fundar ahi o dominio hespanhol, como em um centro que lhe abrisse as relações para as Indias quer

insulares, quer do continente asiatico, que perto deviam achar-se.

Mostravam-se os gentios, seus habitantes, amigos e innocentes, como os das outras ilhas que visitara, menos selvagens todavia, porque observava aqui signaes de cultura de algodão, ainda que agreste, caminhos traçados por entre os bosques, aldeias irregulares, onde se recolhiam.

Com um cacique respeitavel abriu relações, apresentou-o, visitou-o, recebeu-o a bordo, banqueteceu-o agradavelmente.

Infelizmente, na noute de Natal, descuidos dos officaes de quarto deixaram a sua caravella ser arrastada pelas correntes impetuosas das costas, e ella enterrou-se em areias, de onde os mais diligentes esforços, não a poderam arrancar.

Perdida, naufragada assim a *Santa Maria*, seus tripolantes desembarcaram parte, e parte com Colombo transferiram-se para a *Niña*.

Encontrou Colombo, em um cacique importante por nome Guanacaguary, auxilios para o salvamento de tudo o que havia a bordo do navio naufragado.

Cuidou incontinentemente de fundar uma fortaleza, a que deu o nome de Natividade; nella depositou algumas peças de artilheria e gente para guarnecel-a, e dispoz-se logo a voltar para a Hespanha, levar as noticias de seus descobrimentos e viagens, e pedir reforço de gente afim de povoar os continentes e firmar as conquistas realisadas.

Não queria deixar S. Domingos, sem que alli permanecessem hespanhóes como nucleos das povoações futuras, defendidos pela fortaleza levantada e ligados pela sympathia com os gentios.

Convinha impôr a estes estima e respeito, de modo que ao regressar elle para S. Domingos, pudesse livremente continuar em suas empresas maritimas e em suas conquistas de terras.

Muitos marinheiros hespanhóes, agradados do clima e do gentio, prometteram-lhe ficar em terra. As duas caravellas, que sobravam, não podiam conter a equipagem das tres que commandava, tanto mais que

perdida fôra a maior, que contava 70 homens, e foi grande o seu prazer ao acceitarem 40 a proposta de occuparem a fortaleza, e desde logo devotou-se á ideia de partida.

Enlevou-se-lhe a imaginação em vôos altanados, em allucinações místicas, em projectos extravagantes.

Não annunciara no seu jornal de bordo que Isaias o amparava e impellia para espalhar por todas as partes do mundo que encontrasse, a religião do crucificado?

Não estava talvez predestinado para augmentar a influencia da igreja catholica? Não poderia igualmente arrecadar nos paizes conquistados riquezas taes que lhe facilitassem os meios de ir com um exercito poderoso salvar o tumulo de Jesus Christo, e repor e firmar em Jerusalem o culto do verdadeiro Deus?

- Não era isto para elle um sonho; era um desejo, uma ancia, uma inspiração do céu, que lhe parecia sorrir como ideia realisavel, tão pratica e facil como fôra o descobrimento das Indias occidentaes.

Afim de conseguil-o carecia de gente, de armas, de soccorros de Castella, e seu proposito, regressando á Hespanha, era enthusiasmar os monarchas e povos, e alcançar delles os elementos precisos com que voltasse habilitado para grandiosos empreendimentos.

Em Genova estava sua familia carnal, seu berço; Hespanha, porém, agora, Hespanha que o coadjuvara nos seus heroicos designios, tornara-se sua patria de adopção, e pela Hespanha, e gloria da Hespanha convinha-lhe sacrificar-se pela victoria da religião catholica.

Exaltado o espirito, inundou-se de visões; é assim organizado o genio, infiltra-se-lhe um atomo de loucura, e extravagantes actos que sô brotam do mysticismo das idéas que o dominam.

Aquella atmosphera de Hespanha do 16.º seculo respirava o mysticismo, a allucinação, e não havia resistir-lhe.

Colombo, que já se pode dizer hespanhol, Ignacio de Loyola, Santa Thereza de Jesus, e outros tantos en-

genhos superiores, perdem-se nesta abstracção de idealidade mística, de arroubos espirituaes, de singular natureza.

Firme no proposito que amadurecera, fortifica seriamente a Natividade com armas e 40 homens, aos quaes nomeia chefes, entrega-lhes o forte da Natividade, dá-lhes instrucções miudas para viverem bem com os gentios, recommenda-lhes paciencia e prudencia, e jura-lhes que voltará breve para o meio delles, trazendo-lhes milhares de companheiros, e premios de preço pelos seus serviços e denodo.

Com as equipagens de tres navios, não se consegueriam as grandes emprezas que agora começam; de Hespanha deverão vir os auxilios de gente para levá-las ao cabo. Aos que ficam cabem mais honra e mais gloria que aos que o acompanham á volta da patria.

Alcança assim obediencia e prepara-se para a viagem.

Aprestadas convenientemente as duas caravellas, carregadas com pequenas quantidades de algodão, que conseguira, de muitas plantas exóticas e aromaticas, papagaios e aves desconhecidas, de colorido deslumbrante, macacos, e uma duzia de gentios que se prestou a segui-lo, despediu-se Colombo amigavelmente dos 40 companheiros que ficaram no forte da Natividade e do cacique seu amigo, e fez-se de vela, seguindo rumo de N. E. em direitura a Hespanha: Colombo tomara o commando da *Pinta*.

Feliz e quasi tranquillá fora a viagem para as Indias; a volta porém tornou-se difficil, trabalhosa e perigosa. Mais ao norte dirigindo-se, encontraram mares bravios, romperam grandes temporaes, e as duas pequenas caravellas por vezes sossobraram no meio das aguas do Atlantico, batidas fortemente e inundadas pelas vagas furiosas. Quantas vezes anteviu Colombo perdido todo o seu trabalho! E que dôr o assoberbava, lembrando-se que outro não descobria esse caminho das Indias, que elle conquistara com o seu arrojo e fé, caso morresse nos mares, e com elle seus companheiros, sem que á Hespanha chegassem

notícias! Que pericia não lhe foi preciso applicar ao governo dos navios, que coragem mostrar para animar as equipagens estafadas e desesperadas!

Quantas promessas á Virgem Santissima, aos santos predilectos, caso se salvassem!

Avistaram felizmente a ilha de Santa Maria, no Archipelago dos Açores, depois de andarem muitos dias á matroca das duas caravellas, entregues ás correntes do oceano, impellidas para onde os ventos as empurravam, sem poderem usar das vellas, porque seria umperigo, nem tomarem alturas por falta de sol e de estrellas, coberto o céu sempre de nuvens negras!

Com difficuldades obteve Colombo que as autoridades portuguezas da ilha lhe garantissem concertos nas caravellas e lhe prestassem alguns soccorros de viveres.

Ao deixar Santa Maria nova tempestade irrompeu e tão impetuosa, que se separaram de uma vez a *Pinta* e a *Nina*.

Colombo por seu lado tratou de procurar abrigo na primeira costa, e avistando as montanhas de Cintra, penetrou no Tejo com o seu navio, enquanto que a *Nina* commandada por Martin Pinzon, arribada mais para longe, seguiu rumo differente.

Êspanto geral foi o da população de Lisboa ao perceber a caravella de Colombo raiar a barra, subir o Tejo, fundear defronte de Belém; e visitada, dar informações que Colombo descobriu as Indias pelo occidente.

D. João 2º o mandou logo ir á sua presença, interrogou-o, ouviu-o attentamente, e louvou-lhe a façanha em termos lisongeiros e agradaveis, não manifestando a menor decepção ou despeito, acolhendo-o aliás com cavalheirismo.

Despediu-o com presentes, para livremente seguir para a Hespanha, depois de receber os soccorros de que carecia. De Lisboa tomou Colombo rumo marítimo para o sul, e dobrado o cabo de S. Vicente entrou na barra de Saltes, na manhã de 15 de Março de 1493, e ao meio dia, subindo o rio Tinto, fundeava

em Palos, depois de quasi oito mezes de ausencia, que tanto durara a sua excursão maritima.

Caso inesperado! Apareceu e chegou na tarde do mesmo dia a Palos a caravella *Niña*, cuja vista e noticia perdera Colombo desde a altura dos Açores.

Imaginae as impressões, as sensações, as alegrias, os exultamentos, os transportes, a admiração dos habitantes de Palos, ao reverem seus parentes, amigos e patricios, ao saudarem a empreza portentosa que se cometera, e que ninguem acreditou que pudesse ser realisada.

Tinham-se descoberto as Indias, e era a Hespanha que se gloriava do feito, e antes que Portugal as deparasse.

Por quasi um seculo inteiro Portugal as procurava em vão, enquanto que logo a seu primeiro ensaio de navegação maritima, ao primeiro e fraquissimo commettimento que praticara a Hespanha, com tres miseraveis caravellas, abriu o caminho da Europa para as Indias.

Não se devia tudo ao genio de Colombo? A' sua audacia, á sua pertinacia, á sua paciencia, á sua sciencia, a seus trabalhos? Não arriscara o seu nome, sua vida, em serviço e gloria da Hespanha?

Pensavam-no perdido, morto talvez, porque nenhuma confiança depositavam, nem sabios, nem povos, em sua temeraria e louca empreza, e eis-o com os seus navios, radioso, triumphante, coberto de glorias.

Todos correram a recebê-lo, a vê-lo, ouvi-lo, a perguntar noticias dos amigos, das terras descobertas, dos novos mundos das Indias!

Com grande difficuldade poudo desembarcar, dirigindo-se á egreja para render graças a Deus!

As ruas cobriram-se de folhas de arvoredos, as casas ornaram-se de cortinas, aos ares subiram os fogos, estrondaram as peças de artilheria, repicaram festivamente os sinos, repercutiram os gritos e saudações por toda a parte.

Foi para Palos um dia de incomparavel jubilo, de alegria louca, de transportes patrioticos!

Reis não são acclamados com mais espontaneidade e enthusiasmo! Como que um delirio se apoderara dos animos.

Sabendo Colombo que os reis catholicos estavam em Barcelona, para elles escreveu logo e fez partir emissarios communicando-lhes a sua chegada.

Depois de abraçar o seu amigo, o prior João Perez, a quem tanto devia, partiu para Barcelona, levando em seu sequito os gentios que trouxera, e cujas figuras causavam espantosa admiração, e as provas que trazia das terras descobertas, os ornamentos de ouro que colhiera, o que mais se ambicionava.

Por toda a estrada que vae de Palos para Barcelona derramavam-se enormes multidões de povo, todas as autoridades tomavam as suas togas, os alcaides, corregedores comprimentavam-no com o maior respeito, os sacerdotes benziam-no cobertos das mais esplendidas vestes, o povo applaudia-o freneticamente, e todos saudavam-no estrepitosamente.

Era uma marcha triumphal, superior a todas as honrarias dos grandes vencedores romanos, dos maiores imperadores e guerreiros do mundo, voltando de suas conquistas e carregados de despojos e prisioneiros; o grande Colombo fez mais, descobriu um novo mundo, conquistou vastas terras, sem derramar uma gotta de sangue.

Nas grandes e pequenas cidades que atravessava, ruas, casas, edificios, se paramentavam espontaneamente, levantando bandeiras, espalhando illuminações, tocando sinos, troando a artilheria e resoando os ares com vivas e gritos entusiasticos, e sons de musica estrondosa.

Custava-lhe escapar á curiosidade das populações, que a cada passo estorvavam-lhe a marcha.

A exaggeração dos seus feitos inventava prodigios, e coroava-o como ente extraordinario e sobrenatural.

Que admiração pelos gentios, pelos macacos, pelos papagaios! Que esperanças no ouro! Tudo era assombro! Seria milagre, sim, que os hespanhoes de então acreditavam em toda a especie de milagres.

Entrou em Barcelona acompanhado por clérigos, fidalgos, autoridades, militares, pessoas de todas as classes, que o acompanhavam, uns desde Palos, outros, juntando-se-lhe pela estrada.

Acolheram-no os reis catholicos com a maior amabilidade, cercados de toda sua esplendida e luxida cõrte, e chegou Colombo para perto delles, levantando-se do throno, abraçaram-no, mandaram-no sentar a seu lado e ouviram-no com a maior attenção e curiosidade.

Te-Deum nas egrejas, musicas pelas ruas, trophéos e arcos, illuminações, tudo manifestava a gloria de Colombo, e os reis de Hespanha passeavam com elle pelo meio do povo, para o honrarem e engrandecerem.

Decretaram os reis um premio de 30 cordões de ouro a Colombo, por ter sido o primeiro que avistara terras das Indias, e realmente foi o primeiro que descobrira a luz nocturna na ilha de Watling, proxima da de S. Salvador.

Decretaram igualmente armas para sua familia com a legenda:

Por Castilla e por Leon
Nuevo mundo alhó Colon.

Partiram incontinentemente para a França, Italia, Alemanha emissarios regios, annunciando que Colombo descobrira as Indias para a Hespanha.

Os reis catholicos ostentavam-se vangloriosos dos feitos de Colombo, e prometteram-lhe coadjuval-o em tudo o que meditasse e emprehendesse. De Roma não tardaram embaixadores que o Summo Pontifice enviara, para congratular-se com Isabel e Fernando.

Uma bulla foi logo promulgada na cidade eterna e communicada aos reis hespanhoes, com data de 3 de Março de 1494, concedendo-lhes o papa, no tocante ás regiões descobertas por seus subditos, as que Portugal recebera no tempo do infante D. Henrique de Vizeu.

Para que não se travasse conflicto entre as duas cordões, que tinham entrado em empresas de conqui-

tas ultramarinas, firmou tambem o Summo Pontifice na referida bulla traçando uma linha ideal do polo do Norte para o polo do Sul, a cem leguas ao Oeste das ilhas dos Açores e de Cabo-Verde.

Para o poente pertenceriam as terras a Portugal, para o Occidente a Hespanha.

Assim decidia o papa da sorte do mundo, não sendo de estranhar que o rei da França perguntasse-lhe, em que verba do testamento de Adão achara Sua Santidade o direito de distribuir os territorios do globo.

Convencidos os reis em presença da exposição pomposa que lhes fez Colombo das grandezas das ilhas indiacas que descobrira; das vantagens que havia fazendo dellas suas conquistas, e povoando-as de hespanhoes; do ponto do apoio que alli deparariam, para estender suas relações e dominação ás Indias; convencidos tanto mais que apresentando-lhes Colombo os gentios explicava-lhes que eram da raça das Indias e barbaros, segundo ensinavam os livros dos viajores que tinham visitado aquellas partes do mundo, conformes em tudo, traços, côr e formas, e doceis, não se demoraram em expedir ordens para se apromptar uma pequena esquadra de navios, embarcar-se nella grande quantidade de gente, artilheria, armas e munições, cavallos, gado e o que mister fosse para lá empregar, pondo tudo á inteira e exclusiva disposição de Colombo, afim de voltar ás descobertas, munido de elementos poderosos com que praticasse a guerra, sendo preciso, e firmasse posses da corôa, que durassem e excluisssem alheias pretensões.

BIOGRAPHIA DE COLOMBO

O descobridor da America nasceu nas terras da republica de Genova em 1436 ou 1441.

Diz-se que descendia de uma nobre familia, mas seu pae era tecelão, e Colombo que não se sentia com vocação para seguir o officio de seu pae, depois de ter aprendido um pouco de latim, frequentou na Universi-

dade de Pavia as aulas de geographia, cosmographia, astronomia, geometria e desenho.

Começou a navegar de idade de 14 annos, percorreu primeiro o Mediterraneo, depois fez uma viagem á India, e como a curiosidade dos descobrimentos marítimos começava a ser geral, o navio em que elle ia passou para o norte da India, e entrou alguns grãos pelo circulo polar.

Voltando á sua patria, entrou no serviço de um famoso capitão de navio, que frequentemente combatia os turcos e os venezianos. Com elle se foi aperfeiçoando no conhecimento de navegação, costumando-se aos perigos da guerra.

Uma vez que saíra do Mediterraneo, e que na altura da costa de Portugal travou combate com umas velas venezianas, pegou fogo no navio, e Colombo, excellente nadador, atirou-se e conseguiu chegar á terra, são e salvo.

Aqui temos pois Colombo lançado por um desastre na costa de Portugal. Nenhum paiz podia servir, melhor do que este, ao seu genio e á sua audacia. Muitos genevezes, que estavam em Lisboa, aconselharam-lhe que ficasse alli, e elle, vendo que effectivamente em Portugal é que podia dar largas aos projectos que tinha, condescende com isso.

Relacionando-se, como era de esperar pelas suas predilecções, principalmente com os navegadores portuguezes, veio Colombo a casar-se com a filha de Bartholomeu Perestrello, donatario de Porto Santo, e com ella passou para a ilha pertencente á familia dos Perestrellos, onde mais facil lhe seria meditar nos seus estudos favoritos, e encetara sua viagem.

Em tudo isso pensava elle, quando sosinho nas praias do Porto Santo passeiava, cravando os seus olhos nas vagas, que desdobravam no horizonte a sua cortina espumosa. O tracto com os navegadores portuguezes ainda mais o confirma nessa supposição. Os papeis de seu sogro e as relações dos marinheiros com quem fallava, robusteciam cada vez mais a convicção que possuia.

Um piloto, Martín Vicente, disse-lhe, que navegan-

do ao oeste dos Açores, tomara das ondas um pedaço da madeira lavrada artisticamente, posto que não fosse com instrumento de ferro; o mesmo succedera a Pedro Correia, casado com a irmã da mulher de Christovão Colombo, que também o disse ao genovez.

Os colonos dos Açores disseram-lhe da mesma forma, que, quando o vento soprava do poente, o mar arrojava-lhes ás praias arvores exóticas, e uma vez até cadáveres de homens de extranhas physionomias. Tudo isso confirmava Colombo no seu pensamento, e escreveu ao celebre astronomo Toscanelli, communicando-lhe as suas idéas.

Toscanelli aprovou-lh'as vivamente, e mandou-lhe um mappa, em que a costa da Asia ficava muito proxima da costa occidental da Europa, ficando no meio as ilhas de Cypango e de Antibis.

Fundado em tão autorisada approvação, Christovão Colombo offereceu-se a D. João 2.^o, que acabava de subir ao throno, para encontrar a India, caminhando para o occidente.

D. João 2.^o submetteu o projecto a uma commissão de astrónomos, composta de 2 sábios, bem como o bispo de Ceuta, e a commissão regeitou unanimemente o projecto como absurdo; el-rei consultou ainda uma nova junta scientifica, que foi da mesma opinião que a primeira.

Foi Colombo com frequencia á costa de Guiné, e adquiriu nessas viagens muito maior pratica de navegação do que podia ter adquirido a bordo dos navios da sua patria.

Foi na ilha de Porto Santo, face á face com a magestosa amplidão do Oceano, que a idéa de encontrar a India caminhando para o Occidente, affagou mais de uma vez a imaginação ardente e entrou no vasto espirito de Colombo; e instruido, conhecedor da antiga litteratura, não ignorava elle de certo a vaga tradição da existencia de terra para o Occidente.

Um dos seus livros favoritos era o «Imago Mundi», de Pedro de Ailloz, onde se affirma com persistencia essa tradição. O exemplar que pertencia a elle, foi doado por seu filho Fernando á Cathedral de Sevilha,

onde ainda hoje existe, e vê-se litteralmente coberto de notas marginaes da letra do navegador.

O que elle pensava porém era que navegando para o Occidente havia de encontrar a India, e pensava-o, porque entendia que era impossivel que o Oceano se estendesse tão longe sem haver uma terra que equilibrasse o continente europeu, e suppunha que esta seria o prolongamento da India, porque os livros de John Mandeville e de Marco Polo davam da grandeza da Asia uma idéa exaggeradissima.

Assim perdeu Portugal um mundo, e com tudo não se pôde deixar de comprehender, e até de desculpar o procedimento das duas juntas, pois o projecto de Colombo vinha por assim dizer inutilisar os trabalhos dos portuguezes até então.

Elles que se obstinaram com razão em demandar a India pelo sul, que nesse sentido tinham dirigido as suas operações, não podiam acceitar de um momento para outro essa mudança de direcção.

Comtudo, D. João II que, a cada instante, enviava navios e navios em viagens sem resultado, podia perfeitamente ter confiado duas caravellas a Christovão Colombo: dizem os biographos do descobridor, que o rei mandou secretamente uma caravella na direcção que Christovão Colombo indicava, tentando, assim, furtar-lhe a gloria.

Parece isso completamente absurdo! Que importava a D. João II, que fosse nascido em Portugal ou na Italia, o homem que lhe lançasse as Indias aos pés? Não navegara Cadomosto, o veneziano, em caravellas portuguezas, não as commandara, não fizera o mesmo o genovez Antoniotto Ucodimare, não procedera de modo identico um fidalgo dinamarquez? E' possivel que algum inimigo tentasse a aventura á sua custa; que fosse el-rei, achamos perfeitamente absurdo.

Mas em todo o caso Christovão Colombo sahio de Portugal em 1484, e foi offerecer seus serviços á Hespanha, á Génova, á França, á Inglaterra e todos lh'os rejeitaram.

Descoroçoado, tornou á Hespanha e, á força de

instancias, de supplicas, e graças á sympathia que soube inspirar ao grande espirito de Isabel, a catholica, conseguiu enfim, depois da conquista de Granada, que lhe dessem tres navios, com os quaes sahiu do porto de Palos, na sexta-feira 3 de Agosto de 1492.

O que elle padeceu durante a viagem, sabem-nos todos, com o receio de se ter enganado, como teve de reprimir o descontentamento já transformado em revolta dos seus marinheiros, como lhes pediu que lhe concedessem um praso de tres dias, findo o qual, si não se encontrasse terra, voltariam para a Hespanha.

Todos os signaes contudo lhe indicavam já a approximação de terra, e effectivamente, na sexta-feira 12 de Outubro de 1492, Christovão Colombo chegava a uma ilha, a que os naturaes chamavam Guanahani, e a que elle chamou S. Salvador; julgava-se já chegado á India e chamava Indios aos habitantes, e á grande ilha de Hespaniola, Haiti ou S. Domingos tomava pelo Cipango de Marco Polo.

Voltando á Hespanha, passou pela ilha de Santa Maria, do Archipelago dos Açores, entrando no porto d'esta ilha no dia 18 de Fevereiro de 1493.

O donatario d'esta ilha quiz prendel-o, só pelo facto d'elle ser estrangeiro, e de andar navegando em mares, que pertenciam exclusivamente aos portuguezes; não tardou porém a desistir desse projecto, e Christovão Colombo singrou para a Europa.

Uns opinam que foi uma grande tempestade que o obrigou a arribar á Lisboa; outros que foi o seu orgulho, que quiz ter o seu triumpho, isto é, mostrar aos que o tinham taxado de visionario, que advinhara o que elles não presentiam, e mostrar ao rei D. João II que fizera mal em desprezar os offerecimentos do genovez.

Estava el-rei no Valle do Paraizo quando soube da chegada de Christovão Colombo, que foi no dia 6 de Março;—mandou-o ir a sua presença, tratou-o affavelmente, posto que bastante mortificado no intimo

por ter desdeenhado do mundo, que fora Colombo lançar aos pés dos seus mais felizes rivaes.

Diz um autor portuguez, talvez um pouco despeitado, que o genovez não teve bastante modestia, para conter as explosões do seu orgulho justamente satisfeito, e os fidalgos, irritados com a jactancia do estrangeiro, aconselharam ao rei que o mandasse matar, promettendo-lhe que o matariam elles, sem que se pudesse suspeitar que tivera sua alteza a minima culpa; mas D. João II com o seu animo verdadeiramente grande e regio não quiz em tal consentir.

Pelo contrario, tratou Christovão Colombo com as maiores honras, viu com curiosidade os specimens que elle trazia dos habitantes e dos productos dos paizes novamente descobertos, e despediu-o no dia 13 de Março, deixando-o partir livremente para Hespanha, onde o almirante chegou no dia 15 desse mez, espalhando-se logo a noticia por todo o reino, acompanhado do indiscriptivel entusiasmo e nunca visto alvoroço.

Recebido brilhantemente, e confirmados pelos soberanos todos os postos e privilegios que elle para si e para a sua familia pedira antes de partir, nesse mesmo anno empreendeu segunda viagem, em que descobriu a Jamaica, a Guadalupe e outras Antilhas, explorou Cuba, começou a sua colonisação, e tres annos se demorou nessa segunda viagem, voltando á Hespanha em 1496.

Em 1498 tornou a demandar os paizes que descobrira, e então descobriu a terra firme, percorreu a costa da America, desde o Orenoco até Caracas, e teve de reprimir sedições, e de recambiar para a Hespanha alguns descontentes que deram pezo, com as suas calumnias, ás accusações dos seus inimigos, dos seus invejosos.

A côrte, como já não precisasse d'elle, começou a lamentar ter-lhe concedido tantos privilegios, e prestando ouvidos ás accusações dos seus inimigos Fernando e Isabel ordenaram um inquerito sobre o procedimento de Christovão Colombo, e encarre-

garam desse inquerito um homem violento e brutal, Bobadilla, que não se envergonhou de enviar preso para a Europa, e carregado de ferros, o grande homem a quem a Hespanha devia um novo mundo.

Os reis catholicos não approvaram o procedimento de Bobadilla, mandaram logo soltar Colombo e demittiram o insolente que o prendera, e que voltando para Europa morreu num naufragio; mas não restituiram tambem a Colombo o governo dos paizes por elle descobertos, e o nomeado para esse logar foi Ovando.

Colombo ainda poude emprehender uma quarta viagem em 1502, não só sem receber o governo, mas até prohibindo-se-lhe expressamente que fosse a S. Domingos.

Que miseria! Viu-se nessa viagem o descobridor da America vaguear nos mares descobertos pela sua audacia, sem ter um asylo na terra cuja existencia elle presentira, e em que ninguem acreditara, repellido dessa Hespaniola, cuja posse os reis catholicos a elle e só a elle deviam, por Ovando, seu indigno rival.

Nessa viagem descobriu Veragua e um porto da costa do Mexico; e açoitado pela tempestade, não podendo procurar asylo num porto amigo, teve de refugiar-se numa bahia de Jamaica, luctando a cada instante com as insubordinações dos seus soldados, não obtendo viveres dos indios, senão á viva força.

Voltou á Hespanha e encontrou morta a sua protectora Isabel;—Fernando não fez caso algum das suas supplicas e das suas reclamações, e Colombo morreu pobre e abandonado em Valladolid no dia 20 de Maio de 1506. (*)

Dizem que Colombo não tinha qualidades para governar uma colonia, que promovia revoltas entre os seus marinheiros, e que a essas revoltas não sabia depois reprimir; finalmente que não pensava senão

(*) «Revista do Instituto», Vol. 2, 2—(Christovão Colombo, sua patria e seus tumulos); Candido Costa, «O Descobrimento da America».

em encontrar ouro, e que tratava duramente os índios.

Mas si essas acusações mesmo fossem verdadeiras, era claro, que o primeiro dever dos reis catholicos seria indemnisar, languissimamente, Christovão Colombo com honras e riquezas da perda da sua vice-realeza; e além disso, si Christovão Colombo se mostrou rude com os índios, os seus successores mostraram-se crueis e sanguinarios.

Christovão Colombo foi de tal forma victima da injustiça, que até o nome da terra que descobrira foi tomado do nome de Americo Vespuccio, e não do seu nome glorioso, embora tivesse Colombo morrido, sem imaginar que descobrira um continente novo, sempre com a idéa de que abordara ás praias asiaticas.

Depois fez-se a reacção; os descendentes de Colombo receberam o titulo de duques de Veragua, nome da ultima terra descoberta por Christovão Colombo, e o brazão de armas da familia do grande descobridor lembrava a glóriosa façanha, que tornara celebre o seu nome.

A Castilla y a Leon Nuevo mundo dió Colon.

Finalmente em 1536 S. Domingos reclamou a honra de acolher na sua Cathedral as cinzas de Christovão Colombo, e quando em 1795 os bravos foram expulsos da ilha de S. Domingos, as cinzas de Colombo foram transportadas, ao som das salvas de artilheria, para a cathedral de Havana, e escoltadas por uma esquadra hespanhola, que prestara regias honras.

Ha pouco tempo espalhou-se o boato, que parece ser inexacto, de que o clero de S. Domingos, desejoso de conservar na sua igreja os restos do grande homem, enganara os hespanhóes, dando-lhes um cadaver obscuro, em vez de lhes dar o cadaver de Christovão Colombo; e tentou-se por mais de uma vez obter em Roma a canonisação do heroico navegador, baseada na sua incontestavel piedade, no seu espirito christão, revelado pelas suas cartas e mais es-

criptos, e pelo seu grande martyrio, nos ultimos annos de sua vida.

A reacção em favor de Colombo, que appareceu depois da sua morte, foi muito justa, e lhe competia pelos famosos e esplendidos factos da descoberta do novo mundo. Embora não advinhasse, que existia no seio do grande mar Atlantico um mundo desconhecido, elle suppoz como todos os mais eminentes homens da sciencia, que geralmente reconheceram, deduzindo-se isso facilmente do principio da espheroicidade da terra, *que havia pelo lado occidental um caminho para as Indias*; e todos os celebres navegantes, e principalmente os portuguezes, supuzeram com toda a razão, que si a America não existisse, a extensão de mar entre a Europa e a Asia seria tão extraordinariamente enorme, que parecia invencivel temeridade, arriscar a vida dos marinheiros e a perda certa dos navios, em uma viagem longuissima, e talvez interminavel.

Christovão Colombo teve porém tambem o sublime presentimento, que se transformou, como todos os presentimentos do genio, em arraigada convicção, de que o mar não podia ser tão amplo, e de que devia haver terra mais proxima.

Surgiu-lhe a America exactamente, como annos depois, surgiu o Brazil aos olhos de Pedro Alvares Cabral, e em nada prejudica esse facto a immortal gloria do grande navegador genovez, o symbolo do genio das descobertas.

Americo Vespuccio, cujo nome foi acceito para as terras do novo mundo, nasceu em Florença em 1451, e depois de bons estudos feitos com o auxilio do seu tio Antonio Vespucci, grande sabio italiano, partiu para a Hespanha em 1490, dedicando-se á vida commercial e empregando-se em casa d'um armador italiano incumbido do fornecimento de todo o preciso e necessario para os navios, na 2.^a e na 3.^a viagem de Colombo.

Repetidas discussões com Colombo resolverão-no a viajar para nova terra incognita, para conhecer e explorar-a.

Acompanhou o almirante hespanhol Alonzo de Hojeda na exploração da costa de Surinam em 1499, e voltou no mez de Junho de 1500 para a Hespanha.

De 1501 até 1504 fez 2 viagens para o novo mundo por conta do governo portuguez, fazendo minuciosas pesquisas na costa do sul do Brazil. A pedido de Colombo reentrou nos serviços do governo hespanhol, foi nomeado em 1508 piloto-maior do reino e morreu em Sevilha em 22 de Fevereiro de 1512.

Não teve a menor intervenção para que outros dessem ao novo continente o seu nome, conforme Humboldt prova, dizendo que Martim Wandseemulter, livreiro em Saint Diano, então independente estado de Lothringen, publicou em 1507 uma obra denominada «Hylacomylus», relatando as multiplas viagens de Americo Vespuccio, na celebre obra *Cosmographia introductio etc., in supper quatuor Americi Vespuccii navegationes*, e esse livreiro tendo entendido denominar o novo mundo America, essa denominação foi geralmente acceita.

Bahia, 1897.

HENRIQUE PRAGUER.



A Republica e a Federação no Brazil

Acontecimentos na Bahia

Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo socio correspondente Dr. Aristides A. Milton

A evolução social é uma lei hoje reconhecida e confessada por todos os espiritos cultos, assim como um facto verificado pela historia da humanidade inteira.

Si o homem—de anno em anno—realiza a expansão de sua actividade nos dominios do pensamento, os povos tambem—dia a dia—e aquistão maior numero de victorias e mais trophéos nas lutas da liberdade.

A natureza está completa, desde o ultimo dia da creação, pois que perfeita e acabada sahio ella das mãos omnipotentes de Deus. Com o correr dos tempos, porém, é que se vai descortinando a melhor parte das maravilhas que a natureza encerra, conhecendo os moldes em que foi vasada, apercebendo o rythmo, em que se embala, descobrindo enfim os segredos guardados em seu seio vasto e opulento.

Desde a musica ideal das espheras até á germinação mysteriosa das flores; começando pelas entranhas feracissimas da terra, e acabando pelos abysmos profundos do mar; submettendo-se, ainda vivo, ás luminosas projecções dos raios X, e, quando já morto, servindo nos amphiteatros para os estudos do escalpello impiedoso: o homem tem procurado, por

todos os modos e sempre, apoderar-se dos arcanos, que sua intelligencia perspicaz apercebe e seu coração presago advinha no scenario grandioso, que seus olhos descortinão.

Dahi jorrão, e jorrarão ainda, como caudaes abundantes, todos esses inventos que os annos da sciencia registrão, como outras tantas modalidades do progresso, que sem descansar avança, e cujo termino a ninguem é dado ao menos presentir.

O vapor, transportando aos pontos mais afastados do globo os productos da industria, e servindo ás permutas que constituem o commercio dos povos; o telescopio nos approximando de mundos ignotos, e promettendo revelar mais para adiante prodigios, que occultão-se por ora ás nossas investigações; a electricidade revelando-se, de instante a instante, a primeira e mais poderosa força do mundo physico; eis ahi outros tantos descobrimentos, que não estão fóra da natureza, por certo, mas precisavão sahír á lume, afim de serem proveitosamente utilizados.

E' assim com as instituições sociaes tambem.

Procura-se por meio dellas, o bem-estar e a gloria dos povos. E' certo que—desde o principio—está delineado o caminho, que nos ha de conduzir a esse objectivo honrosissimo. Falta-nos, entretanto, acertar com elle.

O germen da idéa salvadora foi lançado pela Providencia, numa cellula do nosso cerebro. Resta apenas que o tempo indique a oportunidade para ella despertar, desenvolver-se, e se impôr.

E da mesma sorte por que, no mundo physico, as leis que o regem só muito espaçadamente vão sendo conhecidas; na politica, tambem, por estagios e grãos é que se poderá chegar á adaptação do systema de governo, que mais se aproxime da justiça e da verdade.

As nações que, ultimamente, têm variado de regimen governamental, obedeceram á preocupação de melhor garantir os direitos individuaes, nivelar os cidadãos perante a lei, e dividir com igualdade os onus e proventos, que a patria costuma derramar entre seus filhos.

Primeiro, a monarchia absoluta que pesou sobre os Estados, qual pavoroso castigo do céu. No rei se resumia a nação. Dos subditos alguns erão senhores, até ao momento em que assim aprazia ao soberano. Todos os mais não passavão de escravos, fadados á vergonha, á ignomínia e á morte.

Então se tinha como dogma o que Jacob 1º consubstanciara n'estas palavras: si o que critica os actos de Deus commette aleivosia e sacrilegio, o subdito que discute o que faz um rei desde a altura de sua grandeza, é reu de desacato.

E' admiravel, porém, parece mesmo impossivel— que um povo qualquer, por menos altivo e brioso que fosse, pudesse supportar tanto desprezo e soffrer tamanha abjecção!

Em todo caso, a hora das reivindicações bateu, por entre as pompas festivaes da liberdade. A grande revolução franceza, a despeito de excessos bem dispensaveis que commetteu, soube vingar a humanidade ultrajada pelas affrontas, que cuspirão-lhe seculos de opprobrio e de terror.

A monarchia constitucional então teve seu tempo, que prolonga-se até hoje, mereçê do preconceito que avassalla a opinião na Europa antiquada.

Adoçados os costumes, mais bem comprehendida a verdadeira origem do poder, acatada até certo ponto a soberania popular, estabeleceu-se e firmou-se essa conciliação, algum tanto engenhosa, entre as duas escolas antagonicas, essa alliança um tanto suspeita entre as duas forças rivaes.

O rei continuou sendo a incarnação do principio da autoridade, o representante excelso da ordem, o symbolo da tradição, o élo do passado.

De sua parte, o povo se aproveitando do voto e da imprensa como de duas valvulas possantes, e de duas forças irresistiveis para desabafar suas queixas e para impôr seu querer, participava assim do governo e assegurava simultaneamente a efficacia de suas liberdades.

Éra o futuro que se avizinhava.

Neste equilibrio e nesta harmonia consistio, du-

rante alguns annos, a mais nobre aspiração das massas, iniquamente atrophiadas e residio a mais doce esperança que de longe as fortificava.

A civilisação, no entanto, foi progredindo em sua gloriosa jornada e dentro em pouco as cerebrações mais felizes reconhecião e proclamavão—que a monarchia, qualquer que fosse a sua fôrma, já não era capaz de satisfazer as exigencias da época, nem de supportar as novas fulgurações do direito.

Porquanto, o privilegio contra o qual os povos se insurgiram, quando o absolutismo dominava, era ainda o que estava imperando, muito embora modificado nos seus effeitos nocivos e restringido em sua latitude funesta.

Dahi nasceu a idéa do governo republicano moderno, isto é, daquelle em que todos os poderes procedem do povo, seja directa, seja indirectamente; e cujo chefe, sempre temporario, pôde sahir de qualquer classe social, por escolha da maioria da nação.

Sufficientemente explicado e brilhantemente defendido o novo systema de governo installou-se victoriosamente no mundo de Colombo.

E quando na Europa a quasi totalidade das nações, que a povoão, aspira ainda apropriar-se desse progresso, que « publicistas inspirados conceberam para povos felizes executar, » aqui na America elle domina incontestado e só, como typo da igualdade civica, e lábaro da fraternidade e da paz.

Bard e P. Robiquet, estudando a Constituição franceza escreveram: a monarchia absoluta tem um soberano—o rei; a monarchia constitucional tem dous—o rei e o povo; a republica tem um só—o povo.

A republica unitaria, porém, não bastaria para encher o vasio, que sentião em deredor de si nações educadas na escola da liberdade.

Foi por isto que o regimen republicano federativo offereceu-se, á guisa de solução inevitavel, e conseguiu desde logo os applausos e conquistou as adhesões de muitos homens de talento e coração.

E republica federativa, como Hamilton a define, é a reunião de sociedades differentes, ou a associação

de dous ou mais Estados, debaixo de um só governo; si bem que a extensão e as modificações deste, assim como os objectos submittidos á sua autoridade, são cousas puramente arbitrarías.

«Emquanto a organização particular de cada um dos Estados federados não fôr destruída, até quando ella existir por leis constitucionaes para todos os assumptos da administração local, embora com subordinação absoluta á autoridade geral da União, persiste, tanto em theoria como na pratica, uma associação de Estados, ou uma federação».

Teremos ahí, segundo se exprime Mac-Culloch, um governo de poderes enumerados.

Assim constituiu-se o colosso dos Estados-Unidos do norte, a cujo organismo robusto e singular lord Salisbury acaba de render a merecida homenagem, servindo-se da phrase *federação europeá*, com referencia aos governos federativos, cuja autoridade e decisão invoca, sem receio de consagrar em um discurso solemne, como *L'Indépendance Belge* observou, a concepção chimerica de um grande poeta, um sonho de todos os espiritos generosos de nossos tempos.

Entre nós, a revolução de 15 de Novembro de 1889 teve como consequencia e remate a proclamação da republica federativa no Brazil.

Será curioso, pois, estudar á luz da imparcialidade alguns factos, que precederam a esse notavel evento, para verificar si elle não passou de um mero producto do acaso, ou si, ao contrario, foi o fructo de uma evangelisação anterior e fecunda, o resultado de aspirações antigas e bem accentuadas.

Assim, quaes forão as tentativas feitas com esse escôpo? Que successos nossa historia, porventura, denuncia como antecedentes do movimento de que o marechal Deodoro da Fonseca foi feito chefe? Em que logar, e porque modos manifestou-se a idéa, cuja consagração final o paiz testemunhou naquelle dia?

Passarei tudo isto em resenha, satisfazendo o programma que me impuz.

Durante o dominio portuguez, e ainda depois da independencia, houve no Brazil algumas revoluções com caracter francamente republicano.

Em 1710, por exemplo, a revolução dos *Mascates* teve por alvo inaugurar um governo republicano, á semelhança do de Veneza, conforme confessou o proprio chefe que a delineava, Bernardo Vieira de Mello, quando compareceu á reunião effectuada a 10 de Novembro pelo Senado e nobreza de Olinda.

Em 1789, frustrou-se a *Inconfidencia mineira* de que foi arauto Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*, a quem a posteridade sagrou proto-martyr da liberdade brasileira.

Os revolucionarios de então visavão principalmente a independencia nacional, pois era esta a idéa acari-ciada pelo apostolado dos estudantes de Coimbra; donde sahiram os doze, que mais agiram e mais se comprometteram por amor della. *Libertas quæ sera tamen.*

Mas, á parte essa feição geral do tentamen, força é convir que o *Tiradentes* trabalhava pela republica, muito embora, como pondera R. Southey (*History of Brazil*, cap. 43), não estendesse elle os seus planos além da capitania de Minas Geraes; ou porque lhe parecesse assaz vasto esse territorio para constituir uma poderosa republica, ou porque teria sido demasiadamente perigoso formar conspiração mais extensa: além de esperar elle — que o triumpho alli induziria outras provincias a arvorar o estandarte da revolta, podendo depois formar-se uma *republica federativa*.

Em 1798, na Bahia, João de Deus do Nascimento, alfaiate, trinta e quatro officiaes da tropa de linha, muitos ecclesiasticos e alguns soldados de milicias prepararam para o dia 28 de Agosto o inicio de uma revolução *republicana*. A bandeira que elles agitavão trazia esta legenda: *liberdade, igualdade, fraternidade*. Mas, ao respectivo governador foi delatada a conspiração por tres infelizes traidores.

De maneira que os patriotas estavam presos antes de rebentar o movimento, que, portanto, fracassou.

Sentenciados pela Relação competente, pagaram

elles com a vida a sua temeridade, sendo acompanhados neste martyrio augusto pelo liberto Manoel Faustino, que contava apenas 18 annos, e já se inflammava, como bem poucos de sua idade, no *amór sagrado da patria*.

Dezoito annos depois, em 1817, estalava no Recife, de Pernambuco, uma outra revolução, cujo chefe principal, segundo affirma Varnhagen (*Historia do Brazil*, tom. 2, pag. 382), foi Domingos José Martins.

Como lábaro, erguera elle a idéa republicana, que esforçadamente defendeu, até quando resgatou tamanha ousadia no cadafalso, armado para traga-lo na Bahia, a terra de seu berço e de seus amores tambem.

A revolução de 1824, a que servio de theatro maior a provincia, hoje Estado de Pernambuco, teve por effeito a *Confederação do Equador*, proclamada a 24 de Julho, por Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Os seus intuitos achão-se expressos no *manifesto*, lançado aos brazileiros em 2 do citado mez. Nesse documento, Manoel de Carvalho dizia: «Eia, pois; tratemos de constituir-nos de um modo analogo ás luzes do seculo em que vivemos; o *systema americano deve ser identico, despresemos as instituições olygarchicas, só cabiveis na encanecida Europa*».

E assim continuava elle: «Segui, brazileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida(?), vossos irmãos, vossos amigos, vossos compatriotas; imitae os valentes de seis provincias do norte, que vão estabelecer seu governo, debaixo do melhor de todos os systemas representativos.

Um centro, em logar escolhido pelos votos dos nossos representantes, dará vitalidade e movimento a todo o nosso grande corpo social. Cada Estado terá seu respectivo centro, e cada um destes centros, formando um annel da grande cadêa, nos tornará invenciveis.

Brazileiros! Pequenas consequencias só devem estorvar pequenas almas. O momento é este. Salvemos a honra, a patria, a liberdade, soltando o grito festivo: viva a Confederação do Equador!

Não ha negal-o. Estavão ahí delineadas as grandes linhas do governo federativo, e adoptadas as bases do systema que, tendo fructificado na America do norte, Manoel de Carvalho desejava que fosse identico em todo o continente novo.

E si é verdade—que os redactores da Constituição dos Estados-Unidos lograram a fortuna de levar ao cabo essa organização a que Gladstone chamou de *obra mais portentosa, que jámais de um só esforço sahio do cerebro humano*, é certo tambem que, na antiguidade, existiram confederações, mais ou menos prosperas e celebres, dentre as quaes é justo salientar, por mais livres, a republica de Lycia e a liga dos Acheus.

Como quer que fosse, Manoel de Carvalho chegou a esboçar seu projecto de lei institucional para as provincias federadas; concepção aliás a que um foliulario da época chamou de *produção extracogante*; plano, que foi qualificado de *machina infernal* (ANALYSE DO PROJECTO—*Rio de Janeiro*—Imprensa Nacional, 1824).

Era a esse tempo que a camara municipal de Campo-Maior, no Piauihy, reunida em sessão extraordinaria, declarava *excluidos do throno o imperador e sua dynastia, por ter sido dissolvida a assemblea constituinte* (Constancio, *Historia do Brazil—Typhis Pernambucano*, n. 19, de 27 de Maio de 1824).

Cumpré reconhecer, entretanto, que a camara de Campo-Maior não indicava quem poderia substituir ao soberano, que ella dava assim por desthronado; nem tão pouco se queria que ruisse com a casa de Bragança a monarchia no Brazil.

Pela ordem chronologica, deveria fallar eu agora da *Federação do Guanaes*, acontecimento de que os historiadores não se têm até hoje occupado, e que no emtanto merece ser conhecido e registrado. E, mesmo, para realizar tal intuito, e preencher semelhante lacuna, foi que me deliberei a lançar estas linhas; á maneira de subsidio para quem quizer algum dia escrever a nossa historia com imparcialidade, minudencia e correção. Reservarei

todavia, para o fim desta memoria a narraçào daquelle successo, tão eloquente quanto olvidado, eu lembrarei antes algumas datas memoraveis, que têm intima relação com o assumpto, que me está servindo de argumento.

Assim, no Rio Grande do Sul, correndo o anno de 1835, o coronel Bento Gonçalves da Silva proclamou a Republica de Piratini. Releva, entretanto, accentuar que, no *seu manifesto*, esse cidadão affirmava que a revolta fora consequencia inevitavel de uma má e odiosa administração, e que os revolucionarios não tinham outro objectivo, nem se propunham a outros fins que restaurar o imperio da lei, affastando de si um administrador inepto e faccioso, *sustentando o throno do joven monarcha e a integridade do imperio.*»

Sabe-se, porém, que ao depois a indole dessa revolução mudou, graças a varias circumstancias occurrentes, entre as quaes não foram menos importantes a vizinhança das republicas do Prata, a fraqueza do governo imperial, a inesperada procrastinação da luta e alguns triumphos que os revoltosos alcançaram no começo da campanha.

Resultou dahi que, encorajados, estes tentassem cunhar moeda, desenhassem uma bandeira para seu uso e, o que mais é, concluíssem com Fructuoso Rivera, presidente da Banda Oriental, um tratado de alliança e amizade.

Mas, Bento Gonçalves não cogitava jamais de governo federativo.

Esta idéa apenas lhe pôde ser imputada se considerarmos-lo solidario com David Canavarro que, installando em Laguna, pelo anno de 1835, o *governo catharinense*, conceitava o povo a formar uma *nação republicana emancipada, que pelos laços de uma federação politica marchasse de accordo e harmonia com a Republica Rio-Grandense do Sul.*

A *Sabinada*, que ensanguentou a Bahia em fins de 1837, pretendia plantar o regimen republicano, é facto; mas temporariamente, a saber—até que D. Pedro II, attingindo á maioridade constitucional,

assumissem o exercício de suas funcções magestaticas.

A contar desse ultimo anno, nenhum outro movimento armado, dentre quantos os fastos nacionaes encerram, visou quer o estabelecimento da republica, quer a adopção do systema federativo entre nós.

As agitações que durante a *minoridade* foram constatadas em varias provincias, como por exemplo Pará, Maranhão, Ceará, Goyaz e Matto-Grosso não passaram de verdadeiras sedições.

Pelo que respeita ás revoluções de 1842, em S. Paulo e Minas Geraes, e á de 1848, em Pernambuco, tiveram todas tres bem limitados horisontes, não affectando, por conseguinte, a forma de governo que a esse tempo dominava no Brazil.

Parece-me conveniente recordar agora o que tentou-se obter do parlamento, em prol da idéa federativa, mesmo dentro da monarchia, então vigente.

Isto concorrerá para provar—que, pelo menos, a federação, longe de ter sido uma solução inopinada, um recurso imprevisto, um mero expediente de occasião, como alhures assoalharam, preocupava, ao contrario desde muito tempo alguns espiritos illuminados, e synthetisava as esperanças de muitos corações patrioticos.

E senão vejamos.

A 27 de Maio de 1834, o deputado Antonio Ferreira França, com outros mais, propunha—*que o governo do Brazil fosse federal.*

A 8 de Julho do mesmo anno, a commissão especial, incumbida de indicar a modificação dos artigos constitucionaes que lhe parecessem dignos de reforma, alvitrou que se votasse o seguinte: «O Imperio do Brazil é a associação politica de todos os brazileiros e suas *Provincias Federadas* por esta Constituição.»

Nesse parecer assignaram F. de Paula Souza, José Cesario de Miranda Ribeiro e Francisco de Souza Paraíso.

Em 1831, occorreu mais ainda.

A 4 de Agosto, o deputado Henrique de Rezende requereu—«que si, a juizo da legislatura, então proxima, parecesse util e necessario, a Constituição fosse reformada no sentido federal.»

Em 1832, quando o ministro da justiça—Padre Diogo Antonio Feijó, cujo governo estava seriamente ameaçado, solicitara a exoneração do tutor de sua Magestade, providencia que a Camara dos Deputados lhe concedeu, mas o Senado lhe recusou, se quiz inaugurar—entre nós—a Republica. Varios chefes politicos assim o tinham deliberado, n'uma reunião effectuada na chacara da Floresta, á rua da Ajuda, desta capital.

O projecto, constituindo aquella camara em assemblêa nacional para votar a reforma, só não foi convertido em lei por causa da nova attitude assumida por Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois Marquez de Paraná, que o combateu calorosamente, quando aliás havia promettido cingir-se a votar contra elle.

Veio o anno de 1835. Alves Branco externou, no seu relatorio de ministro, estes conceitos immortales—«e sempre foi de minha opinião que o imperio precisava ampliar em sua Constituição o *elemento federativo*, que nella haviam admittido seus illustres redactores; mas nunca foi de minha intenção que o governo geral ficasse destituido da influencia e força necessarias para manter a União.»

Melhor não diria, com certeza, o mais entusiasta idolatra do regimen, que está presentemente em vigor. E nem se deve esquecer a referencia, feita á Constituição do Imperio, pois ella demonstra—que a idéa de federação se tinha já insinuado no animo de muitos estadistas, desde os primeiros annos da monarchia.

Si, por ventura, deu-se um eclipse, e a idéa por algum tempo dormitou, não foi senão para resurgir mais tarde, aventada por outros homens politicos de merecimento incontestavel.

Assim, a 14 de Setembro de 1835, o deputado Joaquim Nabuco e mais trinta e sete collegas seus

apresentavam projecto de lei, mandando—que os eleitores da legislatura seguinte conferissem poderes especiaes aos seus representantes para reformar os artigos da Constituição, que fossem oppostos ao principio federativo.

E, tres annos passados, em Agosto de 1888, o alludido deputado offerencia á Camara outro projecto, encerrando no bojo a mesma idéa.

Simultaneamente, o ex-deputado Ruy Barbosa, que foi depois um dos organisadores da republica, pronunciava na Bahia discurso tão significativo, que o barão de Cotegipe, de veneranda memoria, reputou conveniente invocar para elle a maior attenção do senado.

E o que sobresaltára tanto ao eminente chefe conservador para o forçar a esse grito de alarma?

Precisamente as palavras, com que aquelle notavel orador annunciava o proximo advento da federação:

«De todos os pontos de nossas fronteiras, do norte e sul, os ventos nos trazem as idéas vivificadoras de nossa reabilitação: a liberdade religiosa, a regularisação da legislação em todos os seus ramos, a diffusão do ensino, a universalidade do voto, a desenfudação da propriedade, a *federação dos Estados Unidos do Brazil*.

E a grande massa do povo bahiano então reunida para ouvir ao seu facundo conterraneo, cobrio-lhe as palavras com estrepitosos e prolongados applausos.

A 11 de Junho de 1889, era ainda o deputado Joaquim Nabuco quem concitava o Visconde de Ouro Preto a se inspirar no proprio patriotismo, affim de que não fosse o ministerio, que este organisara, o derradeiro da monarchia.

Tanta era a convicção partilhada por alguns, de não ser possivel por muito tempo mais amparar o throno, si o privilegio que elle consubstanciava não fizesse novas concessões ás exigencias do progresso e aos impulsos da liberdade.

E relativamente á organisação do gabinete da-

quelle chefe liberal, occorreu um episodio, que não pôde ser posto á margem.

O conselheiro José Antonio Saraiva, primeiro que fôra chamado para substituir no governo ao conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, expoz—que opportunamente havia communicado ao imperador *achar-se um pouco adiantado. Porquanto, inclinava-se para o voto em separado, offerecido no congresso liberal, e que adoptava francamente as idéas federalistas; não lhe achando elle inconvenientes, mas antes descobrindo-lhe vantagens.*

E o illustre politico do imperio, acrescentou que—*da reposta de sua magestade concluira que este lhe não opporia o menor embaraço.*

Confirmou este seu conceito o conselheiro Saraiva, no congresso constituinte, a 24 de Dezembro de 1890, quando affirmou—*que o ex-soberano havia de fazer a federação, muito embora ficasse convencido de que depois della viria a Republica*

Terminou o seu discurso o senador bahiano, assegurando—*que havia um ultimo esforço pela federação, e, assim que esta estivesse acabada, elle daria por finda a sua missão.*

De modo que, muitos nomens politicos do imperio não se eximião de dar, por meio da palavra e dos actos, corpo e vigor ao pensamento, que anteriormente os revolucionarios tinham querido plantar e desenvolver á força das armas.

Que mais é preciso para se comprehender—que a proclamação da republica federativa, no Brazil, não foi uma surpresa que causasse assombro, nem tão pouco um simples producto do acaso implacavel e cego?

Os antecedentes de nossa historia, que ficão ahí consignados, bastam para responder a quem quer que timbre em se conservar estranho a quanto se passa em torno de si mesmo.

Nem será necessario para convence-los levar em conta o trabalho dos clubs e da imprensa; o despeito das classes, que tinham sido prejudicadas com a lei do elemento servil, os pleitos eleitoraes, em

que os republicanos haviam já se batido, conseguindo mandar á camara dos deputados representantes seus; o entusiasmo, com que um chefe conservador da estatura de Belisario de Souza convidava em Junho de 1889, os seus correligionarios a se affastarem dos arraiaes monarchistas.

E, sobretudo, não se faz mister acordar os echos daquelle estridente *crya* á republica, erguido quasi na mesma occasião pelo padre João Manoel, dentro do recinto da camara de que era deputado, e durante uma das sessões mais solennes de que ha memoria no paiz.

Azada é a occasião para occupar-me eu da *Federação do Guriacés*, tentativa de certo temeraria e bem depressa mallograda, mas digna de ficar perpetuada; já como recordação historica de valor incontestavel, já como prova de que a idéa federativa tomara tanto corpo, entre nós, ao ponto de insinuar-se pelo interior do paiz cincoenta e sete annos antes que, triumphando definitivamente, fosse burilada na legislação de nossa patria.

A cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia, é uma das mais antigas do Brazil; e possui titulos de benemerencia, que constituem-lhe um glorioso brazão.

A propria lei, desde muito, concedeu-lhe o foral de heroica. Duas vezes tem ella servido de capital do territorio, em que se acha engravada; na guerra da independencia em 1822, quando foi sédo do governo provisório, e na *revolução do Sabino*, em 1837, sendo a residência do presidente da provincia, receioso e foragido.

Foi lá tambem que D. Pedro viu-se, primeiro, aclamado príncipe regente do Brazil; e aprisionou-se em navio de guerra portuguez quando, em 1822 ainda, bombardeára a praça para impedir—que se festejasse aquelle feito, tão intimamente ligado aliás á campanha de nossa emancipação politica.

Pois bem.

Na Cachoeira, igualmente, encontrou fervorosos adeptos o regimen federativo, tendo sido proclamado, em 1832, por um pugilo de patriotas que tinham já

tentado, em Outubro do anno anterior, levar avante a mesma idéa; mas o não lograram, porque em ambas as occasiões foram derrotados pelas forças legaes.

A contar de Fevereiro desse anno, começaram a circular, em Cachoeira e circumvizinhanças, *avulsos* em que era convidado o povo a insurgir-se contra a ordem de cousas existente, por não ser a que mais convinha á indole e aos interesses da nação brasileira. O convite não trazia assignatura.

O facto, contudo, causou surpresa e sensação: tanto que o tenente Luiz Ferreira da Rocha, profundamente impressionado por elle, reuniu—a 16 do dito mez—a Camara Municipal de que era presidente, e requereu, então, que se officiasse ao juiz de paz da villa, bem como ao da fronteira povoação de S. Felix, lembrando-lhes a necessidade de se manter o socego publico, conforme a lei lhes incumbia.

Approvado unanimemente esse alvitre, foram sem demora expedidos minuciosos officios ás duas autoridades indicadas, mas, como providenciaram ellas no caso, ninguém pôde com segurança referir.

A verdade é que, no dia 19 de Fevereiro, entre ás 5 e 6 horas da tarde, o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, á frente de numeroso grupo de homens armados, entrou na Cachoeira, espalhando o susto e o terror no seio da população alvoroçada.

Foi aquartelar no convento do Carmo, com toda aquella gente.

Dentro em pouco, a cidade, então villa, ficou deserta.

O respectivo juiz de paz Antonio Fernandes Pereira, por antonomasia *Chechéu*, retirou-se apressadamente para a freguezia de S. Gonçalo dos Campos, onde combinou com João Pedreira do Couto Ferraz, que ali era tambem juiz de paz, os meios de repellir os *revolucionarios audazes*.

Convém saber-se que Guanaes havia convidado a esse ultimo cidadão para auxilia-lo na execenção de seu plano.

Longe, porém, de acceder a tal desejo, o prestimoso João Pedreira reuniu para cima de 150 pessoas,

que fez marchar com destino á villa de Santo Amaro, onde se esperava que dentro em pouco rebenitaria movimento igual.

E como se temesse um assalto á povoação da Feira de Sant'Anna, para lá partio, sem demora, o coronel Joaquim José Bacellar e Castro, commandando um troço, formado pelos mais ricos proprietarios do lugar, convocados por aquella autoridade.

A 20 de Fevereiro, o capitão Guanaes, que era vereador da camara municipal, assumio a presidencia desta; e, tendo convidado supplentes para completarem o numero legal, fez sessão, cuja principal occurrencia consta do trecho a seguir, que copio da acta respectiva:

*Disse o Sr presidente—que convocou esta camara extraordinaria, em razão de se achar muito povo e tropa armados na praça desta villa, em reunião, afim de poder esta dita camara conhecer delles o que pretendião. Depois do que, sendo reunidos na sala das sessões varios cidadãos armados, por Domingos Guedes Cabral foram lidos os seguintes artigos:

*Em nome de Deus, Todo Poderoso, que nos creou livres e nos poz independentes para sermos felizes, o povo da heroica villa da Cachoeira, seu termo, e outras villas e logares e partes dos sertões, contando mais de 200.000 habitantes, reconhecendo a patria em perigo e querendo salva-la, têm proclamado, como de facto proclamão, o governo federal e a federação desta valorosa provincia da Bahia, visto que os habitantes da nossa capital e outros logares se achão opprimidos pelo presente governo da provincia, pelos portuguezes seus sequazes, pelo partido ruinoso do Rio de Janeiro, proclamando desde já a dita federação imperial com absoluta união de todo o Brazil federal, com aquelle mesmo direito que tiveram os fluminenses de expellir ao ex-tyranno D. Pedro I, o povo usa de seu direito natural, como verdadeiro soberano, na crise em que se acha; e, á vista do abysmo que o ameaça, não quer esperar por delongas o formularios, que devem ser pernicioso-

sas na presença das intrigas e tramoias dos aristocratas e egoístas. E para salvação geral determina o seguinte:

Art. 1.º — Que esta revolução seja toda justa e santa, e seus autores e executores respeitadas como benemeritos salvadores da patria. Seus actos ficão todos legalisados.

2.º — Que o presidente actual tem cessado de o ser, e está privado de toda autoridade, igualmente o commandante das armas; e do mesmo modo será privado do emprego outra qualquer autoridade, ou pessoa que se oppuzerem á federação, e ao que aqui determinamos.

3.º — Que sejam desde já soltos todos os presos pela tentativa da acclamação federal de 28 de Outubro do anno proximo passado: e quaesquer outros antigos ou modernos, por motivos politicos, sem attenção aos processos, que ficam nullos desde já.

4.º — Que fique de todo morta a lei da liberdade de imprensa, até que a assembléa provincial faça outra só contra offensas particulares, e nunca haverá censura prévia.

5.º — Que fiquem extinctas para sempre as prisões em navios ou presigangas, e a que existe será queimada, em logar aonde o povo possa ver para satisfação publica.

6.º — O presidente, que for eleito, usará de todos os meios para bem fortificar esta provincia da Bahia, com presteza; e tomará medidas para que continue a abundancia dos viveres e a do commercio, e se extinga a moeda de cobre falsa.

7.º — Que fiquem extinctas as leis de excepções, e que os juizes de paz só se regulem, por agora, pela sua primeira lei fundamental; e não ataquem os direitos e garantias dos cidadãos, nem de dia nem de noite, nem em casa nem na rua, pela idéa de leis preventivas. Tudo mais fica a cargo da assembléa provincial, que reformará o código penal, como nos convém, abrandando as penas.

8.º — Que esta provincia da Bahia não admittirá nada do Rio de Janeiro senão como federal; salvo os

pagamentos da sua quota da divida publica. Todavia, esta provincia fica em perfeita paz com seus irmãos fluminenses, que se portarem como amigos, assim como com os de todas as provincias, ás quaes chama para a federação e pede se reunião para a solidez do governo geral e força da nação brasileira; para o que haverá assembléa geral do imperio, como ao depois se dirá.

9.º—Fica proclamado na provincia da Bahia o governo federativo; para que esta provincia nos seus negocios internos e peculiares se governe independente de outro qualquer, fazendo, porém, alliança com todas as outras, bem como obedecendo ao chefe principal da Federação nos negocios geraes da nação, e marcados pela assembléa provincial.

10.—Fica proclamado um governo provisorio, que presida a provincia, até que pelos collegios eleitoraes seja eleito um presidente, que deve governar por tempo determinado, e na forma marcada por lei da assembléa provincial.

11.—Fica proclamado um inspector, que governará interinamente as armas da provincia, até que o presidente eleito pelos collegios nomeie o que deve ser effectivo, com lei regulamentar da assembléa provincial.

12.—Haverá na provincia uma assembléa constituinte legislativa provincial, que será composta de 21 membros ou deputados, para marcar os limites da independencia da provincia, suas relações com o chefe principal da Federação; reformar todas as leis, que se oppuzerem ao governo federativo, interesses peculiares da provincia, e fazer outras que forem convenientes, não só aos limites das diferentes autoridades, mas também á segurança e prosperidade da provincia.

13.—O governo provisorio da provincia expedirá, quanto antes, ordens para se eleger o presidente effectivo da provincia, os deputados da assembléa provincial, conselho do governo, camaras municipaes e juizes de paz, regulando-se para isto interinamente pela legislação antecedente ao systema fede

rativo, e marcará o dia da installação da assembléa, por esta vez sómente.

14.—Fica desde já extincto o conselho da provincia, visto ser este substituido pela assembléa provincial.

15.—O governo provisorio apresentará quanto antes um *manifesto* ás provincias do imperio; expondo-lhes os motivos que tem esta para adoptar o governo federativo; e convidando-as para que fação causa commum na presente mudança.

16.—O povo da provincia quer reforma immediatamente na administração publica, especialmente no poder judiciario, installando-se um tribunal de jurados, no crime dentro de 30 dias, e no civil com a possivel brevidade; diminuindo-se o numero dos desembargadores, e demittindo-se todos os mais empregados que forem desaffectedos ao governo federal.

17.—O povo quer—que nenhum portuguez exista armado, e nem goze do fóro de cidadão brasileiro activo, e que os solteiros sejam immediatamente deportados para fóra do Brazil, á excepção daquelles que se quizerem empregar na lavoura, ou que tenham estabelecimento por seus bens ou industria. E todos, por conseguinte, serão demittidos de todo e qualquer emprego civil e militar, á excepção daquelles que tiverem feito serviços relevantes á nação brasileira, porque estes devem ser reformados com seus competentes ordenados ou soldos.

18.—O povo quer que sejam tambem deportados aquelles portuguezes que, ainda sendo casados, forão reconhecidos inimigos do Brazil, desde sua independencia.

19.—Serão tambem demittidos todos os empregados conhecidamente inimigos do systema liberal federal do Brazil, sendo previamente presos e processados.

20.—Será immediatamente creado um corpo de tropa regular na provincia sendo seu numero acomodado ás possibilidades da provincia; e esta tropa, novamente creada, será composta de cidadãos de boa moral, e paga com o soldo conveniente que será

arbitrado pela assemblea provincial, assim como a forma do recrutamento.

21.—Todos os estrangeiros de qualquer nação, que sejam, serão admittidos a negociar na provincia, á excepção dos portuguezes que de novo vierem, salvo trazendo estabelecimento de importancia; como tambem se admittirá algum sabio, com a condição que, tanto este como aquelles sejam conhecidamente muito liberaes.

22.—Ficarão vedadas todas as pensões graciosas, concedidas por mercê ordinaria de D. João VI, e do ex-imperador Pedro I, a brazileiros passivos, com prejuizo da fazenda nacional, cujas mercês só poderão ser concedidas pela assemblea provincial a brazileiros activos, e que tenham feito serviços relevantissimos á patria, mas nunca a portuguezes, nossos inimigos emperrados e oppostos á nossa felicidade.

23.—O ex-imperador tyranno do Brazil, será fuzilado em qualquer parte desta provincia, si acaso apparecer; e a mesma pena terão os que o pretendem admittir e defender.

24.—O povo da provincia da Bahia, e grande parte da capital, aqui reunido na sempre heroica villa da Cachoeira, protesta não largar as armas, sem que primeiramente sejam cumpridos os artigos acima referidos, devendo os mesmos artigos serem lançados na acta, que se fizer da acclamação da federação; pois como arbitro soberano de suas liberdades legais assim o tem determinado, e quer a reunião federal, no campo da honra, na heroica villa da Cachoeira—20 de Fevereiro de 1832.

Submettido o assumpto á discussão, o vereador Alvim propóz que se convocasse um conselho dos cidadãos do município, afim de resolverem sobre os artigos offerecidos por Domingos Guedes Cabral. E assim se deliberou.

Mas, a tropa e o povo, que estavam na praça da Camara, pediram que fosse organizado immediatamente um governo provisorio de cinco membros o que se resolveu, sendo nomeados para compô-lo o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, desem-

bargador Joaquim José Ribeiro de Magalhães, capitão Manoel da Paixão Bacellar e Castro, capitão Manoel Ferraz da Motta Pedreira, e Augusto Ricardo Ferreira da Camara.

Ao mesmo tempo, a Camara nomeou para inspector commandante das forças ao coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão.

Simultaneamente, ella mandou que o alferes João Xavier de Miranda entrasse no exercicio do cargo de juiz de paz, visto se ter ausentado o capitão Francisco Antonio Fernandes Pereira, achar-se doente José Ribeiro Pereira Guimarães, e não estarem na villa os outros supplentes.

A' sessão da camara, em que taes occurrencias tiverão lugar, compareceram os vereadores capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, José Caetano Alvim, José Bernardino de Magalhães, João Vicente Sapucaia, Antonio Gonçalves da Rocha de Queiroz Marinho e João Xavier de Miranda.

No dia 21 de Fevereiro, tendo a camara se reunido de novo, extraordinariamente, officiou aos juizes de paz a fim de não impedirem elles o *libre transito de viveres* para a villa; declarando-se coacta, logo em seguida.

Até ao dia 23 os revolucionarios entretanto estiveram de posse de todas as posições. Nesse dia, porém, os mais abastados lavradores do reconcavo, tendo-se ajuntado, resolveram crear uma *caixa militar da lavoura* para auxiliar os defensores da legalidade que já subião ácerca de 2.500, graças aos esforços empregados pelos juizes de paz de S. Gonçalo dos Campos, Belém, Cruz das Almas, Affligidos e Feira de Sant'Anna.

O Coronel Rodrigo Brandão, que não aceitara o cargo de Inspector-Commandante da força, para que tinha sido nomeado pela Camara, coadjuvou francamente os partidarios da autoridade legal, e assumio mesmo o commando das tropas do governo, visto como o Tenente-Coronel Joaquim José Velloso a quem elle convidara para esse posto, só chegou no dia immediato ao da acção decisiva.

Com uma presteza inaudita, foram guarnecidos todos os pontos mais importantes do Rio Paraguassú desde a Varginha até ao Coqueiro.

O governo da provincia, tendo tido sciencia dos acontecimentos que se estavam dando, nomeou commandante das forças ao barão de Pirajá, que tambem não achou-se a tempo de poder agir. Porquanto, em a noite de 23 para 24, a villa foi cercada pelos amigos da ordem que tanto em S. Felix, como no Capoeirusú sustentaram com os revolucionarios nutrido fogo, durante algumas horas, em que foram feridos varios dos combatentes.

Na Varginha, entrechocaram-se tambem dous grupos hostis, cabendo a victoria aos legalistas, mais havendo baixas de um e de outro lado.

Entretanto, pelas 7 horas da manhã, de 24, o coronel Rodrigo Brandão penetrou na villa. Os sinos das igrejas repicaram, forão queimadas muitas duzias de foguetes, e acclamações de regosijo estrugiram nas ruas principaes. Grande porção de munições de guerra foi encontrada no convento do Carmo.

Guaaes e muitos dos seus partidarios forão presos; o resto fugio.

No dia seguinte, 25, a Camara reunio-se outra vez, mais então já com a maioria de seus membros effectivos, e ladeada pelos cidadãos mais notaveis da Cachoeira e seus arredores.

Estiverão presentes os vereadores tenente Luiz Ferreira da Rocha, presidente; capitão João Borges Ferraz, Francisco Caetano da Silveira e Souza, capitão José Antonio de Souza Lopes e alferes João Xavier de Miranda; e os supplentes José de Oliveira Lopes e coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão.

Aberta a sessão, o Presidente fez ver—que havia convocado a camara, afim de tomar esta, de accôrdo com os proprietarios, lavradores e commandantes da força armada a ella reunidos, todas as providencias para repellir a facção, que havia occupado a villa e manter a tranquillidade publica. E bem assim para declarar de nenhum effeito o attentado, commettido em os dias 20 e seguintes, e nullas as actas

que o intruso presidente Guanaes Mineiro mandara lavar com manifesta violação da lei, pois lhe não tinha sido transferido regularmente o exercício da presidencia.

A indicação, que nesse sentido o presidente effectivo apresentou, foi approvada unanimemente; e ao mesmo tempo ficou resolvido—que aquellas actas não podessem prejudicar a pessoa alguma nellas assignada pois que todas o tinham feito coagidas pelas armas: convindo até que fossem cerradas e lacradas.

A camara mandou tambem extrahir as certidões, necessarias para se formar culpa aos delinquentes.

E no dia 26 fez cantar, na igreja matriz da villa, um solenne *Te-Deum*, em acção de graças por ter a providencia divina livrado o povo cachoeirano da guerra civil, a que estivera exposto, desde o dia 19 até ao dia 23.

Houve parada militar e descarga de fuzilaria, depois dos *vícios*, que foram levantados e entusiasticamente correspondidos pela multidão satisfeita.

Instaurado o processo crime contra os responsaveis pelo movimento revolucionario, forão pronunciados á prisão, *livramento e remessa*—o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, juiz de paz de S. Felix, Vicente Ferreira Monte Brexa (pernambucano), F. Rocha (conhecido pelo diminutivo de *Rochinho*), alferes Lucio de tal (*sic*), Francisco de Assis Freire, Alexandre Ferreira Lima, alferes ou tenente (*sic*) Lima Francisco Periquito, Luiz Onofre C. de Carvalho, capitão Bernardino da Silva L. de Albuquerque (pernambucano), Pedro Alexandrino Marinheiro, Annio José do Patrocínio (pernambucano), Ignacio Malagueta e mais alguns outros.

A pronuncia foi sustentada pelo ouvidor do crime, na Bahia,—Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas, por despacho de 7 de Maio de 1832, isto é, do mesmo dia em que os autos lhe tinham sido conclusos.

A regencia do imperio, em 3, 8 e 9 de Março do anno citado, expediu *acisos*, com relação aos factos que tenho narrado. E no de 8, louvou não só ao presidente da provincia, mas tambem aos juizes de paz

que o intruso presidente Guanaes Mineiro mandara lavrar com manifesta violação da lei, pois lhe não tinha sido transferido regularmente o exercício da presidencia.

A indicação, que nesse sentido o presidente effectivo apresentou, foi approvada unanimemente; e ao mesmo tempo ficou resolvido—que aquellas actas não podessem prejudicar a pessoa alguma nellas assignada pois que tôdas o tinham feito coagidas pelas armas: convindo até que fossem cerradas e lacradas.

A camara mandou tambem extrahir as certidões, necessarias para se formar culpa aos delinquentes.

E no dia 26 fez cantar, na igreja matriz da villa, um solemne *Te-Deum*, em acção de graças por ter a providencia divina livrado o povo cachoeirano da guerra civil, a que estivera exposto, desde o dia 19 até ao dia 23.

Houve parada militar e descarga de fuzilaria, depois dos *sivas*, que foram levantados e enthusasticamente correspondidos pela multidão satisfeita.

Instaurado o processo crime contra os responsaveis pelo movimento revolucionario, forão pronunciados á prisão, *livramento e remessa*—o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, juiz de paz de S. Felix, Vicente Ferreira Monte Brexa (pernambucano), F. Rocha (conhecido pelo diminutivo de *Rochinho*), alferes Lucio de tal (*sic*), Francisco de Assis Freire, Alexandre Ferreira Lima, alferes ou tenente (*sic*) Lima Francisco Periquito, Luiz Onofre C. de Carvalho, capitão Bernardino da Silva L. de Albuquerque (pernambucano), Pedro Alexandrino Marinheiro, Annio José do Patrocínio (pernambucano), Ignacio Malagueta e mais alguns outros.

A pronuncia foi sustentada pelo ouvidor do crime, na Bahia,—Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas, por despacho de 7 de Maio de 1832, isto é, do mesmo dia em que os autos lhe tinham sido conclusos.

A regencia do imperio, em 3, 8 e 9 de Março do anno citado, expediu *acésos*, com relação aos factos que tenho narrado. E no de 8, louvou não só ao presidente da provincia, mas tambem aos juizes de paz

e outras autoridades, *que tinham coadjuvado aquelle funcionario a suffocar o partido anarchista.*

Releva consignar—que os melhores auxiliares de Guanaes Mineiro foram os cabeças da revolta de 28 de Outubro do anno anterior, *feita pelo atrevimento de uns poucos de homens perdidos, que cuidavão com a canalha preencher seus horribes fins,* para repetir as expressões de que usou o presidente da provincia—desembargador Honorato José de Barros Paim num officio dirigido ao ministerio do imperio em 16 de Novembro.

Parece, comtudo, que o capitão Guanaes Mineiro estava realmente compenetrado da necessidade de se installar o governo federativo no Brazil.

Pois, que, a despeito de achar-se preso e ser tenazmente perseguido, não cessou jamais de trabalhar pela realisação de seu bello ideal.

Assim foi que, a 27 de Abril de 1833, conseguiu elle revoltar a guarnição do Forte do Mar na Bahia, onde fôra recolhido por consequencia do crime praticado em Cachoeira.

E depois de haver prendido o commandante daquella praça de guerra capitão Joaquim Antonio da Silva Carvalhal, proclamou mais uma vez a *federação*, levantando logo após uma bandeira azul celeste e branca para significar talvez—alegria e paz.

Forão seus auxiliares o tenente Alexandre Ferreira do Carmo Sicupira e o 2.º tenente Daniel Gomes de Freitas.

Os presos assim revoltados erão 80, e 33 as praças da referida guarnição, as quaes conseguiram apprehender alguns barcos de viagem para o reconceavo.

Ao presidente da provincia dirigiram-se os revoltosos nos termos a seguir:

« Illm. e Exm. Sr. Presidente em conselho—A guarnição da Fortaleza do Mar, que tem proclamado a federação, cujos artigos vão ser apresentados em conselho, protesta a V. Ex., perante a nação e o imperador senhor D. Pedro II por toda e qualquer hostilidade que mais se succeda, em quanto elles não forem discutidos. E assevera que si esse governo

não attender aos males a que expõe a provincia com a sua obstinação, ella, esgotando valorosamente todas as suas forças, fará reconhecer qual o espirito que a anima, por amor da liberdade. Outrosim, a guarnição tem o prazer de communicar a V. Ex.—que a acclamação na federação lhe causou tão excessivo jubilo, que a moveu a içar no mastro uma bandeira branca e azul, que significa paz e alegria.

E este acto não prova mudança do pavilhão nacional, nem na fôrma actual do governo, e sim reforma; porque nas provincias federadas das nações estrangeiras conserva-se, e faz nação uma só bandeira. Deus guarde a V. Ex.—Fortaleza do Mar, 27 de Abril 1833.—Ilm. Exm. Sr. Presidente em Conselho.—*Bernardo Miguel Guanaes Mineiro*, Capitão.—*Alexandre Ferreira do Carmo Sicupira*, Tenente.—*David Gomes de Freitas*, 2.º tenentes.

Antes de expedir este officio, os revoltosos fizeram diversos tiros para terra; sendo nessa occasião morto o porteiro do Arsenal de Marinha e feridos gravemente dous outros homens que alli se achavão.

No entanto, já do largo da Sé, já da corveta *Regeneração*, grossa artilheria disparava contra os revoltosos, dos quaes um morreu e seis sahiram feridos.

Tendo sobrevindo a noite as hostilidades cessaram.

No outro dia, certo juiz de paz, servindo-se de uma buzina, intimou aos ditos revoltosos que se rendessem, ao que elles não attenderam, respondendo aliás—*que querião a federação*.

Nesse momento, o Presidente da provincia, ouvido o seu conselho, deliberou-se a empregar toda a força de terra e mar para conter os desobedientes.

Ao mesmo tempo, alguns edificios da cidade eram damnificados pelas balas do *Forte*.

Na Intendencia de Marinha foram logo montadas varias peças por ordem do governo. E o batalhão 3.º de infantaria ficou postado em frente á Sé.

No dia 28, pela manhã, foi derribada a bandeira dos federalistas por uma bala, que partira da corveta *Regeneração*.

Naturalmente, pelos estragos irreparaveis, que

soffereram durante o canhoneio, os revoltosos, depois de terem levantado uma bandeira toda branca, disseram—pela buzina—que desejavão tratar com o governo.

Foi-lhes, então, respondido—que antes de tudo arvorassem a bandeira imperial, descarregassem as peças, abrissem o portão, e depositassem as armas na rampa do *Forte*.

Mas, como não 'acceitassem elles as condições impostas, o governo deu ordem para continuar o fogo.

A's 2 horas da tarde, porém, pediram do *Forte* uma bandeira imperial, pretextando não tê-la, apesar de estarem resolvidos a içá-la.

O governo, não tendo acreditado na sinceridade dessa declaração, mandou amiudar mais ainda o bombardeio. Forçados pelas circumstancias, os revoltosos ergueram, finalmente, a bandeira imperial; mas não quizerão depór as armas.

Era noite. Por uma canôa, que conseguiu approximar-se do *Forte*, os revoltosos receberam de terra uma carta, instando para que resistissem por mais dous dias, tempo sufficiente para romper dentro da Capital uma formidavel conspiração que lhes garantiria o successo.

O governo, entretanto, estava alerta.

Ao despontar do dia 29, já se achavão preparados para investir contra o portão do *Forte*—um brigue com quatro peças, e uma canhoneira tambem.

Havião sido reforçadas convenientemente as baterias da Intendencia de Marinha e da Sé. Na praça do Commercio estavão assestados alguns canhões.

A's 7 horas da manhã, foi lida em voz bem alta, perto do *Forte*, uma intimação do Presidente aos revoltosos para que elles se rendessem. Como, porém, a medida nenhum effeito produzisse, aquella autoridade mandou, cerca de 11 horas, *recompór o fogo*. E por espaço de duas horas elle foi valentemente sustentado.

Entrementes, o brigue e a canhoneira começaram a escalar o portão do *Forte*, do qual se forão, a

pouco e pouco, approximando lanchões tripolados por gente armada.

Diante desta attitude decisiva, os revoltosos, por meio de gritos e brados, confessarão-se vencidos; e pediram que se fosse tomar conta do *Forte*.

Cessando, então, de todo o fogo, um official de linha dirigiu-se para ali, sem demora; e, ao chegar, obrigou os soldados a conduzirem o armamento para a rampa do mesmo *Forte*, e os presos a se recolherem de novo aos calabouços.

O official, comtudo, não consentio mais que os lanchões atracassem: querendo assim evitar excessos e represalias, que poderião causar o derramamento de sangue, *quando aliás a necessidade já o não exigia*.

Pouco depois, todos os presos, á excepção de onze que, aproveitando-se da confusão que reinava, tinham fugido, forão transferidos para a *Presiganga*; de onde, aliás, ha pouco havião sahido, talvez *por demasia de humanidade*, na phrase do Dr. Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, que morreu visconde de Mont-Serrat, e era então Presidente da Bahia.

No poder de um daquelles presos encontrou-se a copia dos *Artigos da Federação*, que elles tencionavão dirigir ao governo, com um officio apropriado, e que erão, salvo pequenas modificações, os mesmos que acima deixei trasladados.

Cumpre aqui registrar—que os tres chefes da revolta do *Forte*, estavam já pronunciados em juizo criminal, por motivo de conspirações anteriores.

E que, terminada a luta, verificou-se ter a corveta *Regeneração* soffrido um rombo ao lume d'agua, e achar-se com alguns cabos cortados.

Quanto ao *Forte do Mar*, ficou bastante arruinado.

Durante-dous dias, o commercio da capital esteve todo fechado, e por muito tempo o preço dos generos alimenticios conservou-se em alta.

A 30 de Abril, comtudo, o Presidente da provincia communicava á regencia—que a população tinha voltado aos seus trabalhos ordinarios, e a capital encontrava-se em perfeita tranquillidade, felizmente.

O capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, chefe

do movimento federalista effectuado em 1832, na cidade da Cachoeira, bem como da revolta que manifestou-se, em 1833, no *Forte do Mar*, da Bahia, falleceu a 14 de Fevereiro de 1847. E finou-se sem ter tido a satisfação de ver triumphar o principio por que se batêra e se sacrificara; com alguma imprudencia é verdade, mas com grande enthusiasmo e maxima franqueza tambem.

Tinha a fatalidade reservado para outros a fortuna e a gloria; que escaparam caprichosas áquelle obscuro cidadão.

No dia 15 de Novembro de 1889, o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, collocando-se á frente da força armada, proclamou, no campo de Sant'Anna, desta capital, a Republica federativa dos Estados Unidos do Brazil.

E foi esta a forma de governo, que a nação definitivamente accitou, votando, por intermedio de seus representantes, a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891.

A federação, assim, não se amoldou ao typo fundido pelos revolucionarios da Cachoeira e revoltosos do *Forte do Mar*, da Bahia. Ella veio mais completa e perfeita, emanada com a republica; corporificando as duas idéas progressistas e liberaes, e consequentemente, trajando roupagens mais simples, e attraentes, envergando armadura mais leve e popular.

E o acontecimento teve sua natural repercussão na Bahia e a sua influencia se fez sentir na Cachoeira, acordando os ânimos do passado, como que para render um preito de reconhecimento e saudade aos batalhadores de 1832 e 33, personificados em Guanaes.

A 17 de Novembro do citado anno de 1889, estando reunidos diversos cidadãos no forte de S. Pedro, na Bahia, foi ahí proclamada a Republica Federativa do Brazil pelo Dr. Virgilio Climaco Damasio e Coronel Frederico C. Buys.

No dia seguinte, o Dr. Virgilio Damasio assumio o governo, na qualidade de vice-governador, por não

tê-lo feito o governador nomeado pela dictadura— Dr. Manuel Victorino Pereira.

A's primeiras noticias da revolução, que tinha sorprendido a propria cidade do Rio de Janeiro, houve alguma hesitação por parte da população bahiana.

Desde, porém, que a interrupção do telegrapho cessou, e a verdade inteira foi conhecida, as adhesões ao novo regimen não fizeram-se esperar.

A imprensa neutra aconselhára a prompta acceitação do facto consummado e os chefes dos dous partidos monarchistas, depois de terem celebrado uma reunião, inspiraram á *Gazeta* e ao *Diario da Bahia*, orgãos dos conservadores e dos liberaes, aquella mesma attitude.

O Dr. José Luiz de Almeida Couto, derradeiro presidente da provincia da Bahia, por nomeação do governo imperial, acceitou por igual as novas instituições que alvorecião.

Na cidade da Cachoeira, forão fogo conhecidos— por telegrama— todos esses importantissimos eventos.

A respectiva camara municipal se reuniu no dia 20 de Novembro, e então—por voto unanime de seus membros—acclamou a Republica Federativa do Brazil, prestando todos os vereadores, autoridades, e mais pessoas presentes, a promessa de fidelidade ao novo regimen.

Depois de haver sido desfraldada, na janella central do edificio, a bandeira do Estado da Bahia, a camara mandou distribuir entre seus muncipes uma proclamação, referente á solemnidade que acabava de ter lugar.

Compareceram a essa sessão os vereadores—barão de Belém, presidente, Rosalvo de Menezes Fraga, Antonio Ferreira de Carvalho Mascarenhas, José Augusto Peixoto, Manoel Alves Mascarenhas, Sabino Santiago da Motta e advogado José Almachio Ribeiro Guimarães.

De todas as occurrencias foi lavrada uma acta circumstanciada, em que assignaram 92 cidadãos; come-

çando pelo presidente da camara e terminando pelo autor desta memoria.

Eis ahí como a idéa republicana evoluiu, eis como o regimen federativo chegou a implantar-se no Brazil.

Forçoso é convir que, para fazer uma vencer e consolidar o outro, nem sempre têm sido incruentas as lutas feridas em differentes pontos do paiz. Mas, afim de se firmar outr'ora a monarchia constitucional, ellas deram-se tambem.

Rebeldias tenazes, agitações revolucionarias, dissidencias formaes, mesmo *deposições* escandalosas, tudo isso a historia nos recorda como difficuldades tremendas com que teve de arcar o systema do governo, agora extincto; o qual—desde 1822 até 1848—esteve exposto a toda sorte de eventualidades e perigos.

O patriotismo positivamente exige que, recalçando no peito quaesquer maguas, que por acaso o punjão, e pondo-se superior aos interesses individuaes, todo brasileiro agora cerque as novas instituições do maior prestigio e do mais desinteressado amor.

No momento actual, nenhum serviço mais assignalado se poderá prestar a esta patria.

E todos fiquemos bem certos de que não ha de ser o derradeiro, na ordem politica e da natureza, institucional. Ainda não está proferida a ultima palavra.

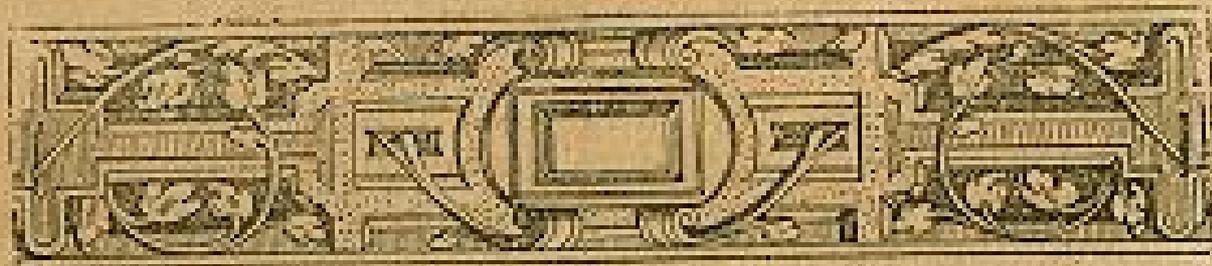
No regaço immenso do futuro, dormem muitos acontecimentos emocionantes, que o dia de amanhã talvez traga á flor da Historia para a sua solemne consagração.

Novos regimens, e outros systemas de governo poderão vir substituir aos actuaes.

E' perenne a obra santa da civilisação, como são interminos os horisontes azues da liberdade.

Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1897.

A. MILTON.



Campanha do Paraguay

PASSO DA PATRIA E ITAPIRÚ

16, 17 E 18 DE ABRIL DE 1866

Não se pôde fallar da diuturna campanha do Paraguay sem recordar alguns nomes e datas, que illustram a historia nacional.

Releva, porém, discriminar os factos que constituem esse deploravel periodo de uma luta sustentada mais pelo capricho que pela necessidade.

A politica que occasionou a guerra ainda não foi imparcialmente estudada em suas origens, intuitos e secretos motivos. A nação, acreditando que o governo imperial procurava desaffrontal-a, submetteu-se a todos os sacrificios.

As virtudes patrioticas e o heroismo do exercito e da armada tambem não foram rememorados como realmente merecem, excepto na publicação do sr. coronel Jourdan, a qual é um simples relatorio; no livro que Schneider escreveu no sentido de favorecer a causa adversa, rectificado pelas excellentes annotações do barão do Rio Branco.

O Sr. visconde de Ouro Preto em boa hora, editando—*A marinha de outr'ora*—concorreu com abundante

subsídio. O Sr. visconde de Taunay, inspirando-se em Thucydides, traça com vivo colorido a *Retirada da Laguna*. O almirante J. da Fonseca—perito nas letras e consummado homem do mar e de guerra—descreveu conscienciosamente o combate de Cuevas e a batalha de Riachuelo, considerando-os prodigiosos episodios da marinha moderna.

São dignas de menção as *Memorias*, por assim dizer, escriptas sobre o proprio terreno da acção e publicadas pelo fallecido senador Silveira da Motta. Ellas abrangem a phase que começa desde o Chaco, Itororó, Avahy, Lomas Valentinias, terminando em Assumpção.

Esses trabalhos historicos apenas ministram idéa de alguns incidentes da pugna homérica.

Pintam os aspectos grandiosos da scena tremenda, em que a tenacidade da tyrannia, assoberbando o valor dos alliados na cruzada para redimir um povo aviltado pela escravidão, ostentava um heroismo feroz, *resguardando* a patria invadida.

Mostrava nos revezes a fé, que inflama e jamais esmorece, faz martyres e heróes. A historia, verberando o despotismo, todavia consagrará a coragem do desespero e patriotismo do Dictador do Paraguay.

Os documentos que contêm a epopéa de nossas victorias ahí jazem soterrados na poeira dos archivos ou dos jornaes.

A propria tradição, que repete e vulgarisa os successos, altera-se e ás vezes os deturpa.

A geração, que presenciou a guerra e vae desaparecendo, ainda glorifica a indomita valentia do general Osorio e do marinheiro Marcilio Dias; a energia reflectida e calma de Caxias e de Argollo; a impavidez de Porto Alegre e do general Pedra; a bravura incomparavel do almirante marquez de Tamandaré e do barão do Triumpho; as audacias heroicas do chefe Barroso, do chefe Rodrigues Costa (o mergulhão), que os paraguayos postejaram na horrenda abordagem do encouraçado *Bahia*.

Outros nomes já começam a não ser proferidos.

Breve a tradição os calará; então o silencio os ha de tragar.

As novas gerações, occupadas com os interesses hodiernos, assemelham-se aos viandantes apressados, que não demoram-se na contemplação das sinuosidades dos regatos, das profundezas dos valles, das ondulações das montanhas.

Olham desdenhosamente o passado, repositório de feitos que honraram os seus avoengos.

Só a historia perpetua a memoria de successos e de homens dignos do salario da immortalidade.

Não; tambem não se occupa da narração do passado um paiz que o desdenha e renuncia, sabendo que mutila a melhor parte de sua existencia.

Com que zelo e piedosa sollicitude—no porvir—se hão de investigar os documentos concernentes a esta contenda titanica para enlouvar os vultos olvidados!!

A posteridade sóe mostrar-se, mais que o presente, amiga e admiradora do passado. Os intereresses, as invejas não ecoam atravez dos seculos. As ambições e as concurrencias dormem enlouzadas sob o silencio do tempo—este inevitavel measageiro da justiça de Deus!

Então as figuras heroicas, irrompendo lá das trevas do olvido, surgem involtas no manto fulgurante da gloria.

A posteridade completará a obra do passado, porque ha de pensar que o povo, qual um individuo, deve conhecer a si mesmo, segundo ensinava a sabedoria antiga.

A consciencia da propria força, a confiança no proprio valor dependem no homem e no povo do conhecimento de si mesmo.

Ora este só se adquire conservando, estudando o passado, honrando as individualidades illustres e imitando-lhes os nobres exemplos, os quaes esclarecem e nobilitam o presente.

Emquanto não soar a hora tardia, em que a posteridade apoderar-se-á da scena, devemos preparar os materiaes sobre os quaes trabalhará.

E' nosso dever informar-lhe dos juizos, das injustiças, das iras, das predilecções, até dos preconceitos dos contemporaneos.

Cada um deve concorrer para esta obra na medida de suas forças, consciente de servir a causa do paiz, porque os feitos heroicos constituem um opulento patrimonio de honra, de admiraveis exemplos.

Obreiro solitario, aspiro ao menos trazer algumas pedras para o soberbo edificio, que a mão potente de algum artista de genio saberá traçar e concluir.

Os elementos que hão de servir ao historiador futuro não estão apurados.

Urge submeter a uma analyse severa e imparcial todos os actos e factos referentes a este longo periodo, que foi uma gravissima crise, que condemnou o povo brasileiro a passar por cruéis provações, fazer incriveis sacrificios e derramar a rôdo o seu ouro e o sangue de suas veias em plagas inhospitas.

Aquelles trabalhos, relatorios e memorias, parecem incompletos. Não comprehendem os innumerados incidentes da campanha. Limitam-se a certos e determinados episodios, por exemplo, a batalha de Riachuelo, em que o distincto almirante Fonseca unicamente traça do vivo a luta material, o combate dos marinheiros, o embate dos navios, o reluzir das espadas e o trovejar dos canhões.

O almirante J. da Fonseca tinha um escopo—expôr a nossa admiração á uma pintura elequente e commovedora da scena real, angustiosa e terrível. A sua historia é um painel fiel e verdadeiro. Attesta o olhar certo do nauta, a coragem do guerreiro, que vio e compartilhou desses prelios mortiferos em varias occasiões.

O seu volume prova intelligente curiosidade de quem consultou os livros *do quarto a bordo*, as minudencias do serviço, os lances e manobras, inquerindo si a esquadra, postada naquellas paragens do rio, devia ou não accellar o combate, ou restringir-se ao bloqueio—seu objectivo.

Não se atarefa com esmerilhar as considerações que o historiador philosopho expenderá sobre a politica que originou o perigoso conflicto.

Já o volume do snr. visconde de Ouro Preto affirma grandes intuitos de politico e estadista; inicia-nos,

habil e perspicazmente, nos segredos da administração do Estado; aprecia as razões e o alcance da triplíce alliança, que o Vice-Presidente Pelligrini tanto condemnou lá na Republica Argentina.

Não temos aqui o proposito de analysar nenhuma dessas produções historicas. Notamos especialmente que não encerram o cyclo inteiro da prolongada campanha.

Sem duvida, para fazer uma narração exacta, urge proceder previamente a uma minuciosa analyse.

Cumpre pôr de parte o amor proprio nacional e dizer a verdade nua e crua, verificando até que ponto cabe ao governo imperial a terrível responsabilidade de uma guerra que elle poderia ter evitado, ou feito abortar a provocação, se partito do dictador do Paraguay.

São decorridos tantos annos; estamos, porém, sob o influxo dos mesmos preconceitos, do mesmo ardor patriótico, que impelliam as phalanges de voluntarios e do exercito ao assedio e bombardeio de Paysandú, á passagem do Passo da Patria, dos areas de Tuyuty, aos ermos das Cordilheiras e de Perebebuy, ás expedições do Manduvirá.

Um povo livre, como o poeta, sente o dardo da inspiração, do enthusiasmo, mas deve reflectir na obra em que trabalha. Deve apurar os actos dos governos que se incumbem da direcção de seus destinos.

Deve precisamente verificar a justiça e a razão que determinaram uma guerra que comprometteu as finanças, paralysoo o movimento crescente do progresso moral e material do paiz, anniquillou grande numero de brazileiros, desimados pelo ferro inimigo e devorados pela inelencencia das epidemias.

E' verdade que a liquidação destes pontos parece inutil, porque já não existem os responsaveis perante as leis. Ha, porém, um tribunal, onde devem comparecer, e sem subterfugios responder. Esse tribunal é o da historia.

Emquanto os réos e os benemeritos patriotas não são — uns condemnados, outros galardoados — nós outros, curiosos do passado, que não o louvamos como fetichistas, na cegueira de uma admiração es-

tulta, devémos ir discriminando o joio do trigo, apurando nos factos comprovados os meritos daquelles que souberam servir á patria com abnegação e reconhecida bravura.

Relendo o *Diario* juntamente com outros papeis, que recolheram os factos concernentes ás batalhas que se feriram, se nos depararam diversos nomes, que se notabilisaram e são apontados pela tradição.

Escolhemos, entre outros, o do general Francisco Vieira de Faria Rocha por algumas razões, que pezaram em nosso espirito. Entre estas avultam os seus brilhantes serviços, portanto dignos de menção. Ainda mais, o general é meu conterraneo, que honrou a Bahia nos campos de batalha, e um amigo cujo louvor agrada e não deslustra a quem o escrever, por mais exigente que seja.

E, pois, dupla a razão pela qual vou hoje recordar os louros dos dias 16, 17 e 18 de Abril—quando calçou as terras de Itapirú. Possam elles reverdecer, inspirando aos nossos Berongers!

On parlerá de sa gloire
Sous la chaume, dans le palais.

Faria Rocha, muito moço, era tenente-coronel, commandante do 3º batalhão da guarda nacional da Bahia, o qual depois recebeu a numeração de 40 de voluntarios da patria. A frente deste corpo saltou nas plagas paraguayas a 18 de Abril de 1866.

Desde então elle achou em sua alma de cidadão todas as energias do pundonor guerreiro. Achou em seu coração a força e firmeza de vontade para elevar-se á grandeza moral da abnegação. Achou no sentimento profundo do dever patriótico a viril coragem que affronta a morte e que delle, que nunca fôra soldado, fizera um chefe, que conduzio á victoria os veteranos na profissão das armas.

Devemos distinguir duas cousas: os motivos e o modo por que se fez a guerra e a execução da mesma pelo valor, pela abnegação do exercito e da armada.

Si a guerra foi um funesto erro, não n'ò foi o patriotismo dos brasileiros. Louvar este patriotismo certamente não implica qualquer contradicção condemnando aquella.

Provou a sua intelligencia e bravura no combate de 2 de Maio do mesmo anno, tendo nesse dia o primeiro baptismo de fogo, commandando o 40 de voluntarios, e occupando a vanguarda da 6ª divisão, sob as ordens do general Victorino José Carneiro Monteiro. O comportamento do novel militar foi tal, que mereceu ser elogiado pela sua bravura.

Seguiu-se a batalha de 24 de Maio, tão notavel porque se enfrentaram dous exercitos, talvez os mais numerosos que se combateram na America do Sul, onde Osorio accendia a coragem nas fileiras, passando rapido qual fulmineo raio.

Faria Rocha, dirigindo o seu batalhão, fez parte da 1ª divisão, sob o vigoroso commando do general Alexandre Gomes de Argollo Ferrão. Este chefe era de uma severidade proverbial; denodado, conhecia o valor, mas era de uma avareza excessiva em elogia-lo.

O commandante do 40 de voluntarios foi mencionado na parte do combate com honroso louvor, e por esse facto condecorado com a Ordem do Cruzeiro.

Travou-se o combate de 16 de Julho; neste já Faria Rocha exerceu o commando da 10ª brigada de infantaria, composta dos batalhões 2º de voluntarios, commandado pelo major Manoel Deodoro da Fonseca, que virá a ser guapo general, fundador da Republica Brasileira; do 13º de linha, pelo major Augusto Cesar da Silva; do 26º de voluntarios, pelo tenente-coronel Francisco Frederico Figueira de Mello; do 40º de voluntarios, commandado interinamente pelo capitão Feliciano José Henriques; do 22º pelo major Caetano da Costa Araujo Mello.

Não dera somente provas de bravura e experiencia, mas de capacidade intellectual, de acerto, e promptidão em manobrar uma massa consideravel de homens. O governo conferio-lhe o officialato da Rosa pelos relevantes serviços que prestou neste dia.

Quando em Iitororó, enoveladas as nossas cohortes recuavam e pareciam incertas as probabilidades da victoria, Faria Rocha, á frente da 4.^a brigada de infantaria, tomou decisiva parte na perigosa refrega. A sua brigada era composta dos corpos de voluntarios, 25.^o commandado pelo major Affonso José de Almeida Corte Real; 29.^o, pelo tenente-coronel Carlos Antonio Pereira de Macedo; 33.^o, pelo major Feliciano José Henriques.

A maneira galharda, com que portou-se, mereceu muita distincção do duque de Caxias.

Era um facto provado a capacidade militar do guerreiro bahiano. Estava verificada a sua bravura nos varios prelios que ferira. Podiam chefes e tropas confiar no seu brio, na sua prudencia e incontestaveis aptidões militares; por isso Faria Rocha foi collocado no posto de commandante da 5.^a divisão de infantaria, com a qual entrou na peleja de Avahy, onde Osorio foi ferido e outros generaes, entre elles o coronel Carlos Bethesebé de Oliveira Nery, que commandava aquella divisão. Passou a commandar a 4.^a brigada o tenente-coronel Carlos Pereira de Macedo. O general Faria Rocha fez a 5.^a divisão avançar incontinentemente sobre o inimigo, composta da 9.^a e da 10.^a brigadas sob o commando dos coroneis Francisco Lourenço de Araujo e de Luiz Ignacio de Albuquerque Maranhão com os corpos das referidas brigadas, dirigidos pelo tenente-coronel Joaquim Cavalcante de Albuquerque Mello, Manoel Gonçalves da Cunha, major Francisco Christiano Buys, Antonio Pedro da Silva, João Pinto Homem e Feliciano Antonio Cabral. Partiu com a 4.^a brigada de infantaria para Lomas-Valentinas, onde, em 21 de Dezembro, a luta foi tenaz, prolongada durante 24 horas de continuo e mortifero fogo.

Era a ultima das grandes batalhas que engrandeceram o nome do invicto duque de Caxias; que destruíram os exercitos de Solano Lopez e cobriram os bravos brasileiros de immarcessiveis louros.

Faria Rocha penetrou no reducto. Atacou impavido as posições. Occupou-as no dia 22.

Nesta luta suprema, quando o drama da guerra era horrível, elle confirmou de modo brilhante os merecidos credits de intrepido soldado, fazendo prodigios de valor, assignalando-se pela lucidez do espirito e energia no meio dos perigos.

No dia 23 passou a commandar a 3.^a brigada, composta dos batalhões—9.^o 13.^o 27.^o e 54.^o

O primeiro destes corpos estava sob o commando do major Floriano Vieira Peixoto, que mais tarde será marechal e vice-Presidente da Republica; o segundo do major Feliciano José Henriques; o terceiro do major José Maria Ferreira de Assumpção; o quarto do tenente-coronel Manoel Gonçalves da Cunha.

Guiando esses batalhões, entrou em todos os combates e procedeu com tanta pericia e bravura, que os serviços que prestou foram considerados dignos de eleva-lo ás honras de coronel honorario.

A luta não se terminando, ainda nos dias 25 e 27 de Dezembro tomou parte nos combates de Lomas-Valentinas.

O exercito que testemunhara seus heroicos esforços, via no cidadão soldado um destemido e digno irmão de armas.

Os seus serviços eram brilhantes e incontestaveis e foram remunerados com a medalha de merito e bravura militar—que é a nobre ambição daquelles que honram e defendem valorosamente a patria.

Não lhe era dado um momento de repouso; logo marchou a 29, com a sua brigada para Augustura, onde assistio, a 30, á capitulação da fortaleza e da numerosa guarnição.

Faria Rocha servio e batalhou até o fim da guerra. Elle foi soldado imperterrito nos perigos; foi modelo de bravura; foi exemplo vivo de abnegação, de paciencia nos soffrimentos; foi notavel pela disciplina, ainda mais pela gentileza das maneiras polidas com que tratava os seus commandados e pela cortezia senhoril com que procedia nas relações com os seus superiores hierarchicos.

A historia, quando burilar os bustos dos heroes desta guerra, sem duvida indagará como um sim-

ples cidadão fez-se um valente soldado e verá que o segredo desta subita vocação cifra-se em dous grandes sentimentos:— a nobreza da alma e o amor da patria. E' esse o mais bello brazão com que se ufana o general Faria Rocha e faz a intima ventura de sua existencia.

Quando o general, alquebrado de fadigas e envelhecido pelos arduos trabalhos da guerra, para onde partio muito moço e robusto, regressou do Paraguay, commandando a sua brigada, foi nesta capital recebido pelo imperador e seus ministros. Nessa occasião o imperador concedeu-lhe a dignataria do Cruzeiro—*benemerentium premium*.—Ainda lhe estava reservada outra suprema alegria. Quando desembarcou saudoso, na altiva, esplendida e generosa Bahia, vio-se cercado de applausos e calorosas ovações, como as legiões victoriosas eram saudadas e glorificadas na antiga Roma.

Rematando esta rapida e succinta recordação da triumphal campanha, praticariamos uma lacuna, si não transcrevessemos aqui a ordem do dia do quarte-general do marechal Conde d'Eu em 2 de Fevereiro de 1870:—«Amanhã, 3 do corrente, ao clarear do dia marchará para o porto a brigada de voluntarios, que tem de embarcar para o Brasil.

Ao dar a ordem para a partida destes batalhões, aos que primeiro, depois desta luta heroica de mais de 4 annos, é dado regressarem victoriosos ao seio da patria e das familias, não posso deixar de congratular-me com todo o valente exercito por termos tido a fortuna de ver chegar o dia desse acontecimento, facto da constancia, do valor e da disciplina do exercito, primeira realização de uma esperanza tantas vezes annunciada, que por vezes ella pôde parecer quasi extincta, e que afinal converteu-se toda em facto, tanta alegria ha de derramar no seio da nação brasileira como auro-ra de uma era nova de prosperidade e de paz.—*Gaston d'Orléans.*»

Hoje 18 de Abril, avivar-se-ão na mente do general Faria Rocha as reminiscencias fulgurosas daquella data.

Mas, raros recordarão que nos dias 16, 17 e 18 de Abril de 1866, o legendario Osorio passava o Passo da Patria e marchava sobre Itapirú com uma temeridade de sublime loucura! Entre outros cabos de guerra Osorio vio a seu lado o general Faria Rocha e seus voluntarios Bahianos.

Em breve carreira, iniciada e terminada na laboriosa escola dos campos de batalha, Faria Rocha fez-se bravo soldado, general experiente e chefe perito que commandou a dous futuros marechaes—fadados a serem presidentes da Republica. Bem raros militares de profissão, talvez, poderão mostrar serviços tão relevantes, feitos tão notaveis, como os seus.

A joven geração, que desdenha do passado, imbuida da credulidade de ser o patriotismo obra sómente do presente, quando atravessar o general Faria Rocha, veterano das grandes batalhas—solitario e modesto, alheio ás ruidosas preoccupações da hora actual, ignora que—illumina aquella alma uma epopéa inteira de heroismo. Ignora que a sua existencia consumio-se nas lutas de ardente patriotismo, no culto sincero da liberdade.

O patriotismo, a bravura e a liberdade não são de data recente no Brazil. Os nossos maiores souberam comprehendel-as e pratical-as.

O general Faria Rocha aprendeu todas estas virtudes nesta nobre Escola.

E por isso um esmerado modelo de virtudes civicas, soube tambem ser o exemplo dos soldados, o orgulho dos chefes e dedicado amigo da sua patria.

Hoje o veterano á sombra dos louros colhidos, repousando das arduas fadigas, consagra-se aos deveres civicos e ao culto da arte. Cousa estranha e singular! um animo severo e forte, sobre o campo da peleja, é todavia no lar domestico um cavalheiro perfeito, um cultor desvellado e intelligente das bellas artes.

Acha esta alma nas creações artisticas com que recreiar o coração. E' uma revelação. Só se sabe apreciar a belleza ideal quando ella é uma das paixões da

nossa propria natureza. Balzac dizia — *comprendre c'est egaler*.

O general Faria Rocha adornou a casa de sua residencia de objectos variados de gosto e arte. Seus salões são um pequeno museu. Lembra-mos os dous irmãos e romancistas francezes—Edmond et Jules de Goncourt, dos quaes um escriptor diz—Les frères Goncourt ont été des hommes de musée, et en cela des modernes, car cet esprit de dilettantisme et de critique s'est developpé chez nous á ce point quil a étendu le musée bien au de lá des collections publiques et privées, en introduisant dans le moindre detail de l'ameublement et creant ainsi le bibelot. Le bibelot—ce miniscule fragment de l'oeuvre d'art, qui met sur un coin d'une table de salon quelque chose de l'extreme Orient et quelque chose de la Renaissance, un peu du moyen age français et un peu de XVIII siècle!

Le bibelot, qui a transformé la decoration de tous les intérieurs et leur a donné une physionomie d'archaïsme si continuellement curieuse et si docilement soumise que notre XIX siècle, á force de colliger et de vérifier tous les styles, aura oublié de s'en fabriquer un! Le bibelot—manie raffinée d'une époque inquiète, ou les lacitudes de l'ennui et les maladies de la sensibilité nerveuse ont conduit l'homme á s'inventer des passions factices de collectionneur. Á son regard blasé il faut de joli, du menu, de la bizarrerie.

.....
C'este une mode et qui s'en ira comme une autre.

Não sei se vexei a reconhecida modestia do bravo general, relembrando-lhe o brilhante passado. Em todo caso observarei—que os homens, que bem serviram á nação, perdem o direito de occultar os titulos de benemerencia. Estes pertencem ao patrimonio nacional e perpetuam as nobres e bellas acções para orgulho e honra do presente e poderoso incentivo e seductora lição do futuro.

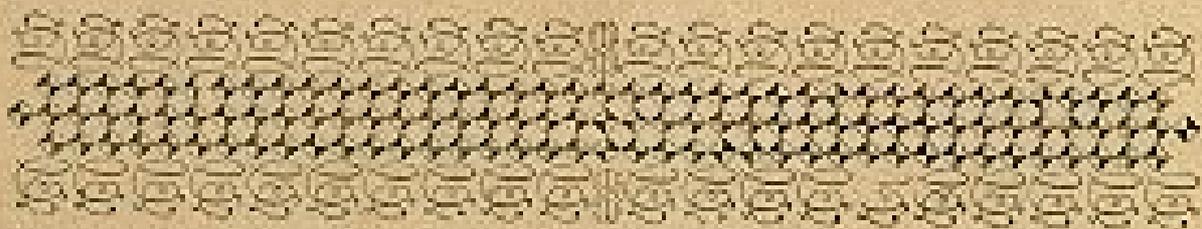
Eu, operario rude, apurando os materiaes para o grandioso monumento da historia no porvir, não podia

passar sem contemplar a figura do valente voluntario que a Bahia honrou e o Brazil inteiro distinguiu.

Ao historiador no futuro cabe o poder e o direito de cingir-lhe a fronte com o laurel radiante da gloria.

Rio de Janeiro—Abril de 1897.

Eunapio Deiró.



O Palacio da Victoria

(Estado da Bahia)

O palacio da Victoria, residencia dos Governadores do Estado, tendo passado por importantes modificações, foi inaugurado a 15 de Novembro do anno passado com um baile official, em commemoração da proclamação da Republica Brazileira.

Por iniciativa do Cons. Luiz Vianna, benemerito Governador do Estado, e nosso illustre consocio, tem a Bahia um edificio digno da sua importancia official.

Damos em seguida a descripção das diversas dependencias do grande edificio, publicada pelo *Diario da Bahia*, e a quem pedimos venia para transcrever.

Por ella se pode avaliar do bom gosto que presidiu a essas obras, do esforço ingente dos que n'ellas trabalharam, e do modo pelo qual foi applicada a somma consumida.

A Entrada—A entrada do palacio faz-se por um vestibulo semicircular, baixo, ornamentado com dez columnas que sustentam arcos romanos.

(*) Em 18 de Dezembro de 1879 mandou-se encorporar aos proprios nacionaes o palacete sito a estrada da Victoria, comprado pelo Governo Geral por 70:000\$000 ao Dr. Francisco Pereira d'Almeida Sebrão, para servir de residencia aos Presidentes da Provincia, concluindo-se n'aquella occasião as obras nelle feitas por 18:859\$909 réis, e passando a ser habitado no dia 1.º de Novembro de 1880 pelo Presidente Dr. Antonio de Araujo Aragão Buleão, depois Barão de S. Francisco.

Hoje este edificio é proprio do Estado em virtude do Aviso do Ministro do Interior de 20 de Outubro de 1891.

Dellas, pintadas de marmore negro do Mexico, maculado de malaquita, pendem seis tendas (*stores*) ou pesadas cortinas de velludo carmesim com ornamentação de ouro no estylo gothico do XV seculo, representando tulipas.

No centro superior desses pannos, executados sobre tæla, as armas da Republica, alternadas com os monogrammas E B—*Estado da Bahia*.

Sobre elles e sob os arcos, um espaço semi-circular por onde vê-se o céu e fragmentos de um jardim onde figuram specimens da nossa flora.

Por cima das arcadas, uma bella frisa do renascimento allemão, imitação de incrustações de mosaico sobre fundo de esmalte ultramar.

Nos espaços existentes de um arco a outro, pequenas taboletas de marmore branco, ornamentadas de uma palma de ouro e contendo as datas memoraveis e celebres da nossa historia: 6 de Agosto de 1549 e 2 de Julho de 1823, lembrando a fundação d'esta Cidade da Bahia, por Thomé de Souza, e a epopéa de bravura dos defensores da independencia politica d'esta antiga região Portugueza; 2 de Novembro, 13 de Maio, 24 de Fevereiro, 12 de Outubro, 7 de Setembro de um dos lados semicirculares; e do outro: 1 de Janeiro, 21 de Abril, 14 de Julho, 3 de Maio, 15 de Novembro.

O forro dessa peça é branco e repete nas molduras, os tons cinzentos da parede.

A *escada* destaca seus balaustres de bello vinhatico polido sobre um alvissimo fundo branco e ouro, e dá accesso a *galeria superior*, onde está a maior riqueza de todo o trabalho de pintura artistica, confiado aos talentos do insigne Sr. Lopes Rodrigues.

Passada a primeira escada, em dous lances, abre-se a escadaria de honra, toda de vinhatico, sustentando, com bellissimas columnas da mesma madeira, a graciosa claraboia que a illumina.

Aos lados, destaca-se a galeria superior, tambem semi-circular. Sobre a primeira escada, em frente daquella galeria, tres pannos decorativos, luminosos, claros, brilhantes, tendo como fundo o céu e representando—o do centro um motivo architectonico.

Sobre elle um rico vaso de marmore repleto dos mais bellos specimens de nossa flora, representação da natureza.

E' a felicidade, o goso supremo da terra, na natureza e na Arte.

A' direita e á esquerda, duas outras télas representando a pintura e a esculptura; a musica sacra, a dança e a poesia campestre.

Em torno, oito motivos que, a principiar pela esquerda, representam—a Arte, a Agricultura, a Industria, a Sciencia, o Commercio e a Navegação, a Paz e o Amor, a Lei, a Justiça e o Trabalho.

Esses motivos são imitações de tapeçarias do começo do seculo XVIII, têm no centro um medalhão circular preso por uma fita azul a um motivo de enquadramento dourado, do qual pendem os attributos de cada um dos assumptos tratados.

Os fundos, sobre os quaes destacam-se, de côres amortecidas, têm os tons de nossa bandeira.

As columnas que os enquadram são de marmore branco e as paredes são pintadas de verde Veronez com os mesmos monogrammas, mas doirados, já vistos no vestibulo.

A *claraboia*, de accordo com o resto da decoração das peças que acabamos de descrever e que a completa, é tambem obrigada á nota propositalmente forçada das côres nacionaes.

A côr dominante no conjuncto dessa peça é o verde Veronez e os motivos de ornamentação do estylo do renascimento são imitações de faianças ou azulejos e mosaicos.

Os quatro medalhões, que têm a forma circular, descansam em plinthos de marmore sobre os quaes, uma cortina de velludo com as côres nacionaes, supporta um gracioso specimen da nossa flora.

O principal desses medalhões representa a Republica, e é ornamentado de espirradeiras (louro rosa), o emblema da fidelidade entre os gregos e romanos;

Outro:

As armas da nação, enquadradas por enormes galhos de rosas amarellas, Marechal Niel;

Ainda outro:

Em frente, ás armas do Estado da Bahia, ornamentadas de crotons, a planta Bahiana que serviu de distinctivo ás tropas do exército pacificador por occasião da nossa independência;

O ultimo:

As armas da municipalidade, que são ornamentadas com galhos de cannafitá,

Em seguida á galeria semi-circular, está um pequeno vestibulo de communição com a sala de jantar e o andar inferior.

Della fez o Sr. L. Rodrigues uma sala persa, reproduzindo cuidadosamente motivos de ornamentação classica, extrahidos das obras de decoração de Emilio Leconte e Racinet.

As barras, imitam incrustações de ouro sobre fundos de esmalte.

A galeria superior contém onze télas de mais de treze metros de altura sobre um e noventa centímetros de largura.

O Salão nobre—As paredes deste salão são forradas de custoso papel inglez, dourado, de fundo neutro colorido em salmão.

O tecto, esculpturado em ricos filamentos, molduras, medalhões, grinaldas e cordões finamente cinzelados, está dourado a ouro polido, losco e verde, sobre um fundo branco de prata. O chão é coberto por um rico tapete moderno de estylo, onde se distinguem, entre cercaduras de um vermelho roseo, motivos classicos. Nas portas, com arregaços differentes, cahem sumptuosos reposteiros corynthios de gorgurão de seda lavrada, em fundo salmão, sobre as quaes, presas em galerias douradas, de estylo, encimando as armas da Republica, pendem sanefas de pellucia bordada a ouro em matizes suavissimos, garantindo o apanhado um cordão de seda, de que cahem remates de igual especie. Nas janellas, esses reposteiros se repetem sob a fórma de cortinas duplas de filó crème e seda salmão, bordadas, compondo-se as sanefas, triplas de gorgurão e pellucia, com longos pendentos do mesmo estolo. As abraçadeiras, ainda de seda salmão,

completam essa bella tapeçaria do mais apurado bom gosto.

A mobília a Luiz XIV é doirada e de estofó, *capitoné*, de seda *Pompadour*, levantando-se sobre o fundo amarello claro rosas esmaecidas de matizes diversos. Sobre consolos de madeira doirada e marmore de Carrara, descansam, em molduras do mesmo estylo, ricos e altos espelhos de crystal *bisauté*. Ao centro da parede do fundo entre columnas de victorina (imitação), em cima das quaes em ricas faianças de esmalte estão numa desordem artistica flores artificiaes, brilha um riquissimo espelho oval de grandes dimensões, doirado a ouro polido e verde, ostentando uma luxuosa moldura de bem trabalhada talha. Ricos candelabros de bronze antigo, burilados com labores classicos, estão sobre os consolos lateraes, recebendo os do panno da fachada cestas doiradas de flores de panno.

Ao centro do salão, sahido de um rico florão em ouro fosco, divisa-se um lustre inglez de finissimo crystal, facetado em brilhante, onde em linhas de graciosos pingentes, se compõe com os braços torneados de suas dez luzes um ramilhete do mais curioso e bello arranjo. O typo desse lustre, que é uma riqueza, se repete em duas arandelas do mesmo crystal, que estão ladeando o grande oval do panno do fundo.

Tapetes alvos de lã completam a ornamentação deste compartimento do palacete.

Sala de recepção—Atapetada com gosto, tem nas paredes um rico papel de velludo e ouro. Campanarias e janellas estão guarnecidas por cortinas brancas bordadas, com sanefas de igual fazenda. As portas de entrada estão decoradas com reposteiros corynthios, de regaço de seda azul pavão. Suas sanefas, riquissimas, são de pellucia azul *foncé*, tendo o tecido matizes do mesmo colorido, que mais se destaca nos pendentés e na roseta central do regaço. São apanhados de um só lado, deixando ver uma rica franja de seda de cordão azul.

As galerias de todas são rectas, compondo a sua moldura de enfeite o barrete symbolico da Republica.

A mobília é dupla. Mogno estufado á seda *grénat*, estylo Luiz XVI, e jacarandá, estylo Luiz XV, modificado. Ao centro um alto e bello espelho francez, *crystal biseauté*, que se repete, aos lados, em typos menores, sobre consolos ricos com incrustações de latão. No panno da frente lindas etagères de jacarandá polido e fosco.

Jarros etruscos, de bronze e faianças do mesmo typo, coloridos em azul de esmalte, completam a ornamentação desta sala.

Sala de visitas—A ornamentação desta sala está de harmonia com a de recepção. As cortinas, os reposteiros e a mobília principal, que é de estofó *grénat*, são do mesmo typo e gosto.

Variam o papel das paredes, a côr do tapete e a mobília complementar.

Ao lado vê-se um rico e novo piano *Schydemier*, grande formato e grande modelo, brilhando sobre elle um espelho oval, paralelo e semelhante ao que se acha no panno fronteiro. Na parede da frente acham-se consolos dourados, estylo de phantasia, sobre os quaes descancam, em molduras douradas, longos espelhos. O espelho do vão principal é igual ao da sala de recepção, que se acha installado em symetria com elle.

Gabinete do Governador—Forrado a esteira de lindo desenho, em quadros, e coberto nas paredes com um papel azul escuro, está este espaçoso gabinete preparado á meia luz. Os resposteiros são de juta de lan e franjas de cordão, com abraçadeiras da mesma côr, presos em galerias de moldura em relevo a negro e ouro. Tem duas secretárias. Uma a do governador, possui um rico tinteiro de fino *crystolle* e candelabros do mesmo metal, entre os quaes sobre um bronze, um globo geographico, em relevo. A outra, de seu official de gabinete, tem um bronze e dois globos, um terrestre, e outro astronomico.

Nas paredes—grandes mappas geographicos, thermometros, barometro Bourdon, relógio, uma pintura nacional a oleo, e um apparelho telephónico, formato novo, com oito linhas particulares.

Serviço completo de campas electricas, communicando para a copa e para a guarda do palacete.

Mobilia de jacarandá, disposta entre columnas de estylo, sustentando ricos candelabros de imitação de bronze.

Salão das conferencias—Espaçoso salão de um amarello claro com matizes de uma coloração do mesmo tom. Reposteiros, em harmonia com o papel, são encimados por sanefas tricentricas de juta escura, sob galerias doiradas e em relevo de moldura. No chão—esteira lisa da coloração do papel, sobre a qual, ao centro da sala, um rico tapete de tons neutros, sobre um fundo vermelho escuro. Neste tapete a mesa das conferencias, trabalhada em gonçalo alves. Ao derredor della—cadeiras, cestas, estantes com livros, columnas com assento de marmore polido e mappas.

Entre as estantes do panno do fundo está o lugar em que deve ser collocada a téla decorativa do Sr. Lopes Rodrigues, representando a Republica.

Quarto de visitas—Frenteiro á sala das conferencias este commodo é forrado a papel de listas amarellas e doiradas com rosas de uma coloração discreta. Reposteiro de juta amarella, da côr do papel e sanefas com pendentés duplos da côr das rosas do forro das paredes. Tecto branco. Esteiras da côr do reposteiro.

Ao centro do quarto um leito de gonçalo alves sob um rico baldraquim de seda, com cortinas triplas de finas rendas bordadas, brancas. Toilette com custosos enfeites de crystal e biscuit, e rico lavatorio com uma installação de porcellana fina, tendo as armas da Bahia em doirado a fogo. O leito está coberto por uma colcha de seda lavrada da côr das sanefas, ladeando-o tapetes felpudos da côr dos reposteiros. Mobilia completa de gonçalo alves com decorações a vidros de espelho.

Quarto do governador—Forra as paredes papel de um azul neutro sobre um fundo de prata fôsea com colloridos suaves do mesmo tom. Cortinas de ren-

das azues, diaphanas e claras. Tapeçaria azul sobre um fundo de uma esteira levemente matisada.

O leito, ladeado por dous *bidets* de madeira e mármore, e por duas cadeiras estofadas, em velludo de azul e ouro, é de setim velho, com molduras de talha riquíssima. O docel da mesma madeira prende com fitas de gorgurão azul e braçadas de lyrios uma sanefa de seda azul lavrada, cujos regaços deixam ver, ao fundo, um leque de setim da mesma côr.

Gabinete e toilette—O gabinete está preparado com moveis eguaes, na sua madeira e na sua esculptura fina, ao leito do governador. O chão é de esteira verde, e as cortinas, reposteiros e sanefas de galerias doirados a ouro polido, são de juta de seda. No *boudoir*—delicadíssimos vasos de vidro cinzento fôscó com flores soltas de biscuit colorido e incrustações de crystal, tudo montado sobre rendilhados de alumínio.

Tapeçaria azul e ricos espelhos de crystal *bisauté*, além de uma installação luxuosa de porcellana, doirada a fogo.

Latrina—Rigorosamente hygienica, é uma das curiosidades do Palacete. Paredes de azulejo azul, chão impermeavel; tecto de serretas abertas; campanarias livres, dando passagem ao ar para aposentos de tiragem; vaso luxuoso, systema Unitas, com descargas hydraulicas; tubos de tiragem com grandes diametros; e por complemento, lavatorio, cabides, espelhos e mezas de mármore sobre etagère de ferro envernizada a bronze de prata; a latrina do andar nobre do Palacete é bem um modelo, onde as exigencias de hygiene estão observadas com o mais impeccavel rigorismo, garantindo ao mesmo tempo as vantagens da mais exigente commodidade.

Casa de jantar—As paredes deste compartimento, que é effectivamente digno de attenção pelo gosto de discreção que presidiram a todo o arranjo delle, são forradas de rico papel marroquim de fundo amarello claro com flores de lilaz, docemente desmaiadas.

O chão é coberto de linoleum, também de fundo amarello, e florejamentos de delicado colorido.

Em todas as portas ricos reposteiros de seda verde, chammalotada, com sanefas do mesmo estôfo, que cahem em amplos recortes.

O apanhado é feito por cordões da mesma seda presos em *porte embrasses* de metal fundido em moldes de estylo a Luiz XIV.

Nas janellas repetem-se as mesmas sanefas, ligando-se os seus talhos pelas franjas, também de estylo, em graciosas curvas polycentricas de suprehendente effeito.

A mobilia, toda de *vieux-chêne*, compõe-se de dous *armoires à glaces*, dous porta-crystaes, quatro immensos espelhos de *crystal bisaute*, montados sobre columnas com cornijamentos classicos, quatro *mezas de trinchar*, tres mezas de serviço e oitenta cadeiras altas, com assento e encosto de palhinha.

Ornam-na ainda riquissimas jarras de *baccarat*, com finas pinturas de bellissimos lavores.

Sala de espera—Simple e grave, tendo o chão forrado de linoleum escuro, está mobiliada ao gosto do renascimento, fechando as suas entradas bellos reposteiros de pellucia azul, decorado com motivos raphaelescos, neutros, da renascença.

Completam a sua ornamentação um rico espelho francez, jarros de estylo e discreta distribuição de flores e bustos de marmore branco sobre columnas sombrias.

Salão de recepção diaria—Este commodo é atapetado de azul e suas paredes são forradas de luxuoso papel de velludo e ouro; as portas são ornadas de ricos resposteiros duplos de filó e seda bordada, o tecto é de finos relevos, as mobílias, variadas, grande a quantidade de espelhos de esplendidas molduras de estylo, além de tapetes de composição delicada, de jarrões chinezes, faianças coloridas, flores de tons suaves, columnas e figuras de marmore.

Sala de jantar—A decoração desta sala é harmonica e de excellente effeito. Sobre o amarello do linoleum,

do papel das paredes, das tapeçarias, destaca-se a sua mobilia escura. Completam a ornamentação bustos de terra-cotta, pinturas e pratos de faiança clara.

Sala de recreio—Mobilia graciosa, destacada sobre o escuro das cortinas de juta com desenhos de velhas tapeçarias. Na parede gravuras coloridas com vistas architectonicas. Chão de linoleum em mosaico.

Copa—Completa nas commodidades de seu arranjo: mesa de serviço em marmore, armarios de velho jacarandá e bacias esmaltadas com serviço abundante de abastecimento e esgoto de aguas.

Cosinha—Preparada com azulejos, chão de ladrilho de marmore da Belgica, fogões Uncle-Sam e de gaz, mesas de marmore, trem de ferro esmaltado, serviços de abastecimento e esgoto, garantida a sua hygiene por uma franca ventilação de seu meio, em continua communicação com o ambiente por bandeiras de ferro e gradarias de estylo.

Dispensa—Vasta, communicando-se com a cosinha por um gradil de barrinhas recurvadas, a dispensa possui grandes armarios de vinhatico, em tres corpos, prateleiras de serviço, mesa de marmore e quanto é preciso a esse util commodo em qualquer installação domestica.

Banheiro—O chão é ladrilhado e as paredes forradas a azulejo azul, abrindo por campanarias de vidro translucido para a sala de recreio, para a latrina do pavimento inferior, para os aposentos de hospedagem, e por uma escada praticavel, para o andar nobre, o banheiro tem uma installação completa.

Ao fundo uma bacia de marmore branco, levantada sobre paredes mortas, recebendo do alto por um chuveiro de cobre a queda de agua. Ao lado uma banheira de estylo em ferro esmaltado com pintura serpentina, com serviços de agua fria, quente, chuveiro fino e ducha. A ducha é de metal nickelado. A agua quente vem de um elegante e rico *chauffe-bain*, automatico, a gaz. Do lado opposto—columnas de madeira, fingindo marmore verde, com grandes vasos de folhagens artificiaes. Espelho *bisauté* sobre mesa branca de mar-

more polido, montada em *etagère* de ferro envernizado a bronze de prata. Vasos com plantas naturaes. Cadeiras de madeira e ferro.

Aposentos particulares—N'um corredor de serviço, com caminho de linoleum fixo estão situados quatro aposentos de serviço, forrados a esteirinha branca, mobiliados com gosto, cahindo sobre os leitos bellos cortinados de renda, encimados por laços de fita vermelha, larga.

Portaria—Em comunicação com os aposentos de serviço e com as installações domesticas a que dá sahida livre e independente pelo vestibulo de entrada, está a portaria, que do vestibulo se separa por um reposteiro de pellucia com pintura do renascimento, igual e paralelo ao da sala de espera, e do interior por uma campanaria de madeira envernizada.

Tem capacidade para trezentos chapéos.

Galerias—As galerias, contendo pinturas do inspirado pincel de Lopes Rodrigues, já descriptas, são forradas no seu chão a ricos tapetes de velludo fino, o primeiro carmezim com vivos em flores de um alvo de prata, o segundo cinzento claro com desenhos em nuances sombrias, harmonicas com o gosto classico da sala persa.

Iluminação—A iluminação do Palacete é abundante e feita com lustres de crystal, inglezes, suspensões, lustres modernos francezes, lampadarios, lanternas, de crystal colorido, arandelas de estylo, suspensões em imitação de bronze e candelabros de ferro.

Serviço de aguas—E' inteiramente novo, servido no tecto por tanques de ferro zincado com capacidade para quatrocentos barris diarios. Seus ramaes dão para o banheiro, latrinas, bacias de serviço, copa e cosinha.

Esgotos—Tem esgoto duplo o Palacete da Victoria. O das latrinas desce para o fundo da cocheira do palacio com 40 0/0 de inclinação. O das aguas de serviço entronca neste depois de um desenvolvimento longo, achando-se um e outro continuamente desinfectados.

Serviço electrico—Tem um serviço electrico triplo:

telephones, um para familia, no andar terreo e outro especial do governador, no seu gabinete de trabalho; campas electricas em todos os aposentos, convergindo para um quadro da copa: installação especial nos aposentos officiaes, em communicação com a guarda.

Os telephones do Palacete communicam-se entre si, permittindo multiplas combinações para utilisação independente das linhas da empresa e das linhas particulares do mesmo edificio.

Varanda—Larga e ladrilhada a marmore da Belgica, está ornada com candelabros, norte-americanos, de ferro fundido, e servida por bancos de madeira e ferro, da fabrica de Valença.

Jardins—Foram restaurados os tres jardins do Palacete, havendo sido desenhado o plano delles ao gosto inglez. Combinações de grammas fazem a decoração dos canteiros recurvados, onde estão tratados bellos e variados specimens de plantas.

Gradarias—São de ferro, e acham-se pintadas como os porticos de entradas e os vasos ornamentaes a bronze com colorações, a amoniaco, de velhas oxydações.

Serviços—E' o de louças, de porcellana finissima, modelo novo, somente mandado pela fabrica de Limoges, para o Brazil, para os palacios da Victoria, na Bahia, e Nova-Friburgo, no Rio. Doirado a ouro lóseo, todos osapparelhos, com tons desmaiados na sua ornamentação symbolica, têm as armas da Bahia em lindas impressões a côres neutras.

A cutelaria é da fabrica Crystoffle, modelo commum. Os crystaes, riquissimos, são da fabrica Baccarat.

Dependencias—Estão em duas alas, reconstruidas no lado dos jardins. A primeira dá aposentos aos subalternos da casa do governador, tendo cosinha, banheiro e latrinas especiaes. A segunda faz a cavalleria com capacidade para trinta animaes, aposento de vigia, sala de forragens e casa de sellaria.

Chacara—Cercada de novo e cuidada nas suas plantações, tem um estabulo para dez animaes, construido sobre aterro, e horta á beira de um regato copioso.

—O palacete tem no edificio central, pavimentos inferior e nobre, 62 espelhos e 160 luzes, das quaes contam-se 130 bicos incandescentes de Auer.

—Foram restaurados diversos moveis existentes no palacete.

—A direcção geral dos trabalhos foi confiada á competencia e gosto do Dr. Arlindo Fragoso, que teve por auxiliares, nas obras technicas e decorativas o Dr. Alexandre F. Maia Bittencourt, na pintura o distinctissimo artista Lopes Rodrigues, nos trabalhos de doiramento o Sr. Emilio Bousquet, nas installações de gaz o Sr. Nemesio Dias, nas installações electricas o Sr. Melgaço, e, nos trabalhos de tapeçaria, o Sr. Dubois.

Foi fiscal geral das obras o Sr. Julio Leitão.

As compras e aquisições foram feitas na Bahia, no Rio de Janeiro, em Nova-York, em Londres, em Paris e em Hamburgo.

As encómendas foram feitas pelas casas commerciaes dos Srs. Gama & C. e Soares de Azevedo & Irmãos.

Na Bahia os maiores fornecimentos foram feitos pelos Srs. Gama & C., Viegas & C., Araujo Manso, Emilio Bousquet, Magalhães Costa e pelo *Palacio de Crystal*.

—As modificações feitas tornaram o palacete da Victoria em condições de poder receber dignamente qualquer visita.





A Republica e a Federação no Brazil

Acontecimentos na Bahia

Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo socio correspondente Dr. Aristides A. Milton

A evolução social é uma lei hoje reconhecida e confessada por todos os espiritos cultos, assim como um facto verificado pela historia da humanidade inteira.

Si o homem—de anno em anno—realiza a expansão de sua actividade nos dominios do pensamento, os povos tambem—dia a dia—e aquistão maior numero de victorias e mais trophéos nas lutas da liberdade.

A natureza está completa, desde o ultimo dia da creação, pois que perfeita e acabada sahio ella das mãos omnipotentes de Deus. Com o correr dos tempos, porém, é que se vai descortinando a melhor parte das maravilhas que a natureza encerra, conhecendo os moldes em que foi vasada, apercebendo o rythmo, em que se embala, descobrindo enfim os segredos guardados em seu seio vasto e opulento.

Desde a musica ideal das espheras até á germinação mysteriosa das flores; começando pelas entranhas feracissimas da terra, e acabando pelos abysmos profundos do mar; submettendo-se, ainda vivo, ás luminosas projecções dos raios X, e, quando já morto, servindo nos amphiteatros para os estudos do escalpello impiedoso: o homem tem procurado, por

que reaes, e não podião resolver os grandes problemas da constructura geologica da Bahia.

E' conhecida a enorme riqueza metallifera d'este Estado, desde o extremo sul até o norte, e principalmente na vasta zona do centro, semeado de morros, serras, montanhas, mormente na grande bacia situada entre o rio de S. Francisco e os rios Paraguassú, Verde e Itapicurú.

Essa zona metallifera parece um enorme museu de mineraes, distribuidos pela generosa mão da natureza, e os terrenos geralmente são tão fertéis que, apesar de ser relativamente escassa a população, exporta a maior parte do café e fumo da Bahia.

Esses terrenos foram até hoje sómente em muito pequena parte estudados, mas assim mesmo provam numerosas amostras que pessoalmente adquiri e que me foram remettidas.

Abundam n'elles nos quartzitos metalliferos, o diamante, o carbonato e o ouro, o chrysolitho, o berillo, a agua marinha, o topasio, as turmalinas, granadas e amethystas, a galena nos chistos calcareos, o graphito misturado com a argilla para constituir a plumbagina, o chumbo, o cobre, o mercurio, o enxofre, o sal, o salitre, a pedrahumi, turfas, linhetes e chistos betuminosos, o petroleo, o tripoli, o marmore e os enormes depositos e montanhas de ferro oligista, nicaceo, especular, magnitite e manganéz, com camada de centenas de metros de potencia e leguas quadradas de superficie; e parece que, excepto o combustivel, carvão de pedra, que ainda não foi encontrado, todos os mais mineraes conhecidos existem nos terrenos d'este Estado.

Muito podia o governo esperar d'este assás importante ramo de trabalho, como provam as vantagens obtidas pelas explorações metalliferas da California, da Australia, do sul da Africa, da grande expansão da producção mineral da Nova Zelandia, da Colombia, Venezuela, Chile e de todos os mais paizes que possuem mineraes, e ha poucos Estados mesmo no Brazil, cuja abundancia e riquezas de ja-

zidas metallíferas constituam melhores condições d'essa possante industria, do que a Bahia.

Póde-se dizer que a mineração entre nós é ainda incipiente, devido em parte á falta de meios faveis e baratos de transporte, á timidez do capital e á frouxidão da iniciativa, e é incomprehensivel que uma vastíssima região, com elementos no seu subsolo capazes de alentar numerosas industrias altamente remuneradoras, nada produza, excepto diamante e carbonatos.

O mallogro da empresa aurifera da Serra de Assuruá, devido unicamente á má direcção e administração e á falta de pessoal idoneo, tem de tal forma desacreditado entre nós a industria mineira, que é difficilimo obter capitaes para semelhantes empresas e principalmente dinheiro do estrangeiro; si as companhias e syndyatos de minas existentes e em exploração que organisaram-se com capitaes fornecidos pelo commercio da Bahia, e que promettem brilhantes resultados para o futuro, não forem dirigidas por verdadeiros e habéis mineiros, o resultado será sempre um total prejuizo para o capital.

As melhores intenções e mesmo a maior honestidade não supprem os conhecimentos precisos para os difficeis trabalhos d'esta natureza.

Existem, no Estado da Bahia, numerosas minas por explorar, mas não para esforços individuaes, e sim por meio de empresas e associações, com grandes capitaes e pelos estudos investigadores de peritos scientificos e applicação de poderosos instrumentos que arranquem os thesouros escondidos no seio do subsolo.

Para o conhecimento e desenvolvimento dos recursos mineraes do Estado, faltam estudos systematicos da anatomia do solo e da sua physiognomia e estrutura, que dependem, ou antes, que consistem em explorações geologicas, que determinem exactamente onde se acham os mineraes, para não procural-os á ventura e gastar rios de dinheiro em inuteis explorações e experiencias, como aconteceu na mallograda companhia de ouro do Assuruá.

D'ahi os garimpeiros e os moradores remetem mensalmente para a Bahia maiores ou menores remessas de ouro em pó e em crystaes, si bem que os encarregados da companhia declarassem mui peremptoriamente que os terrenos da serra de Assuruá não tinham ouro.

Parece que o mau exito da empreza do Assuruá e de outras emprezas metallurgicas só é dividido ás ignorantes e extravagantes administrações, visto as extraordinarias tradições da riqueza mineral d'essa serra e do valle do Rio Verde, cuja formação geologica é totalmente identica á serie de gneis metallifero das ricas jazidas auríferas do Morro Velho, Cuyabá, Santa Barbara, S. João d'El Rei, etc, em Minas Geraes e dos terrenos auríferos da Jacobina, do Bomfim (Villa Nova) e do Rio de Contas.

Os emprehendedores e os engenheiros erram muitas vezes por falta de conhecimentos, e os capitalistas pela soffreguidão com que desejam realisar lucros immediatos, preferindo quasi sempre engenheiros baratos a engenheiros habeis.

E' tambem um grande erro o immediato emprego de grandes capitaes em compras de machinas e em despesas que não sejam restrictamente necessarias, devendo o trabalho apenas limitar-se aos estudos para as explorações preliminares, por meio de aberturas de galerias ou profundas sondagens.

E' sabido que actualmente a arte de minerar é uma cousa positiva, como qualquer outro ramo de industria, e a metallurgia é sciencia tão exacta como a chimica, a physica e a mechanica, sobre as quaes ella se baseia; e no conhecimento profundo da geologia e da arte de minerar está a capacidade de uma boa exploração sobre as bases fornecidas pelos trabalhos preliminares da exploração.

Os livros de mineralogia ensinam perfeitamente a quem revela gosto sobre o estudo das especies mineraes o modo de explorar as jazidas de mineraes e o de existir na natureza, si em filões, em camadas, em bolsas, em depressões, si accidentalmente nas rochas, especies constitucionaes das rochas, as essenciaes e

as accidentaes, estudo das rochas em estado normal ou intacto, atacado ou transformado em productos secundarios, estudo dos fosseis e dos accidentes dos terrenos.

Sem esses conhecimentos, todas as investigações e explorações são infructiferas, e um proprietario de terrenos pode ter sob seus pés sepultadas ricas jazidas metalliferas sem as conhecer e sem poder aproveitá-las, ou tambem pode falsamente dar um valor sem base, que depois causaria amargas decepções acompanhadas de perdas de dinheiro e de tempo.

A descoberta de mineraes produz uma série de vantagens para os proprietarios de terrenos e para o progresso do Estado, e grandes serviços prestam os individuos á sociedade, ao Estado e principalmente aos exploradores, quando colhem um seixo, um mineral, um fossil, um fragmento de combustivel ou de minerio, e os confiam ou remetem a especialistas para o estudo e para o real conhecimento da riqueza mineral, cuja exploração e aproveitamento augmentarão a fortuna particular e publica.

Sem essa util e valiosa indicação dos particulares, o explorador, muito embora esteja estribado nos mais solidos conhecimentos de geologia e mineralogia, raras vezes achará por si mesmo jazidas metalliferas, sem serem-lhe desvendadas pelas amostras obtidas pela gente do logar; e a prova é que as maiores minas do mundo foram descobertas por acaso pelos habitantes dos logares, e haja vista as minas de California, Australia, Sul da Africa, etc., e as minas de diamantes no Brazil.

E' com esses materiaes por base que o explorador se pode guiar, com o recurso do seu saber e investigar minuciosamente nos logares indicados e depois nos laboratorios para o conhecimento real da natureza do mineral e das condições da sua jazida.

Assim é que então lhe descobrirá a natureza seu seio fecundo, para deixar-lhe desvendar seus importantes segredos e haurir seus preciosos thesouros.

O serviço antigo foi facil, grosseiro, rudimentar, que devastava as superficies do solo e as veias á flor

da terra e os ricos cascalhos dos alluviões, deixando intactas as jazidas mais profundas, por desconhecerem os instrumentos adiantados e as machinas aperfeiçoadas de hoje, que produzem rapida e economicamente a extracção de qualquer mineral.

Mas o serviço moderno de mineração é inteiramente differente do antigo systema, e hoje não pôde ser mais explorada a industria mineira por esforços individuaes; só grandes companhias e associações são capazes de reunir os precisos instrumentos de actividade; para explorar as camadas mais profundas, sendo feitos os necessarios estudos e investigações por verdadeiros peritos scientificos, e só assim, com o auxilio de poderosos instrumentos e aparelhos, podem ser explorados os ricos thesouros que jazem nas profundezas do sub-solo.

II

O Estado da Bahia é o unico do Brazil que possui todos os metaes preciosos e todos os mineraes conhecidos, e pôde ser justamente considerado, debaixo d'este aspecto, como uma das regiões mais favorecidas pela natureza.

Ha rochas, montes e serranias inteiras metalliferas;—caminha-se leguas na comarca de Caetitê e o solo é um lastro continuo de amethystas, crysolitos, topasios e pingos d'agua, toda a extensão da costa, desde o Morro S. Paulo até Barcellos e Camamú, e provavelmente até o Estado do Espírito-Santo, é um immenso deposito de chistos betuminosos, asphalto, algum linhite e, pelo que dizem, tambem de naphtha; desde o valle de Urubú, Bom Jesus da Lapa, em muitos outros pontos das margens do Salitre, perto do Joazeiro, nas numerosas cavernas da cordilheira do Tombador, e principalmente no Morro do Chapéo e Brejo Grande encontram-se grandes depositos de salitre, cuja extracção pode ser uma importante industria para o futuro, quando houver facilidade de communicações.

Todo o centro do Estado e a margem do Rio S. Francisco são ricos de salinas naturaes, cujo sal os habitantes obtêm, raspando a crosta superior das terras, decoando e evaporando a agua ao sol.

Este producto apparece com maior abundancia nos tempos invernosos, o que prova que o sal é transportado de longe pelas chuvas, e que um dia será encontrado o sal gemma em um ou em outro ponto da formação dos grés, em que entrão schistos marnosos e gesso. Vale a pena o governo mandar examinar estes depositos, que se assemelhão ás camadas que fornecem sal nos outros paizes do mundo.

Encontra-se o cobre em diversos pontos: nas cabeceiras do rio-Verde, em toda a extensão, desde a comarca do Bomfim até o municipio do Curacá, e com especialidade ricos oxydos na serra da Borracha; cobre nativo e salicylato de cobre em uma fazenda pertencente aos herdeiros do finado coronel Gabriel, perto da cidade do Bomfim, e até vestigios na estrada das Queimadas para Monte-Santo, e malachite na fazenda Curralinho.

Na serra de Itiuba existe uma mina de enxofre entre o pequeno arraial Genipapo e o sobrado Tapera, antiga residencia ou castello do celebre padre Severo.

Causão tambem pasmo os enormes depositos de galena, espalhados nas estradas e nos valles da serra das Bataias, cujos terrenos pertencem á companhia metallurgica de Asssuruá.

São innumerós os depositos de ferro; todas as minas diamantíferas e auríferas têm por inseparavel companheiro o ferro oligisto, e é notavel a riqueza do mineral.

Ha abundancia do minerio nas serras do Brejo Grande, Caetitê, Ilhéos, no rio Itaípe; ferro magnésite na serra Branca, na Itiuba, na Copioba perto de Maragogipe, em Monte-Santo, peroxydos de manganez no Cocão e Sapé, perto de Nazareth, no Riachão da Casa-Nova, nas margens do rio S. Francisco, Santa Izabel do Paraguassú, serra da Conceição na Cachoeira, etc.

Ainda não se descobriu prata, e as tradições existentes a esse respeito por ora não se verificaram. Ape-

nas é conhecida a galena da serra das Batatas, que contém a 2 a 3% de prata, e dizem que na serra da Borracha tem apparecido uma galena mais rica em prata.

Dizem tambem que existe plumbagina na ilha do Fogo, defronte do Joazeiro e perto de Abrantes, no municipio do mesmo nome, sete leguas ao norte da capital.

Os terrenos auríferos são em grande numero e raras são as serras da grande bacia, entre o rio de S. Francisco e os rios de Itapicurú, Rio de Contas e Paraguassú, que não contém ouro em maior ou menor abundancia.

As serras mais notaveis e mais ricas são: a do Assuruá, Jacobina, Rio de Contas, Andarahy, Caetitê, Bromado, Matto-Grosso, Figuras, Gado-Bravo, Gentio, Morro do Fogo, Rio Verde, Mangabeira, etc.

Encontra-se nas Memorias Historicas de Accioly que no curto espaço de Junho a Setembro de 1785, forão recolhidas para a casa da moeda da Bahia 2.754 libras de ouro, e para a casa da moeda da Jacobina, em menos de 2 annos, 3.831 libras.

Em 1845 descobriu-se na lavoura velha, perto do Rio de Contas, diversas folhetas de duas e de tres libras, abaixo de um correjo secco, depois de um pequeno desabamento de terra.

Das minas do Rio de Contas remetteram em 1752 para a casa da moeda da Bahia 24.793 oitavas de ouro; do Gentio remetteram em 1858 para esta capital diversos pedaços de ouro, com uma até duas libras, e um maior, que pezou quasi 5 libras; do Rio das Eguas mandaram em 1800 em poucas semanas 274 arrobas de ouro, o que motivou ser esse rio chamado « Rio rico ».

Em geral são mal conhecidas as formações das rochas auríferas com excepção das minas de Jacobina e do Assuruá; amostras existentes da Jacobina correspondem á formação do gneiss, quartzo micaceo, e quartzitos talcos, e por ora não ha indícios de pirites, de itabirites e de jacutingas, aliás tão vulgares em Minas-Geraes; não existem tambem veieiros, ou

pelo menos não apparecem por ora nas salabandras ou nas lapas, e predomina uma especie de infiltração geral do minerio, que produz o ouro, não no estado de palhetas, mas em grãos tão finos, que em geral vê-se o metal, depois de lavado na bateia.

A riqueza é grande, pela notavel regularidade do minerio em todos os pontos da serra, e é admissivel e muito provavel que na continuação dos trabalhos de mineração, encontrem-se veieiros, e talvez pirites e itabirites, visto como os — terrenos são metamorphicos ou archeanos e inteiramente identicos ao systema geologico da serra do Espinhaço em Minas-Geraes, e formão ramificações da mesma serra.

Um estudo chimico e mineralogico das rochas do centro da Bahia e do centro de Minas-Geraes provará a completa identidade da formação geologica dos terrenos metamorphicos dos dous Estados e provavelmente tambem dos Estados de S. Paulo, Goyaz e Matto-Grosso.

As primeiras noticias a respeito do aerolitho do Bedengó, o qual pezava, quando foi descoberto, cerca de 17.300 libras, datão de 1783, e no anno de 1813 Balthasar da Silva Lisboa foi incumbido de fazer a exploração das suppostas minas ferreas do Monte-Santo, sem resultado, encontrando apenas o aerolitho.

N'essa epocha descobriu-se tambem, no sitio Mamocabo, perto da Cachoeira, uma massa de cobre nativo, que pezou 96 arrobas, a qual se acha depositada no museu de Lisboa.

Ulteriores pesquisas feitas n'este logar, em procura de minerio de cobre, não derão nem vestigios do mineral, nem indicios nas visinhas rochas.

Que vasto campo para desenvolver a industria mineral!

O Estado da Bahia, com a sua riqueza mineral e com a sua grande extensão de depositos metaliferos, pode-se considerar a terra mais favorecida do Brazil, e a conclusão natural é que a mineração devia ser a mais importante das suas industrias e copiosa fonte das suas riquezas; entretanto esta in-

dustria está redusida a um pouco de ouro vindo das minas da Jacobina, Rio de Contas e Assuruá; e também de poucos diamantes e carbonatos da Chapada Diamantina.

III

Pouco existe a respeito da formação geologica geral do Estado da Bahia, exceptuados alguns aliás notaveis estudos das margens do rio S. Francisco, feitos pelos Srs. Derby, Roberto e Halfeld, uma boa descripção dos terrenos da zona da cordilheira na parte meridional do centro da Bahia pelo engenheiro Zampais, e um importante trabalho a respeito da formação geologica da cidade da Bahia, do reconcavo, da ilha de Itaparica e dos celebres terrenos de massapê de Santo Amaro, escripto pelos Srs. Hart, Derby e Rathburn.

Baseado n'estes trabalhos e estudos, e com especialidade na parte que trata minuciosamente da Bahia e dos seus arredores terrestres, maritimos e do reconcavo, julgo que se póde dividir a estructura geologica do Estado em tres differentes zonas; isto é, a do littoral, a do centro com as suas rochas metamorphicas, sedimentarias e metalliferas, e a da margem oriental e occidental do rio S. Francisco que occupa com o maximo de 5 leguas de largura as baixas terras lateraes, compostas de alluvião e sobrepostas a uma possante camada de calcareo em quasi toda a extensão do valle S. Francisco, e em alguns dos seus tributarios.

No littoral predomina a edade cretacea dos terrenos secundarios do andar inferior, subposto ao gneiss, e se compõe de camadas de calcareo de agua doce e linhites originados de vegetaes lenhosos, decompostos e enterrados a maneira de turfa.

Os depositos de turfa estendem-se ao longo da costa do sul do Estado sem ser ainda inteiramente conhecida a sua total extensão.

A formação cretacea, repousando sobre o gneiss que é a rocha vulgarmente conhecida debaixo do nome

Coração de Negro, e que apparece em muitos pontos do littoral a céu aberto, fórma taboleiras de bastante altura em camadas horisontaes de grés e de argillas molles da terciaria formação e esta formação cretacea estende-se pelo centro do Estado até a Cordilheira da Serrinha, e atravessa em diversos pontos a estrada de ferro Central até «Queimadinhos», e a estrada de ferro de S. Francisco até a base da Serra de Itiuba, onde predomina a formação metamorphica dos Selytes, intercalada pelo Homblend, prolongando-se pelas serras de Monte-Santo, onde foi descoberto o celebre meteorolitho, denominado «Bedengó», Curaçá, Borracha, etc. com os seus grandes depositos de minerio de cobre.

Na serra de Carahyba, termo do Bomfim, existem aindaapparelhos e peças da antiga fundição e preparo do minerio de cobre, e n'esta fabrica foi fundido em 1792 o grande sino da egreja da actual cidade do Bomfim.

Na costa do sul do Estado existe o granito no lago da Almada, nas serras dos Aymorés e de Itaraca, passando para o Gneiss e para o Homblend, perto de Ilhéos—para o Diorite no Rio Itahype, onde começam os depositos de turfas e de schistos betuminosos, e principalmente com muita abundancia nas margens do Rio Maranhú.

Consta que esses depositos de schistos betuminosos, que começam perto do Morro de S. Paulo, estendem-se em toda a extensão da costa do sul até o Estado do Espirito-Santo, e que os terrenos da costa do norte, em direcção ao Estado de Sergipe, pertencem tambem á formação cretacea.

Muito importantes são os terrenos metamorphicos existentes na serie das rochas que separão as aguas dos rios Paraguassú, Itapicuru e do rio de Contas, das do rio S. Francisco, e que pertencem a primitiva epocha, compostos na sua maior parte de schistos micaceos, quartzitos, itabirites e de rochas quartzozas da serie superior da classe das rochas metamorphicas, sedimentarias e metalliferas, e onde nascem os maiores rios do Estado.

Toda a zona d'esta grande cordilheira, que começa nos «Montes Altos», segue para o norte e para o N. E. em direcção das serras do rio de Contas, Chapa-da Velha, terrenos Diamantinos, serra do Assuruá, Morro do Chapéo, e a das serras de Jacobina é completamente identica na sua constructura geologica e na sua fauna á zona do centro do Estado de Minas-Geraes, cuja principal cordilheira, a do Grão-Mogol, prolonga-se com varios nomes na parte meridional do Estado da Bahia.

A série da rocha d'esta cordilheira, que se estende n'uma larga faxa, desde o rio de Contas até o rio Itapicurú, com diversos ramaes para o rio Verde, e que, no lado oriental do rio S. Francisco termina nas planicies de Chique-Chique, e se dirige no lado occidental para o Rio das Eguas e para os Estados de Piauihy e Goyaz, forma o systema metamorphico das rochas metaliferas do centro, dividindo-as em dous grupos,—em rochas crystallinas e não crystallinas, pertencentes as primeiras á série gneissica, e as segundas, subjacentes aos grés, ás ardosias argilosas e aos quartzitos schistosos.

Os veios metaliferos são abundantes no grupo crystallino, especialmente nos gneis schistosos e no mica-chisto, mas o grupo não crystallino, quando composto de schistos, quartzitos, itabirites e jacutinga, offerece mais ricos e mais constantes veios.

No Joazeiro encontra-se dolomites de côr amarella; no rio Salitre e no Capim-Grosso ou Curaçá, possantes camadas de calcareo granular, com chistosos marmores de côr vermelha e com massos de calcareo impuro esverdeado.

Perto de Chique-Chique ha o calcareo amorpho; em Urubú forma essa rocha, no lado occidental ao longo do rio, altas escapas horisontalmente estratificadas, e que acompanhão uma grande parte da margem oriental do rio S. Francisco e segue para a planicie calcarea, quasi de nível, desde Sobradinho até a base das serras de Jacobina, e forma os terrenos calcareos de Salitre e das serras da comarea do Bomfim. O calcareo d'esta região não se estende

muito para o sul, achia-se coberto em diversos lugares com possantes camadas de grés em estratificação horizontal como em Urubú, e tem em outros pontos, na base, rochas metamorphicas, como acontece aos terrenos calcareos do Morro do Chapéo e na serra do Tombador, na comarca de Jacobina, na Serra Branca e na Pedra do Morcego, no municipio de Curaçá, cujo calcareo é granular, azulado, cheio de mica e talco, tendo na vizinhança no lugar chamado Rodellas, rochas, gneiss graníticos e schistosos.

HENRIQUE PRAGUER

(Continúa)



DOCUMENTOS HISTORICOS

SOBRE A

Emancipação Política da Bahia

Correspondencia Official do Conselho Interino na Cachoeira (*)

Para sua Alteza Real o Principe Regente Senhor
D. Pedro d'Alcantara

Senhor. Os Habitantes do Reconcavo e Interior da Provincia da Bahia, tão Brasileiros como os das briosas Provincias do Sul e Pernambuco, reconhecerão como elles os ferros, que ainda hoje lhes roxiavão os pulsos, e se proclamarão livres.

Sentindo o que he de fragil o meio de reclamação, petição e queixa, quando tyranica a Authoridade a quem se recorre, lançarão mãos das armas para com ellas sustentarem seus votos, a Aclamação de Vossa Alteza Real Regente Constitucional d'este Reino, e seu Perpetuo Defensor e Protector; como a esta hora já terá chegado ao Alto conhecimento de Vossa Alteza Real por participação das primeiras Camaras, que o fizerão. (**)

Tão nobres sentimentos, Senhor, em tudo consentaneos ao character Portuguez de todas as Eras, a Liberdade e a Fidelidade, erão de sobejo para fazer

(*) Archivo Publico da Bahia.

(**) Vide «Revista do Instituto» N. 6 pag. 375 e seguintes.

entrar em seus deveres o infame Chefe da Cohorte de Janisaros, sem Leis, sem Patria e sem Religião, que blazonão recolonizar-nos. Porém em vez de assim acontecer, ao contrario elles mais lhe irritavão a sanha: e protestando defender as injustas e tirannicas deliberações do peor dos Centuviratos, o Congresso Lisbonense começou logo de aparelhar-se para uma guerra exterminadora.

Não fraquejou com isto, Senhor, o valorozo espirito dos outrora vencedores dos Batavos; antes sopitando mais e mais a lava patriótica, primeiro rebentada n'esta briosa Villa da Cachoeira, a tem levado hoje ás quinze Villas da Comarca da Bahia, ás dez da de Ilhéos, ás cinco da de Jacobina, á Cidade de Sergipe d'El-Rei, e maioria das Villas de sua Comarca, faltando sómente d'esta Provincia a Comarca de Porto Seguro, sobre cujo estado pode Vossa Alteza Real ajuizar dos officios, que remettemos. apprehendidos em uma embarcação que d'aquella Comarca se dirigia á Cidade da Bahia.

E finalmente conhecendo as Villas colligadas, de que o estado acephalo, em que as retinha o receio de aventar nos Povos a instabilidade do Governo, era incompativel com a sua segurança, com a multiplicidade de medidas, e providencias do momento, accordarão a criação de um Corpo Moral, que dirigisse com prudente, mas corajosa mão, o bem publico, porquanto a Junta Provisoria de Governo residente na Cidade, aterrada pelo furor do novo Vandalo só existia e existe para ser o orgão de seus furores conquistadores.

Daqui tomou origem o Projecto, que por copia temos a honra de apresentar a Vossa Alteza Real, pelo qual concordarão as Villas colligadas em constituir um Governo com o titulo de Conselho Interino de Governo d'esta Provincia da Bahia composto de um Procurador de cada uma das ditas Villas, e com as attribuições constantes do mesmo Projecto, e Termo de Vereação, que vão juntos por copias.

E sendo um dos Artigos que o Conselho entraria em suas funcções, logo que se reunissem cinco dos

seus membros, teve logar a sua installação no dia seis do passado Setembro com a presença dos Procuradores das Villas da Cachoeira, Bacharel formado Francisco Gomes Brandão Montezuma, de São Francisco de Sergipe do Conde o Dezembargador Corregedor da Comarca Antonio José Duarte de Araujo Gondim, da de Jaguaripe o Capitão Manoel Gonçalves Maia Bittencourt, da de Maragogipe o Capitão mór Manoel da Silva Souza Coimbra, da de Santo Amaro da Purificação o Coronel Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, membro da Junta Provisoria da Cidade da Bahia, constando porém hoje dos Procuradores abaixo assignados.

O Conselho nenhum dever reconhecido mais sagrado ao entrar em suas funcções, do que o de immediatamente dirigir-se a Vossa Alteza Real, em reconhecimento da obediencia, que por obrigação e timbre presta ao Augusto Regente Constitucional da Grande Nação Brasileira. Dever este, que para mais dignamente desempenhar nomeou entre os membros do Conselho o Bacharel formado Francisco Gomes Brandão Montezuma, Secretario do mesmo Conselho, e Procurador por esta Villa da Cachoeira, e o Procurador pela Villa de Inhambupe Simão Gomes Ferreira Velloso, nomeação que só agora pôde ter logar pela concurrencia de maior numero de Membros.

O Conselho, Senhor, tem dado aos referidos Deputados Instrucções segundo as quaes devem de representar a Vossa Alteza Real as precisões da Provincia.

Digne-se pois Vossa Alteza Real receber benignamente os protestos de gratidão e obediencia d'este Conselho, o qual tão sómente abrazeado pelo amor da Patria, e adhesão á Augusta Pessoa de Vossa Alteza Real, passará por todos os sacrificios, sendo elles de mister ao remate do Magestoso Edificio da nossa Regeneração Politica.

Resta agora, Senhor, dar fiel conta das providencias que tem dado o Conselho, para que não padeça o presente systema. Entre ellas tem o primeiro lugar a creação de uma Commissão de Thesouro

Nacional pelos motivos exarados na Portaria de vinte hum de Setembro.

Igualmente tem o Conselho cuidado quanto em si cabe em adiantar a disciplina, e organização da Força, que deve bem cedo cingir os louros da victoria, e dar mais á posteridade um exemplo do quanto pode hum Povo, que pugna pelos direitos sacrosantos, que a todos os homens assignalou a Natureza, e sobre os quaes não corre trastempo.

Não nomeou, porém, o Conselho um General em Chefe do Exército da Provincia como o urgião, já a necessidade de um centro militar, que mantivesse a maior unidade nos movimentos dos corpos, já um dos Artigos do Projecto que fundamentou a sua organização e installação, por isso que immediatamente que fora installado soube da chegada em Masseiô do General Labatut, nomeado por Vossa Alteza Real, Commandante das Tropas d'esta Provincia, como elle mesmo se exprimio em a sua Proclamação, que com data de vinte e um de Agosto proximo passado e d'aquelle logar enviou a esta Provincia. E finalmente já teriamos batido ás portas da Cidade, e expulsado o inimigo, se não esperassemos a cooperação do sobre-dito General, que, já oficialmente sabe este Conselho, se acha em a Povoação das Lorangeiras, distante d'esta Villa cincoenta e cinco legoas, pouco mais ou menos.

E tendo-se muito augmentado as despezas com a sustentação do exercito e mais misteres da guerra; e por outro lado reconhecendo o Conselho como seu primeiro dever a religiosa observancia da primeira Lei dos Estados a salvação Publica tão explicitamente sancionada no aureo Decreto de Vossa Alteza Real, do primeiro de Agosto d'este anno: Accordou o Conselho por Portaria de desenove do corrente, cuja copia tem a honra de apresentar a Vossa Alteza Real, abrir n'esta Villa a Casa de Moeda da Provincia, inutilisada na Cidade, com o mesmo cunho; medida esta que tanto tem logar, quanto da Cidade se tem já evadido para o Reconcevo quasi todos os Officiaes d'esta Repartição, e a esta Provincia he dado o cunhar moeda;

na bem entendida esperança de que se Digne Vossa Alteza Real de conceder-lhe a Sua Approvação.

Deos Guarde a Muita e Poderosa Pessôa de Vossa Alteza Real, como hemos de mister.

Salla das Sessões na Villa da Cachoeira, em 21 de Outubro de 1822.—*Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente*—*Francisco Gomes Brandão Montezuma, Secretario*—*Antonio José Duarte de Araujo Gondim*—*Manoel da Silva Souza Coimbra, Manoel Gonçalves Maia Bittencourt*—*Manoel José de Freitas*—*Theodosio Dias de Castro*—*Simão Gomez Ferreira Vellozo*—*José de Mello Varjão*—*Francisco José de Miranda*—*Manoel dos Santos Silva*—*Miguel Calmon du Pin e Almeida.*

Instrucções a que se refere o officio acima.

1.º Requerer a S. A. R. armamento e todo o genero de munições, assim como officiaes habéis, que commandem os corpos, providencias estas, que são sobremaneira urgentes e devem ser promptamente dadas.—2.º Sobre a eriação de correios de comunicação pela costa entre a côrte e a provincia da Bahia.—3.º Sobre a eleição de uma junta, que fique governando a provincia, até se verificar o methodo de governo para todas as Provincias do Brazil, determinado na constituição, que fizer a assembléa geral legislativa e constituinte do mesmo reino, providencia que urge ser dada quanto antes, porque o conselho interino do governo não pode substituir facilmente, attenta á multiplicidade de seus membros.—4.º Sobre a competente insinuação regia ao bispo de S. Paulo, como diocesano mais antigo, para que este institua um vigario capitular, por não haver, durante a occupação da cidade, recurso algum ecclesiastico na provincia.—5.º Sobre o methodo da eleição e numero dos procuradores da provincia, segundo o decreto de 16 de Fevereiro passado, e bem assim sobre o numero dos deputados á assembléa ge-

ral legislativa e constituinte, que devem ser eleitos por esta provincia, quando se sancione a desmembração da comarca de Sergipe, que se considera actualmente como provincia á parte.—6.º Qual deve ser a conducta do governo desta provincia ácerca dos que se acham presos por motivos politicos.—7.º Providencias sobre recursos judiciaes, vista a occupação da cidade, onde existem os tribunaes superiores.—8.º Iguaes providencias sobre as tropas, que devem guarnecer a cidade e provincia, depois da evacuação das tropas de Portugal.

**Para José Bonifacio de Andrade e Silva, Ministro e
Secretario d'Estado dos Negocios do Reino
do Brazil**

Illm. e Exm. Sr.

O Conselho Interino de Governo da Bahia, ora installado n'esta Villa da Cachoeira, dirigindo-se n'esta occasião a Sua Alteza Real por meio da Deputação que encarregou a dois de seus Membros o Bacharel formado Francisco Gomes Brandão Montezuma e Simão Gomes Ferreira Velloso, não pode deixar de o fazer igualmente a V. Exa., significando-lhe não só os seus protestos de respeito e obediencia, em qualidade e orgão supremo do Augusto Principe, a quem o mesmo acaba de felicitar e render exacta conta de sua installação, operações, e precisões, como os de eterna gratidão pelos generosos esforços com que V. Exa. se tem dedicado a salvar do abismo, em cuja borda se achava, e a levantar a magestosa attitudo que lhe compete, a Grande Nação Brazileira, digna sem duvida de occupar hum dia o primeiro lugar entre as Nações do Novo Mundo.

Disvelado em prover de todos os modos o bem estar dos Povos, que n'elle puzerão toda a sua confiança, o Conselho não se pode dispensar de acrescentar á requisicoens constantes das Instrucçoens, que deo áquella Deputação, a de huma Tipografia,

que deve sem duvida prodúzir maravilhosas vantagens á Sagrada Causa por que tão corajosamente lutão todos os honrados Bahienses.

Digne-se pois V. Exa. de tomar em sua consideração tão justas requisiçoens, e acceitar as puras demonstraçoens de animos submissos e agradecidos; que por nada anhelão do que ser uteis a Patria, que adorão.

Deos Guarde a V. Exa. Salla das Sessões na Villa da Cachoeira em 24 de Outubro de 1822. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José Bonifacio de Andrade e Silva. *Francisco Elessbão Pires de Carvalho e Albuquerque*, Presidente.—*Miguel Calmon du Pin e Almeida*, Secretario Interino.—*Antonio José Duarte de Araujo Goulim*—*Manoel da Silva e Souza Coimbra*.—*Manoel José de Freitas*.—*Manoel Gonçalves Maia Bittencourt*.—*José de Mello Varjão*.—*Manoel dos Santos Silva*.

Para José Bonifacio de Andrade e Silva Ministro
e Secretario d'Estado dos Negocios do
Reino do Brazil

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

O Conselho Interino de Governo da Provincia da Bahia, depois de se ter dirigido a Sua Alteza Real, e a V. Exa. por meio da Deputação, que d'esta Villa sahio em 22 do corrente, julga de seu dever levar á presença de V. Exa. para fazer subir no Alto conhecimento de S. Alteza Real a prisão do Tenente Coronel do Estado Maior do Exercito Antonio Martins da Costa, e do Cirurgião mór Francisco Sabino Alvares Vieira; que pelos motivos exarados nas Portarias remettidas por copia, pareceu conveniente, tendo elles apparecido n'esta dita Villa sem os competentes Passaportes, e receando tão bem que da sua presença e communicação houvessem de rezultar alguns effeitos contrarios á bõa ordem, que o mesmo Conselho tanto se desvela em manter.

Deos Guarde a V. Exa. Salla das Sessões na Villa da Cachoeira em 29 de Outubro de 1822.—*Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque*, Presidente.—*Miguel Calmon du Pin e Almeida*, Secretario Interino.—*Antonio José Duarte de Araujo Gondim*.—*Manoel da Silva Souza Coimbra*.—*Manoel José de Freitas*.—*Manoel Gonçalves Maia Bittencourt*.—*José de Mello Varyão*.—*Manoel dos Santos Silva*.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José Bonifaci de Andrade e Silva.

Para José Bonifacio de Andrade e Silva Ministro
e Secretario d'Estado dos Negocios do
Reino do Brazil

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

O Conselho Interino de Governo d'esta Provincia tem a honra de participar a V. Exa. para levar a Augusta Presença de Sua Alteza Real o Príncipe Regente a chegada do Brigadeiro Pedro Labatut, General em Chefe do Exercito Pacificador ao lugar de Cotegipe vizinho a Cidade no dia 29 do proximo passado mez; e da Expedição de mil e seiscentos Janisaros em a Nau D. João 6.º, duas Fragatas, e sete Transportes n'quelle mesmo dia em que abençoavamos ao Magnanimo Defensor da Independencia Politica do Brazil, pela vinda do Chefe que faltava aos valorosos Bahianos.

Apezar d'este acontecimento, que aliás reanimou os acobardados Europeus augmentando consideravelmente a sua força de terra e mar, o Conselho continuá a dar quantas providencias entende necessarias á organização do Exercito, e a fortificação dos pontos da nossa interior defeza, colocados em as ribeiras e rios confluentes da nossa extensa Bahia.

Mas, comquanto confie na lealdade, e brio dos Bahianos, empenhados na mais justa das causas, o Conselho não pode dissimular a V. Exa. a estreí-

teza dos meios para sustentar-se, por longo tempo talvez, a lucta já inevitavel com os barbaros instrumentos da tyrannia de Lisbôa. Em verdade a mingoa de armamento n'esta Provincia he ainda um principio de grande fraqueza. A ausencia d'uma força maritima que arraste a do inimigo quasi que torna inuteis todos os nossos esforços. A extagnação do commercio e consequente falta de numerario, em circulação enfraquecem sensivelmente os elementos da nossa defeza. A falta de auxilios das Provincias vizinhas pode ser fatalissima a causa do Brazil. E finalmente o estado indifferente da Comarca de Porto Seguro he tão vantajoso aos nossos cruéis invasores, que d'ella recebem viveres e outros soccorros, quanto lhes he ainda proveitoso a importação de carnes do Rio Grande do Sul, e de farinhas de Santa Catharina.

O Conselho por tanto depreca efficaz e instantemente a Sua Alteza Real os soccorros que são de mister á dobrada reacção que hoje demanda a recém-chegada Tropa, e Esquadra de Portugal, e a sustentação d'uma guerra tanto mais ruinosa, quanto parece dever prolongar-se.

Deos Guarde a V. Exa. Sala das Sessões na Villa da Cachoeira em 4 de Novembro de 1822.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva.

Francisco Elessbão Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente.—*Miguel Calmon da Pin e Almeida,* Secretario Interino.—*Antonio José Duarte de Araujo Gondim.*—*Manoel da Silva e Souza Coimbra.*—*Manoel José de Freitas.*—*Manoel Goncalves Maia Bittencourt.*—*José de Mello Varjão.*—*Manoel dos Santos Silva.*

Para Sua Magestade Imperial

Senhor.—O Conselho de Governo da Provincia da Bahia, eleito pelas Camaras das differentes Comarcas,

o legitimo orgão dos leaes sentimentos de todos os Bahianos, tem a honra de felicitar Vossa Magestade Imperial por se haver dignado de acceitar o Augusto titulo de Imperador Constitucional do Brazil em o memoravel dia 12 de Outubro d'este anno.

A accensão do magnanimo Regente, do verdadeiro amigo e defensor dos Brasileiros ao Throno Imperial, era, Senhor, a ultima de mão que cumpria dar-se na magestosa obra da Independencia politica do Brazil; obra que vos honra, Senhor, que vos immortalisa.

Em verdade as gerações futuras devem de olhar para a Nação Brasileira, apparecida agora entre as Nações do Mundo, como para o eterno colosso, inaugurado para transmittir á mais remota posteridade a gloriosa memoria do Salvador do Brazil, de Vossa Magestade Imperial. Vivei, pois, Senhor para que impereis sobre os fieis Brasileiros conforme a Bondade e Justiça do vosso Coração, e segundo as luzes do seculo que haveis apreciado, os liberaes principios da Constituição que Vós e nós desejamos.

Tal é o voto do Leal Povo da Bahia, da primogenita de Cabral, que depois de errante e foragida volveu ao seio de sua natural familia, da Sociedade Brasileira; do brioso povo que ora luctando em prol de seus direitos postergados, invadidos, espera gosar ainda as doçuras que lhe promette o Imperio do Tito Americano.

Digne-se portanto Vossa Magestade Imperial e Constitucional de acceitar os sinceros e espontaneos protestos de lealdade, obediencia e gratidão do Conselho Interino de Governo, e dos habitantes da Provincia mais antiga do Imperio de Vossa Magestade, da malfadada Bahia.

Deos Guarde a Preciosa vida e Saude de V. M. I., e da Augustissima Familia Imperial, como exige a nossa ventura, a Felicidade do Brazil.

Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 12 de Dezembro de 1822.

(Estavam assignados os membros do Conselho Interino do Governo da Provincia.)

Felicitação do Conselho Interino a S. M. em Dezembro de 1822

Senhor. — Defendendo V. M. I. os imprescriptiveis direitos do povo brasileiro, levando-o ao gozo de sua política e civil liberdade contra as arrogantes tentativas de Portugal, e por fim constituindo o Brazil nação independente, tem V. M. I. levantado um monumento de gloria, que será constantemente respeitado nas gerações futuras, sem que até hoje tenha apparecido igual na historia antiga ou moderna. Tão altos e nunca igualados feitos ha muito que anhelam os Bahienses vir agradecer a V. M. I., ha muito que elles têm jurado em seus corações dar a vida por um principe cidadão, que soube quebrar-lhes os ferros portuguezes e salvar-os do horroroso cahos da vil anarchia.

A tudo lhes obstou a traição uma Junta tumultuaria, escrava do partido anti brasilico, em consequencia da qual bayonetas lusitanas, cobertas com o manto de constitucional protecção, se apoderaram da capital da Provincia; plano traçado no Centuvirato Lisbonense, para levar ao cabo horroroso projecto de recolonisar a parte mais feliz da America, a mais rica e fertil, o vasto Imperio do Brazil. E', porém o *Americano* homem livre: decretou assim a natureza ao crear o universo. Os Bahianos, Senhor, os vencedores dos Bâtavos, já estão livres. Preso o inimigo em suas trincheiras, não ousa avançar um passo, sem que recoba das armas Bahianas a punição de seu tresloucado arrojô. Vem perto o momento de sua total ruina. Nossos pulsos já não roxeam grilhões infames, proprios só de outra classe de entes. Nos corações Bahienses não cala, nem calou nunca o monstruoso scisma da divisão das Provincias. E' base das suas intenções a fraternidade, o respeito, a obediencia, a fidelidade ao Augusto Chefe da Nação brasileira, ao primeiro dos imperadores do mundo, o pai da patria, o defensor do Brazil.

O sempre memoravel dia 25 de Junho d'este anno foi o destinado pelo Supremo Arbitro dos imperios

para marcar a feliz época da politica regeneração da Provincia; a que temos a honra de pertencer, e cujo órgão somos. Foi aquelle dia o em que a patriótica Villa da Cachoeira levantou o pendão da liberdade, e proclamou o paternal governo de V. M. I. Então com a ligeireza do raio toda a comarca se viu livre, e pela mesma forma toda a Provincia. E urgindo a politica a maior unidade nos movimentos, fez-se um centro da governança d'onde emanassem, dirigidas por uma só mão, a actividade e a força; ao passo que a Junta residente na Bahia, e installada a 2 de Fevereiro, acobardada pelo vandalo não só não quiz unir-se á causa da provincia, mas até proclamou contra ella.

Para evitar os damnos da confusão, accordou a Provincia como primeira medida de defeza, crear um governo, que regulasse os negocios do momento, até que V. M. I. outra cousa se dignasse deliberar.

Foi assim que, nomeando cada uma das Villas colligadas o seu Procurador, se organisou o Conselho de Governo interino da Provincia da Bahia, o qual, julgando do seu primeiro e mais sagrado dever o dirigir a V. M. I. seus protestos de obediencia e respeito, escolheu para isso dous dos seus membros, que são os que têm a honra de fallar agora a V. M. I.

Em todas as eras, grandes, reiterados têm sido os esforços dos sabios politicos para convencerem as nações de que é sempre ephemera a grandeza e prosperidade, que provém de causas alheias, e não do essencial de riqueza publica, a agricultura e industria propria.

Esta verdade eterna, e já sancionada pela experiencia de nações antigas e modernas, foi ainda postergada pela Europa, e no fim do seculo 15 appareceu a moda de possuir colonias. Quanto não tem custado caro ás nações, que assim o entenderam! A Inglaterra, potencia da primeira ordem, viu por vezes manchada a sua gloria principalmente nos dias de Delaware, na questão com os Estados-Unidos, e por fim reconheceu o erro, abateu o orgulho; são demasiado publicos os acontecimentos da America do Sul, para que delles façamos aqui menção.

Povos pequenos têm obrigado grandes nações a entrarem nos seus limites naturaes.

A Allemanha chora ainda hoje o sangue allemão inutilmente derramado, para firmar-se no Rheno.

A Hespanha o primeiro dos Estados daquelle tempo, não pôde vencer o denodo Hollandez, e ao depois o do Portuguez, quando em 1640 uma segunda vez se constituiu nação independente.

Appareça mais na historia publica das nações o exemplo do valor Brasileiro, proclamando a sua independencia.

E quanto não distam della ao demais na perfeição dos meios, de que lançamos mão para a conseguir? Quanto não distam della nos princípios, que adoptamos, e que certo farão a base do nosso futuro Código politico? Nem os perturbará a demagogia, ambição e instabilidade das Republicas, nem nos definhará a tyrannia e prepotencia das monarchias absolutas. Uma prudente e bem equilibrada divisão dos poderes publicos, guardada a inviolabilidade, e mais direitos proprios da Magestade, e defendidos os sacrosantos do cidadão, constituirá para sempre a prosperidade, grandeza e segurança do rico Imperio do Brazil.

Com quanta satisfação o dizemos! Não desolaram os nossos campos, nossas povoações e cidade os partidos ingenitos das commoções publicas! Não vimos a fome succeder á abundancia, a peste devorar nossos filhos, nossos amigos, nossos concidadãos! . . . Povos da terra, aprendei a vindicar vossos direitos, respeitai nossas instituições, respeitai o primeiro imperador Braziliense, e, se quereis ser felizes, vinde obedecer-lhe.

Mil graças, Senhor, vos damos pela nossa Provincia, mil graças vos sejam dadas pelas gerações futuras pelo incalculavel bem, que haveis feito ao povo Brasileiro. A vós, Senhor, tudo se deve: fostes o primeiro movel da nossa independencia politica, e da nossa prosperidade. Continuai a ser o nosso defensor, rematai a grande e magestosa obra, que tão heroicamente haveis começado; e praza ao céo que goseis por lon-

gos annos, em par á Augusta e sagrada pessoa da Imperatriz, vossa condigna esposa, um imperio, que terá por base o amor e a gratidão dos povos.—*Francisco Gê Acaíaba Montezuma—Simão Gomes Ferreira Velloso.* (*)

**Para José Bonifacio de Andrada e Silva Ministro e
Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio**

Ilustrissimo e Excellentissimo Senhor.

O Conselho interino do Governo da Provincia da Bahia satisfazendo ao seu mais sagrado dever tem a honra de render a V. Ex. exacta conta dos seus principaes trabalhos em os ultimos dias do mez de Outubro, em todo o mez de Novembro, e no decurso do corrente Dezembro, para V. Ex. se dignar de leval-a ao alto conhecimento de Sua Magestade Imperial.

A necessidade de levantar, e disciplinar novos corpos armados, a bem da defeza d'esta infeliz Provincia, determinou o Conselho interino, conformando-se com o espirito do Real Decreto de 1.º de Agosto d'este anno, a approvar o plano que se offerecera para a organização de uma legião de tropas ligeiras, como consta da portaria n. 1º. Pelas graves razões expendidas em o Bando n. 2, formou o Conselho uma Guarda Civica, que organisou, approvando o seu respectivo plano pela portaria n. 3. Logo depois á vista do alistamento, e proposta que se lhe apresentou, creou um Regimento de Cavallaria Miliciana no districto da Villa da Jacobina, pela portaria n. 4.

Igualmente ordenou a criação de um Batalhão de Caçadores Milicianos no Termo da Villa de Jaguaripe pela portaria n. 5.

Finalmente approvou o levantamento e organização d'outro Regimento de Cavallaria Miliciana nos dis-

(*)—Esta deputação foi nomeada em 14 de Outubro de 1822, como consta da acta d'esse dia em sessão nocturna. Vide «*Revista do Instituto*» N. 5, pag. 290.

trictos de Itapicurú e Geremoabo, á vista do alistamento e proposta que lhe foi apresentada, já approvada pelo General Pedro Labatut.

E, certo do benigno acolhimento de Sua Magestade Imperial, attentas as extraordinarias circumstancias desta Provincia, o Conselho offerece a proposta dos officiaes superiores d'estes novos Corpos, que devem ser permanentes, á excepção d'aquella do Batalhão de Caçadores, por se não achar acabada em o documento n. 6.

A sustentação do Exercito pacificador obrigou o Conselho a lançar mão de uma collecta, ou derrama de gados entre os criadores, e ainda lavradores, na conformidade da circular—n. 7; e a organização, e regularidade do mesmo Exercito exigio o estabelecimento do Commissariado Geral, Thesouraria das tropas, e Auditoria, constantes da portaria n. 8; sendo depois reformado para melhoria do serviço o predicto commissariado pela portaria n. 9.

Chegando a esta Provincia a noticia da feliz acclamação de Sua Magestade Imperial em o dia 12 de Outubro passado, noticia que ha sido tão applaudida quanto era desejadâ pelos fieis Bahianos, cujos sentimentos são perfeitamente identicos aos dos Fluminenses, Paulistas e Mineiros, o Conselho interino immediatamente reconhecia ao Augustissimo Imperador Constitucional do Brazil o Senhor D. Pedro 1.^o, pela Acta, de copia n. 10, dirigindo a proclamação n. 11, e ás Camaras e Justiças a circular n. 12.

Não sendo impossivel que os fardados Lobos, animados e multiplicados com a Expedição que acompanhou a não D. João 6.^o, assaltassem o reconcavo d'esta Provincia, ainda mal fortificado por falta de artilheria, e pouco guarnecido pela escassez de armamento, e munições necessarias, o Conselho, devendo prevenir qualquer funesto resultado na conformidade do citado Real Decreto do 1.^o de Agosto, recommendou aos Povos, que se retirassem para o interior com os seus gados e preciosidades, na mesma Proclamação n. 11, afim de ser esta recommendação apadrinhada com a alegre, desejada, e applaudida Acclamação de

Sua Magestade Imperial, menos sensível e desanimante e mais e mais bem recebida, e ouvida sem terror pelos habitantes do beira-mar.

Pela mesma possibilidade de invasão inimiga, e em observância do mesmo Real Decreto, ordenou o Conselho aos Provedores das Villas e Povoações marítimas, que depositassem no interior as alcaías d'ouro e prata das Igrejas, nos termos da portaria n. 13.

Sendo muito para arreceiar-se a falta dos generos de primeira necessidade, porque a agitação, e defeza em que ora está a Provincia, têm roubado braços á lavoura, que se deve enfraquecer tanto quanto se acha paralisado o commercio ainda interior, e devendo prevenir-se tamanho mal, o Conselho expedio a circular n. 14, ordenando ás Camaras que promovessem a cultura de farinhas e legumes.

Multiplicando-se as petições de litigantes, requerendo ferias, ou suspensão das acções pró e contra elles intentadas, por se acharem ausentes do Foro do seu domicilio em serviço da causa que defendemos, o Conselho entendeu que deveria adoptar uma medida geral, fazendo sobrestar no andamento das Lides, salvo convindo ambas as partes, pela portaria n. 15.

Achando-se os Districtos da Torre e Pirajá, Termo da Cidade, sem Juizes que cumprissem as ordens do Governo e exercitassem a Jurisdição voluntaria, o Conselho ordenou ao Juiz de Fôra da Villa mais vizinha, que exercesse n'elles as funções do seu cargo, pela portaria n. 16.

Sendo mister repellir o fanatico partido Europeu, que ainda não houve mão poderosa que o movesse a abraçar a causa do Brazil, não só as Authoridades, que precederam ao Conselho interino no Governo do reconcavo, logo que este acclamou ao Augusto Defensor Perpetuo, senão o mesmo Conselho depois de organizado, forão obrigados a mandar prender muitos Europeus Portuguezes, ou porque ostensivamente tentaram contra a nossa Independencia politica, ou porque tenebrosamente maquinavão contra ella. E como fosse nimiamente perigosa, e incommoda a conservação de taes presos nas cadeias do beira-mar, o

Conselho resolveu passal-os para as do Interior, pela portaria n. 17; mas não havendo nas Villas centraes prisões commodas e seguras, e requerendo o General Labatut a remessa d'elles para Pernambuco, o Conselho os mandou conduzir para essa Provincia, expedindo para isso a portaria n. 18 ao Governador de Sergipe, e officiando á Junta do Governo de Pernambuco o que consta de n. 19.

E porque a estricta justiça não tolerasse que jazessem promiscuamente nas cadeias homens iniciados em gravissimos crimes, com outros sómente suspeitos, ordenou o Conselho aos Juizes competentes, que mettessem em processo a todos os sobre-ditos presos, pela portaria n. 20.

O odio que os Europeus Portuguezes em geral têm á presente causa em que o Brazil se acha empenhado, odio que nem ainda o homem mais irascível pode por momentos conceber, produzio a emigração de muitos d'elles do reconcavo para a Cidade, onde se achão reunidos ao infame Madeira, abandonando bens, e alguns até mulheres e filhos.

Não soffrendo, porém, o interesse do Estado, nem a justiça e politica de Sua Magestade Imperial, a depapidação de taes bens expostos ao primeiro occupante, o Conselho interino determinou aos Juizes territoriaes, pela circular n. 21, que lhes dessem administradorez nos termos da Lei.

Mas, acontecendo que o Juiz dos Ausentes d'esta Villa se ingerisse na arrecadação dos referidos bens, o Conselho entendeu atalhar essa ingerencia com a portaria n. 22; e occorendo duvidas sobre o Deposito á que se deveria confiar a guarda dos dinheiros achados em ser, ou provenientes dos bens periveis das casas administradas, tambem julgou o Conselho que devia declarar o Thesouro Publico, como lugar de deposito, pela portaria n. 23.

Constando por vehementes indicios, e representações dos encarregados da Policia que o Partido Europeo maquinava a sublevação dos escravos já empregados pelo infame Madeira na guerra que nos faz, o Conselho julgou do seu dever acautelal qualquer

irrupção, ordenando ás autoridades Civis e Militares toda a vigilancia sobre elles por meio do Regulamento constante da portaria n. 24.

Finalmente sendo evidentissima a necessidade de estabelecer-se um Correio regular d'esta Provincia para a Còrte Imperial, o Conselho interino hesitou em adoptar e approvar o Plano annexo á portaria n. 25, officiado para esse fim ao Commandante do Rio Pardo, ao Intendente do Contracto Diamantino e ao Governo de Minas; e attendendo á importancia presente, senão futura, de tão util estabelecimento, o Conselho roga a V. Exa. o haja de aperfeiçoar e proteger.

Deos Guarde a V. Exa. Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 16 de Dezembro de 1822.

Illm. e Exm. Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

(Estavam assignados os Membros do Conselho Interino do Governo da Provincia).

(Continúa).



Actas das Sessões

44.ª SESSÃO EM 1.º DE AGOSTO DE 1897

Presidencia do Cons. João Torres (1.º Secretario)

Ao primeiro dia do mez de Agosto de 1897, á uma hora da tarde, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios Drs. João Torres, Silva Lima, Innocencio Góes, Filinto Bastos, Desembargador Licínio Alfredo da Silva, Professores Torquato Bahia e Austricliano Coelho, Engenheiro Henrique Prager, Francisco Braga, Eloy Guimarães, Com. Salvador Pires, Horacio Uripia e Isaias Santos, foi aberta a sessão pelo Cons. João Torres com a declaração de que, por falta de numero legal, o Instituto não podia funcionar em sessão de Assembléa geral, que seria convocada para o proximo domingo 8 do corrente, e que, na fórma dos Estatutos, funcionaria com qualquer numero.

Foi lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior, e lido o expediente, que constou do seguinte: Telegrammas da deputação bahiana no Congresso federal, da *Academia Cearense* e do socio Coronel Alves da Cunha felicitando ao Instituto pela festa commemorativa do bicentenario do Padre Antonio Vieira e declarando que se associavam com jubilo a essa festa. *Officios*: dos 1.ºs Secretarios das Sociedades «União Philantropica dos Artistas», do «Instituto dos Bachareis em Lettras» da Capital Federal, e do «Gabinete

Portuguez de Leitara» communicando o empossamento das novas administrações e os nomes dos funcionarios; das sociedades «Enterpe» e «Recreio Musical União dos Chapelleiros», bem como do commandante da divisão naval em operações neste Estado, communicando que, por motivos de ordem superior, não podiam comparecer á procissão civica as suas philarmônicas; da commissão promotora do Bando Precatorio para angariar donativos em favor das victimas da inundação do Recife e das luctas feridas em Canudos, convidando o Instituto a comparecer; do Director da Bibliotheca Publica do Estado de Pernambuco communicando haver recebido alguns n.ºs da *Revista Trimestral*, e solicitando a remessa dos que faltam; do Dr. Bibliothecario da Bibliotheca Publica deste Estado enviando a relação das obras do Padre Antonio Vieira e de autores que d'elle se occuparam, para serem expostas no salão das Conferencias; e do Dr. João Vieira da Silva, Consul geral do Brazil, em Portugal, declarando acceitar a sua nomeação para socio do Instituto.

Cartas: do professor Amancio Pereira, da Cidade da Victoria (Espirito Santo), enviando a 2.ª edição de seu trabalho «Noções abreviadas de Geographia e Historia do Estado do Espirito Santo», e pedindo que o Instituto se manifeste a respeito, trabalho que foi enviado á respectiva commissão para dar parecer, finalmente uma Carta de José Antonio Ismael Gracias, residente em Nova Góa, accusando o recebimento do officio do Instituto em que lhe foi participada a sua acceitação para socio e declarando os seus desejos de ser prestavel ao mesmo Instituto, assim como que em seus trabalhos litterarios se tem occupado de fazer conhecida a opulenta litteratura brasileira.

O Cons. Presidente declarou que o Instituto se fez representar no Bando Precatorio por uma commissão composta do 1.º e 2.º Secretarios, do Thesoureiro e dos socios Olavo Martins e Eloy Guimarães.

Foram lidos os pareceres das commissões de orçamento e de admissão de socios, sendo adiada a discussão e votação para a proxima sessão; e as se-

guintes propostas que foram enviadas á commissão respectiva, a saber: Uma, assignada pelos membros da mesa e por diversos socios, propondo que se confira ao Dr. José Francisco da Silva Lima o titulo de socio honorario do Instituto pelos relevantes serviços que prestou como Presidente da commissão executiva das festas do 2.º Centenario do Padre Antonio Vieira; e outras propondo para socios o pharmaceutico Commendador Joaquim Manoel de Sant'Anna, e os Exms. Visconde e Viscondessa de Cavalcanti, residentes em Paris.

Finda a leitura do expediente o Dr. Silva Lima apresentou e leu o relatório da Commissão Executiva, o qual foi approved e mandado publicar na *Revista*. O Professor Austriehiano Coelho propoz e foi approved que se inserisse na acta um voto de louvor e de agradecimento á commissão executiva pelo modo brilhantissimo por que se desempenhou da incumbencia que lhe foi feita pelo Instituto. O Dr. Silva Lima, em nome da commissão, agradeceu taes demonstrações e declarou que a commissão procurou cumprir o seu dever nos limites do que lhe foi possível fazer, visto que o empenho do Instituto era dar um testemunho, digno da Bahia, ao vulto, cujo nome elle procurou glorificar em condigna homenagem.

Pelo Thesoureiro, Capitão Ferreira Braga, foram apresentadas diversas listas de subscriptores de quantias já recebidas para auxilio das festas do centenario, elevando-se a importancia arrecadada a 3:731\$000, e as notas e documentos das despesas feitas, na importancia, até aquelle momento, de 1:669\$120, e declarou que ainda faltava receber uma lista e pagar outras despesas, não podendo por isso fechar as contas; mas que o saldo até então era de 1:061\$880, que seria applicado ás demais despesas, inclusive a impressão de um numero especial da *Revista* do Instituto, contendo as conferencias, poesias, artigos, sermões do Padre Vieira e publicações relativas ao centenario.

O Dr. Silva Lima disse que a commissão executiva julgou necessario proceder a um exame na crypta do antigo Collegio dos Jesuitas para verificar si se encon-

tram allí os restos do Padre Vieira, mas que absorvida por outros trabalhos e attendendo a que esse exame podia ser difficultoso, não o levou por diante, e por isso lembrava que se nomeasse uma commissão para tal fim.

O Sr. Conselheiro Presidente designou a mesma commissão Executiva para se encarregar desse trabalho, pedindo que prestasse mais este serviço, e communicou ao Instituto que o retrato do Padre Vieira, que figurou nas festas, achava-se já collocado no salão, e que os outros que pertenceram á galeria Abbot iam ser trazidos, de accordo com a lei do Estado aos mesmos referente. Nada mais havendo a tratar foi levantada a sessão ás 2 ¹/₂ horas da tarde. E para constar eu, Isaias de Carvalho Santos, 2.º Secretario, lavrei a presente acta e assigno. Isaias de Carvalho Santos.—*João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos—Vital Soares.*

Relatorio da Commissão Executiva do Centenario

Srs. Presidente e mais Membros da Assembléa Geral

A Commissão Executiva, por vós nomeada para o fim especial de levar a effeito a commemoração do bi-centenario do fallecimento do Padre Antonio Vieira no dia 18 de Julho, mez que bontem findou, vem dar-vos conta do modo por que cumprio o seu mandato.

A Commissão cingiu-se o mais possivel ao programma que vos foi apresentado, e a que déstes o vosso assentimento, modificando-o somente na parte em que circumstancias imprevistas reclamaram pequenas alterações para mais ou para menos do que ficara assentado na sessão em que o approvastes.

Conferencias

Das quatro conferencias que tinham de realizar-se nos dias 11, 13, 15 e 17, a primeira estava fixada para

o meio dia de domingo, e as seguintes para as 8 horas da noite; foi, porém, indispensavel transferir para a noite a primeira, em virtude de se proceder no dia 11 a uma eleição municipal que impediria a muitos membros do Instituto, e a outros cidadãos convidados, de comparecer áquella hora.

A Commissão tem o prazer de declarar que foi muito feliz na escolha dos conferentes que, com o orador do Instituto, se prestaram da melhor vontade a considerar o Padre Vieira sob quatro principaes aspectos da sua longa e laboriosa vida, cabendo ao orador official a biographia commentada, ao Sr. Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro apreciar-o como classico da lingua portugueza, ao Reverendissimo Sr. Padre Elpidio Tapyranga na qualidade de missionario e catechista e ao Reverendissimo Monsenhor Dr. José Basilio Pereira no character de politico e diplomata.

Todas essas conferencias, precedidas de um bem elaborado discurso de abertura pelo nosso illustre Presidente, se realisaram no amplo salão da Faculdade de Medicina obsequiosamente prestado pelo seu Director, o Sr. Dr. Antonio Pacifico Pereira.

O que foram essas conferencias não carece a Commissão de vol-o dizer; porque todos vós fostes, como ella, testemunhas do modo por que foram desempenhadas e concorridas.

Depois da ultima conferencia foram ouvidas algumas inspiradas poesias; e, por ultimo, o Sr. Consul de Portugal proferio um breve mas eloquente discurso de applauso e agradecimento ao Instituto em nome de seu paiz e da colonia portugueza na Bahia.

Exposição

Por meio de annuncios publicos e recommendações particulares procurou a Commissão adquirir por compra, doação ou emprestimo autographos, manuscritos, livros, gravuras ou quaesquer outros objectos pertencentes ou de qualquer modo relativos ao Padre Antonio Vieira, para serem expostos no salão das conferencias; e conseguiu reunir ali alguns livros,

gravuras, photographias da Quinta do Tanque, uma antiga vista do Terreiro de Jesus e do Collegio dos Jesuitas, uma grande cadeira de alto espaldar, que pertenceu á capella interior do claustro, e na qual, segundo a tradição, se sentava e pregava o Padre Vieira quando, na velhice, já não podia subir ao pulpite, e, finalmente, um precioso manuscrito contendo o seu processo, com a sentença condemnatoria proferida contra elle pelo tribunal da Inquisição de Coimbra.

Além do que fica mencionado, devemos á sollicitude do nosso illustrado consocio e Vice Presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias, Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica, e ao cuidado e diligencia do Sr. Dr. José de Oliveira Campos, Director da Bibliotheca Publica, o valiosissimo subsidio de numerosos volumes de edições raras das obras de Vieira, e das de muitos auctores nacionaes e estrangeiros que se occuparam do grande Jesuita, livros esses que ornaram uma magnifica estante, expressamente construida para a exposição bibliographica, e mais duas grandes vitrinas gentilmente offerecidas pela Directoria da Faculdade de Medicina.

Figurou tambem no logar de honra do salão, entre as bandeiras portugueza e brazileira, um antigo retrato de meio corpo do Padre Vieira pintado por Velasco, e hoje propriedade do Instituto.

Esta exposição, comquanto modesta, foi abundante quanto o permittio o curto espaço de tempo de que dispunha a Commissão, e justamente apreciada pelos competentes, concorrendo em grande parte para dar maior realce e interesse ás conferencias.

Lapida commemorativa

Foi para o dia 18 de Julho que, como remate das festas do bi-centenario se reservou a collocação na fachada da egreja do Collegio, hoje Cathedral, da lapida contendo a inscripção adoptada pelo Instituto, para transmittir ás gerações vindouras a merecida homenagem que nesse dia prestou esta associação á

memoria do grande homem que se gloriava de dever á Bahia o seu—segundo nascimento e a quem ella deve, e todo o Brazil, e a antiga metropole as mais brillantes paginas da sua historia no seculo 17.

A lapida foi lavrada por artistas bahianos e collocada no logar onde se acha por outro artista, egualmente bahiano, nosso concidadão, o Sr. Domingos Silva, Presidente do Centro Operario, que obsequiosamente se prestou a esse serviço.

S. Exa. Revma. o Sr. Arcebispo D. Jeronymo dignou-se, na manhã desse dia, celebrar uma missa na Cathedral, e em seguida benzer a lapida, a pedido da Commissão, que assistio a esses actos como representante do Instituto.

Procissão Civica

A parte do programma que consistia em promover uma procissão civica, e imprimir á festa do bi-centenario um character popular, pareceo a principio á Commissão a mais difficil de todas, não porque ella duvidasse dos sentimentos de justiça e de patriotismo tantas vezes manifestados pelos nossos concidadãos, mas porque o espirito publico preoccupado e abatido como se acha, diante dos males que affligem o paiz e particularmente o nosso Estado, careceria de algum esforço para se expandir em manifestações festivas, ainda que em honra de um genio que a Bahia teve a gloria de criar em seu seio.

Entretanto o espirito publico bahiano, fiel ás suas tradições, expandio-se ainda uma vez, e como sempre magestoso e solemne, dando á procissão de 18 de Julho a imponencia e o brillantismo que todos admiramos; e si ella congregou em um só pensamento generoso e nobre quanto a Bahia se desvanee em possuir de mais distincto nas sciencias, lettras, artes, commercio e industrias, e a mocidade estudiosa das academias, lyceus, escolas e collegios, não é á Commissão que cabe o merito de ter conseguido esta manifestação das classes litterarias e laboriosas, e sim aos funcionarios prepostos á administração e

ao ensino publicos, desde o nosso illustrado Vice-Presidente, Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica, Dr. Satyro de Oliveira Dias e o Inspector Geral do Ensino, Dr. Octaviano Muniz Barretto, até aos Srs. Directores de institutos de educação, e professores e professores de ensino superior e primario, publico e particular.

E' ao incitamento e boa vontade desses dignos concidadãos que se deve essa significativa e involvidavel expressão de civismo com que a Bahia, afastando por um momento o véo das maguas que a entristecem, soube render o preito devido á memoria de um dos maiores vultos da sua historia colonial.

Chegada a procissão ao antigo Terreiro de Jesus, as corporações e populares que a compunham, assistiram á collocação da lapida e visitaram depois a exposição, a antiga capella interior do Collegio, e a humilde cella onde habitou e morreu o Padre Vieira, cujo retrato, entre bandeiras portugueza e brazileira, flores e folhagens, ornava uma das paredes modestamente decoradas.

Pela tarde desse dia, a colonia portugueza que, pela primeira vez, se reunira para tratar da comemoração do centenario do descobrimento da India, foi encorporada visitar a cella do Padre Vieira, tendo á frente o seu Consul que, ante o retrato do grande apostolo da America, proferio uma brilhante allocução.

No momento de partir da Praça da Piedade a procissão cívica, o Sr. Dr. Octaviano Barretto dirigio palavras de animação e agradecimento ás classes litterarias que a compunham; e ao collocar-se a lapida na fachada do Collegio, em presença de todas as autoridades e de grande concurso de cidadãos de todas as classes sociaes, o Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias, como Vice-Presidente do Instituto proferio um eloquente e edificante discurso de encerramento das festas, dirigindo-se especialmente em patrioticos e suggestivos conceitos á mocidade estudiosa das escolas allí presente, aos cidadãos do futuro que têm de ser os herdeiros e continuadores das mesmas glorias,

Agradecimentos

A Commissão não deo por findos os seus trabalhos, sem cumprir o dever de dirigir agradecimentos, em nome do Instituto, pela imprensa a todas as pessoas, corpos collectivos e redacções de jornaes que concorreram para a commemoração do bi-centenario, e em officios e cartas ás autoridades superiores civis, militares e ecclesiasticas pelo seo comparecimento e coadjuvação, aos tres eruditos conferentes, assim como aos chefes de diversas corporações que cavalheirosamente se prestaram a auxiliar-a com o seo prestigio e dedicação.

Despojos mortaes do Padre Vieira

Era desejo da Commissão investigar e descobrir, sendo possível, onde jazem os despojos mortaes do Padre Antonio Vieira, assumpto ainda envolto em mysterio e incerteza por falta de esclarecimentos positivos, não havendo outros mais do que a vaga tradição que aponta um subterraneo ou crypta que se diz existir na egreja do Collegio como depositario dessas preciosas reliquias. Ahí tentou penetrar a Commissão, mas desde logo renunciou a empreza, tanto por depender esta busca de indicações mais exactas e de precauções especiaes, como por lhe absorverem todo o tempo disponivel os preparativos multiplos e inadiaveis da commemoração do centenario; reservou-se, porém, para proceder mais tarde a essa investigação, com o vagar e cuidado que ella requer, a não ser que o Instituto prefira, o que melhor seria, incumbir esse serviço a uma nova e especial Commissão.

Despezas

O producto das diversas subscrições promovidas pela Commissão e por alguns socios foi entregue ao nosso thesoureiro, que dará conta das quantias arrecadadas e das despezas feitas com a commemoração do centenario.

Conclusão

A Commissão não se desvanecer de haver satisfeito cabalmente os intuitos do Instituto, cumprindo fielmente o programma por elle approvedo; mas pode assegurar-vos que empregou os seus melhores esforços para corresponder á vossa confiança; se o não conseguiu pede desculpa das omissões de que por ventura a julgueis responsável.

Não obstante, ella julga poder, em boa consciencia, congratular-se com o Instituto Geographico e Historico da Bahia por elle ter levado a effeito um commettimento, cuja honrosa memoria ficará perpetuada nos seus annaes, e nos da gloriosa terra que foi berço intellectual do Padre Antonio Vieira e depositario do involucro mortal do seu grande espirito.

Bahia e Sala das sessões do Instituto Geographico e Historico, 1.º de Agosto de 1897.

Dr. José Francisco da Silva Lima. — Dr. Braz Hermenegildo do Amaral. — Filinto Justiniano Ferreira Bastos. — Dr. José Julio Calasans. — Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo. — Conego Manofredo Alves de Lima. — Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

45.ª SESSÃO EM 8 DE AGOSTO DE 1897

Presidencia do Sr. Cons. Pedro Mariani

Aos oito dias do mez de Agosto de 1897, á uma hora da tarde, no salão do Instituto, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, presentes os socios: Cons. João Torres e Pedro Mariani, Drs. Antonio Calmon, Garcia Pedreira, Bonifacio Costa e Sá e Oliveira, professor Austricliano Coelho, Henrique Prager, Horacio Urpia, Alfredo Soledade, Vital Soares, Abilio de Carvalho, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Isaias Santos, Dr. Alfredo Cabussú, Padre Luiz da França, professor Torquato Bahia e Dr. Arthur de Mello Mattos, foi aberta a sessão pelo

Sr. Cons. Pedro Mariani, 2.º Vice-Presidente, sendo lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Uma carta do socio Dr. José Francisco da Silva Lima communicando que, por incommodo de saude, deixava de comparecer a sessão e enviando dois officios que foram lidos, um do Exm. Sr. Arcebispo e outro do Dr. Bibliothecario da Bibliotheca Publica em resposta aos que lhés dirigio a Commissão executiva das festas do Centenario do Padre Vieira, em agradecimento aos serviços prestados; um officio do socio Olavo de Freitas Martins enviando copias dos discursos proferidos pelo consocio Candido Costa e pelos Drs. Ovidio Filho e Ignacio Moura na sessão litteraria da sociedade «Mina Litteraria» do Pará em commemoração ao 2.º Centenario da morte do Padre Antonio Vieira, e os extractos da noticia dada pela imprensa d'aquella cidade, o que tudo foi remettido pelo mesmo consocio Candido Costa.

Foram lidos os pareceres das Commissões de admissão de socios e de fundos e orçamento, relativo este ás contas da receita e despeza do anno transacto, assim como o projecto de orçamento para o anno corrente, sendo tudo approvado.

São os seguintes os socios novamente acceitos em virtude das propostas e pareceres que foram lidos: Effectivos—Drs. Ernesto Carneiro Ribeiro, Alfredo Antonio de Andrade, Francisco Caribé da Rocha, Pedro Muniz Leão Velloso, Wencesláo de Oliveira Guimarães, Padre Elpidio Tapiranga, Pharmaceutico Joaquim Manuel de Sant'Anna, Barão de S. Francisco e Professor Virgilio de Lemos; Correspondentes—Viscondes de Cavalcanti (Cons. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque e Exma. Sra. D. Amelia Velho Cavalcanti de Albuquerque, autora de varios trabalhos litterarios, e residentes em Paris); Drs. Cesar Augusto Marques, membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e autor de importantes trabalhos historicos sobre o Brazil, residente no Rio de Janeiro, José Esmeraldo de Oliveira, residente

na cidade do Inhambupe deste Estado, João Baptista Regueira Costa, residente no Recife, Antonio de Toledo Piza e Almeida, residente em S. Paulo e Alcides Medrado residente em Ouro Preto; Candido Costa, residente em Belém (Pará), Professor Adriano Augusto de Araujo Jorge, residente em Alagoas, Pharmaceutico Augusto Cesar Marques, residente em S. Luiz do Maranhão e Coronel Juvencio de Resende, residente na cidade de Valença, deste Estado.

O parecer da Commissão de Fundos e Orçamento e o projecto de Orçamento apresentado e approvado são os seguintes:

— «A Commissão de Fundos e Orçamento examinando attentamente as contas da receita e despesa effectiva do Instituto Geographico e Historico da Bahia prestadas pelo Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, durante o periodo de 12 de Abril de 1896 a 31 de Dezembro do mesmo anno, assim como a escripturação, achou tudo feito com claresa e as julga merecedoras da approvação da Assembléa Geral.

No balanço apresentado e extrahido da respectiva escripturação vê-se que a receita foi de 9:768\$800 e a despesa attingio a somma 6:711\$745, havendo um saldo da quantia de 3:075\$055, a saber:

Receita

Saldo existente entregue pelo ex-thesoureiro, Professor Antonio Borges dos Reis	669\$400
Juros recebidos do Banco Emissor.	12\$400
Mensalidades dos socios.	1:291\$000
Subvenção municipal.	1:250\$000
Subvenção estadual.	5:500\$000
Assignaturas da Rev. Trimestral	156\$000
Remissão de socios.	520\$000
Jóias de socios	310\$000
Credores em conta corrente por dinheiros adiantados para suas remissões	60\$000
Somma. Rs.	9:768\$800

Despeza

Aluguel de casa	520\$000
Compra de moveis e utensilios	636\$000
Impressão do 5º n. da <i>Revista</i>	580\$000
Idem do 6º n. idem.	450\$000
Idem do 7º n. idem.	506\$000
Idem do 8º n. idem.	646\$000
Idem do 9º n. idem.	618\$000
Ordenado do Amanuense.	374\$952
Idem do Porteiro.	194\$000
Idem do Cobrador e commissão	357\$253
Despezas geraes inclusive as da secretaria.	1:829\$540
	<hr/>
Somma. . .Rs.	6:711\$745

Saldo que passou para o anno seguinte 3:057\$055.

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico, em 28 de Julho de 1897. — *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*. — *Horacio Uripia Junior*. — *Olavo de Freitas Martins*.

Orçamento para o anno de 1897 a 1898

A Commissão de orçamento submete á approvação da Assembléa Geral o novo orçamento que deverá vigorar para o anno de 1897 a 1898.

Receita

Art. 1º. A receita é fixada na quantia de 11:317\$055, a saber:

receitas	1.º Saldo do anno anterior	3:057\$055
	2.º Mensalidades dos socios	1:560\$000
	3.º Joias e donativos	8
	4.º Assignaturas da <i>Revista</i>	200\$000
	5.º Subvenção estadual.	6:000\$000
	6.º Subvenção municipal	500\$000
	<hr/>	
Somma. . .Rs.	11:317\$055	

Despeza

Art. 2.º A despeza para o mesmo anno é fixada na quantia de 9:160\$000, a saber:

§ 1.º Aluguel de casa	1:080\$000
§ 2.º Ordenado do amanuense	720\$000
§ 3.º Ordenado do cobrador	400\$000
§ 4.º Commissão do cobrador (15º/o) sobre a cobrança por elle arrecadada.	\$
§ 5.º Ordenado do porteiro	480\$000
§ 6.º Publicação da <i>Revista</i> (4 numeros)	2:680\$000
§ 7.º Acquisição de livros, mappas, encadernações e moveis.	2:000\$000
§ 8.º Expediente da secretaria e da sala das sessões, sellos postaes &	800\$000
§ 9.º Eventuaes, inclusive a despeza da sessão anniversaria.	1:000\$000
Somma. . . Rs.	9:160\$000
Saldo Rs.	2:157\$055
Somma. . . Rs.	11:317\$055

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico, em 28 de Julho de 1897.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque — Horacio Urpia Junior — Olavo de Freitas Martins.*

Em seguida foi lido o parecer da Commissão respectiva, relativo a uma proposta assignada pela mesa para ser conferido o titulo de socio honorario ao Dr. José Francisco da Silva Lima pelos relevantes serviços prestados ao Instituto como Presidente da Commissão executiva das festas do 2º centenario da morte do Padre Antonio Vieira, já offerecendo a lapida commemorativa, já angariando quantias assignaturas na subscrição de que se encarregou, já promovendo quanto lhe foi possivel para o condigno realce da referida commemoração; e que é assim redigido:

«A Commissão está de pleno accordo com a pro-

por Henri Courdreau; L'Etat de Pará, ouvrage illustré.

—*Pelo Socio Dr. Secretario da Agricultura, Industria, Viação e Obras Publicas*: Relatorio apresentado pelo mesmo ao Cons. Governador do Estado em 1897.

—*Pelo Socio Dr. Francisco Alexandre de Sousa*: Uma cedula antiga, de dez mil reis.

—*Pelo Socio Dr. Miguel de Teive e Argollo*: Um banco africano.

—*Pelo Socio Dr. Antonio Coitinho de Sousa*: Relatorio do Presidente do Tribunal de Conflictos e Administrativo—anno de 1897.

—*Pelo Socio Dr. Antonio da Cunha Barbosa*: O novo Orbe Seraphico Brasilico, por Frei Antonio Jaboatam; Notas Genealogicas, pelo Dr. João Mendes.

—*Pelo Socio Rogociano Pires Teixeira*:

Na Europa Latina; Um machado de pedra; «O Fithote» n.ºs 1 a 13—18 a 36—e 39 a 42; Discurso proferido pelo Dr. Ruy Barbosa no Congresso Nacional em 13 de Outubro de 1896.

—*Pelo Comm. Theodoro Teixeira Gomes*: Dois specimens de cabos electricos, sendo um do submarino e o outro do subterraneo para iluminação electrica.

—*Pelo Cidadão Tancredo Pereira de Almeida*: Uma apolice de cem reis do Estado de Alagoas.

—*Pelo Socio Dr. Alfredo de Mello Mattos*: Um grande besouro e um cavallo marinho.

—*Pelo Professor Amancio Pereira*:

Noções abreviadas de Geographia e Historia do Estado do Espirito-Santo.

—*Pelo Socio Cons. Pedro Mariani*: Planta do arraial de Santa Luzia com as posições occupadas pelos rebeldes em Agosto de 1842, na Provincia de Minas, e levantada pelo Engenheiro Halfeld.

—*Pelo Socio João da Silva Freire*. O «Correio da Europa» de 7 de Julho de 1897, contendo o retrato de Vasco da Gama por occasião do centenario da India.

—*Pela Redacção do Diario da Bahia*:

Um fac-simile, em caja, do croquis sobre as explorações ultimamente feitas no municipio do Prado pelo socio Dr. Appollinario Frot.

—Pelo Professor Adriano Augusto de Araujo Jorge, Presidente do Instituto Archeologico de Maceió: Uma cópia autentica da correspondencia do General Pedro Labatut, durante a guerra da Independencia da Bahia e existente no Archivo do Instituto Alagoano.

—Pelas respectivas redacções:

O «Orbe», editado em Maceió, n.ºs 64 e 65; *Revista de Geografia Colonial y Mercantil* da Sociedad Geografica de Madrid, N. 3. 1897; *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale* do Havre, 1.º trimestre de 1897; *Revista Catholica* fasc. 24—Junho, e 25 e 26—Julho, 1897; *Gazeta Medica da Bahia* n.º 12—Junho de 1897; *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale* de Paris—n.º 5, tomo 19—1897; *Memoria della Società Geografica Italiana*, V. 6 parte 2.ª; *The National Geographic Magazine*—n.º 5—Maio de 1897; *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale* de Bordeaux, n.º 11, Junho de 1897; de la Società Geografica Italiana, fasc.—6—vol—10; de la Sociedad Geografica de Madrid, n.ºs 1—2—3 e 4—do vol. 39. (Janeiro a Abril de 1897); *Comptes Rendus de Seances*—n.ºs 8, 11 e 12; *Archivo do Districto Federal*, Julho de 1897; *Revista Agricola*, n.º 25—Junho de 1897; «*Cidade do Salvador*»—4 n.ºs do dia 17 de Julho de 1897 com artigos commemorativos do Centenario do Padre Antonio Vieira; *Revista Industrial* de Minas Geraes, n.º 25, Janeiro de 1897; «*Diario da Bahia*», 4 n.ºs do dia 18 de Julho de 1897, impresso em papel especial (Polyanthéa sobre o centenario do Padre Antonio Vieira); *Analyse Bacteriologica* das Aguas do Queimado, 1897; *Relatorio da Direcção do Gabinete Portuguez de Leitura*, 1897; *Relatorio da Sociedade Beneficente «União Philantropica dos Artistas»*—1897, e *Boletim do Museu Paraense*, n.º 1.º vol. 2.º 1897.

—Pelo Socio Dr. José Joaquim Peçanha Povoá: *Relatorio da Directoria da Instrucção Publica do Estado do Espirito Santo em 1897.*

—Pelo Dr. Emilio Didier: Desesete moedas portuguezas antigas de cobre.

—Pelo Socio Dr. Filinto Bastos: «*A Mala da Europa*», de 26 de Julho de 1897, contendo artigos referen-

rentes ao centenario do Padre Antonio Vieira e ao Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro.

—Pelo Socio Dr. *Satyro de Oliveira Dias*: Relatorio da Secretaria de Industria, Justica e Instrucção Publica, apresentado ao Cons. Governador do Estado, em 1897.

—Pela Commissão *Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo*: Os seus Boletins dos annos de 1889 a 1896; Synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de S. Paulo; Ensaio contendo a relação das plantas do herbario e das cultivadas no jardim da mesma commissão.

—Pelo Socio *Horacio Urpia*: Guia para a revista naval e o «Programma illustrado» para a procissão civica em homenagem ao jubileu da Rainha Victoria em Junho do corrente anno.

—Pelo Socio Dr. *Deocleciano Ramos*: Milagres encontrados junto a um cruzeiro na estrada que vae da Serrinha á Villa Nova (Bahia).

—Pelo Socio *Jodo da Silva Freire*: Uma planta do Arraial de *Canudos*, levantada pela Commissão de Engenheiros nomeada pelo Governo Federal.

—*Pelas respectivas Redacções*: Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n.º 13—Julho de 1897; *Revista Mensal do Tribunal de Justica de S. Paulo*—n.º 8, vol.—5; *Revista Industrial de Minas Geraes*—n.º 26—Junho 1897; *The National Geographic Magazine*, n.º 6—Junho 1897; *Revista Catholica*, fasc. 27 e 28 de 1.º e 15 de Agosto—1897; *Bolletino della Società Geographica Italiana*, fascs. 7 e 8, vol. 10; *Bolletino of the American Geographical Society*, n.º 2, vol. 29—1897; «*A Tuba*»—orgão da imprensa do Pará com um boletim sobre o bicentenario do Padre Antonio Vieira; *Revista dos Tribunaes*, n.º 2, vol. 10—Junho de 1897; *Archivo do Districto Federal*—Agosto 1897; *Comptes Rendus des Seances*, n.ºs 13 e 14, 1897; *Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris*, n.ºs 6. e 7, tomo 19—1897; *Gazeta Medica da Bahia*, n.º 1—Junho de 1897; *Revista do Archivo Publico Mineiro*, fasc. 2.º, Abril e Junho de 1897; *Bulletin de la Société de Géographie de Paris*, Tomo 8, 1.º

—*Pelo Professor Adriano Augusto de Araujo Jorge, Presidente do Instituto Archeologico de Maceió: Uma cópia authentica da correspondencia do General Pedro Labatut, durante a guerra da Independencia da Bahia e existente no Archivo do Instituto Alagoano.*

—*Pelas respectivas redacções:*

O «*Orbe*», editado em Maceió, n.ºs 64 e 65; *Revista de Geografia Colonial y Mercantil* da Sociedad Geografica de Madrid, N. 3. 1897; *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale* do Havre, 1.º trimestre de 1897; *Revista Catholica* fasc. 24—Junho, e 25 e 26—Julho, 1897; *Gazeta Medica da Bahia* n.º 12—Junho de 1897; *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale* de Paris—n.º 5, tomo 19—1897; *Memoria della Società Geografica Italiana*, V. 6 parte 2.ª; *The National Geographic Magazine*—n.º 5—Maio de 1897; *Bulletin de la Société de Géographie Commerciale* de Bordeaux, n.º 11, Junho de 1897; de la *Società Geografica Italiana*, fasc.—6—vol—10; de la *Sociedad Geografica de Madrid*, n.ºs 1—2—3 e 4—do vol. 39. (Janeiro a Abril de 1897); *Comptes Rendus de Seances*—n.ºs 8, 11 e 12; *Archivo do Districto Federal*, Julho de 1897; *Revista Agricola*, n.º 25—Junho de 1897; «*Cidade do Salvador*»—4 n.ºs do dia 17 de Julho de 1897 com artigos commemorativos do Centenario do Padre Antonio Vieira; *Revista Industrial* de Minas Geraes, n.º 25, Janeiro de 1897; «*Diario da Bahia*», 4 n.ºs do dia 18 de Julho de 1897, impresso em papel especial (Polyanthéa sobre o centenario do Padre Antonio Vieira); *Analyse Bacteriologica* das Aguas do Queimado, 1897; *Relatorio da Direcção do Gabinete Portuguez de Leitura*, 1897; *Relatorio da Sociedade Beneficente «União Philantropica dos Artistas»*—1897, e *Boletim do Museu Paraense*, n.º 1.º vol. 2.º 1897.

—*Pelo Socio Dr. José Joaquim Peçanha Povoá: Relatorio da Directoria da Instrucção Publica do Estado do Espirito Santo em 1897.*

—*Pelo Dr. Emilio Didier: Desesete moedas portuguezas antigas de cobre.*

—*Pelo Socio Dr. Filinto Bastos: «A Mala da Europa», de 26 de Julho de 1897, contendo artigos referen-*

rentes ao centenario do Padre Antonio Vieira e ao Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro.

—Pelo Socio Dr. *Satyro de Oliveira Dias*: Relatorio da Secretaria de Industria, Justiça e Instrucção Publica, apresentado ao Cons. Governador do Estado, em 1897.

—Pela Commissão *Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo*: Os seus Boletins dos annos de 1889 a 1896; Synonimia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de S. Paulo; Ensaio contendo a relação das plantas do herbario e das cultivadas no jardim da mesma commissão.

—Pelo Socio *Horacio Uripia*: Guia para a revista naval e o «Programma illustrado» para a procissão civica em homenagem ao jubileu da Rainha Victoria em Junho do corrente anno.

—Pelo Socio Dr. *Deocleciano Ramos*: Milagres encontrados junto a um cruzeiro na estrada que vae da Serrinha á Villa Nova (Bahia).

—Pelo Socio *João da Silva Freire*: Uma planta do Arraial de *Canudos*, levantada pela Commissão de Engenheiros nomeada pelo Governo Federal.

—*Pelas respectivas Redacções*: Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n.º 13—Julho de 1897; *Revista Mensal do Tribunal de Justiça de S. Paulo*—n.º 8, vol.—5; *Revista Industrial de Minas Geraes*—n.º 26—Junho 1897; *The National Geographic Magazine*, n.º 6—Junho 1897; *Revista Catholica*, fasc. 27 e 28 de 1.º e 15 de Agosto—1897; *Bolletino della Società Geographica Italiana*, fascs. 7 e 8, vol. 10; *Bolletin of the American Geographical Society*, n.º 2, vol. 29—1897; «*A Tuba*»—orgão da imprensa do Pará com um boletim sobre o bicentenario do Padre Antonio Vieira; *Revista dos Tribunaes*, n.º 2, vol 10—Junho de 1897; *Archivo do Districto Federal*—Agosto 1897; *Comptes Rendus des Seances*, n.ºs 13 e 14, 1897; *Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris*, n.ºs 6 e 7, tomo 19—1897; *Gazeta Medica da Bahia*, n.º 1—Junho de 1897; *Revista do Archivo Publico Mineiro*, fasc. 2.º, Abril e Junho de 1897; *Bulletin de la Société de Géographie de Paris*, Tomo 8, 1.º

trimestre de 1897;—Boletín de la Sociedad Geografica de Madrid, n.º 4, Junho de 1897; Revue Geographique internationale, n.ºs 258 e 259—Maio e Junho 1897.

—Pelo Socio Cons. *Macedo de Aguiar*: «A Guerra no Prata em 1865 com um mappa, e «O Paraguay» por Carlos Quintino (1865).

—Pelo Socio Coronel *Gonçalo de Athayde Pereira*: «Necessidades da Lavoura», artigo extrahido do Relatório apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil—pelo Dr. Bernardino Campos. (1897).

—Pelo Professor *Bellarmino Gratuliano de Aquino*: Opusculo da Grammatica Brasilica por Pedro Luiz Sympson.

45. SESSÃO EM 25 DE SETEMBRO DE 1897

Presidencia do 1.º Secretário Cons. João Torres

Aos 26 dias do mez de Setembro de 1897, á uma hora da tarde, no Salão do Instituto, n'esta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, presentes os socios: Cons. João Torres, Drs. Isaias Santos, Calmon de Siqueira, Abilio de Carvalho, Vital Soares, Henrique Prager, Comm. Salvador Pires, Alfredo Solidade, Professor Austricliano Coelho, Ferreira Braga Eloy Guimarães e Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, foi aberta a sessão pelo Cons. João Torres, 1.º Secretario, no impedimento do presidente e vice-presidentes, servindo de 2.º Secretario o socio Vital Soares.

Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte: officios do Presidente da Associação Commercial e do Dr. Satyro de Oliveira Dias, Secretario do Interior, enviando os Relatorios das respectivas repartições.

Cartas do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo enviando uma arvore genealogica da descendencia de

Catharina Alvares Paraguassú segundo os dados colhidos por Frei Jabotão; do socio Antonio Gonçalves Neves enviando varios folhetos e *Revistas*, um fossil encontrado na serra Ibiapaba, quatro buzios e uma queixada de tubarão pescado na barra de Caravellas; de socio honorario Dr. Silva Lima enviando um peixe fossilizado e um anel de pedra, indigena, e bem assim a acta mandada lavrar em pergaminho pela Comissão executiva do centenario do Padre Antonio Vieira por occasião de ser collocada a lapide a 18 de Julho do corrente anno; do socio Dr. Cesar Augusto Marques enviando varios autographos e manuscriptos para o archivo do Instituto; dos socios Candido Costa, da Cidade de Belem, Pará, e dos Viscondes de Cavalcanti, actualmente em Paris, agradecendo a eleição de socios correspondentes; do Dez. Manoel Maria do Amaral enviando apontamentos sobre a vida do eximio patriota Dr. Cypriano José Barata de Almeida, uma proclamação feita pelos *malês* em uma das insurreições que se deram n'este Estado, e uma medalha mandada gravar por João Diogo Sturts, um dos estrangeiros que mais se interessaram pelo Commercio e Agricultura do Brazil; do socio Henrique Prager congratulando-se com o progresso actual do Instituto, e enviando uma collecção de 242 gazetas que foram publicadas no Brazil de 1816 a 1897, 30 exemplares da brochura—«*A Sabinada*», e uma cedula de 1\$ impressa em 1833; e um officio do Juiz de Direito de Camamú Dr. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque Junior pedindo para ser contemplado no quadro dos socios correspondentes de accordo com o art. 9 § 3.º dos Estatutos.

Foram lidas tres propostas de admissão dos seguintes litteratos e historiadores para socios correspondentes: General D. Bartholomeu Mitre, Coronel Dr. José Clementino Soto, Dr. Mariano Pelizza e Dr. Jacob Larrain (Buenos Ayres), Dr. Pedro M. Riviere (Montividéo), Dr. Landaeta e Rozales (Caracas—Venezuela), Professor Arrigo de Zettiri (Roma); e dos seguintes escriptores brasileiros Carlos Alberto Miller (Porto Alegre), João Lucio de Azevedo (Pará); e effe-

ctivos Dez. Manoel Maria do Amaral, Dr. Manoel da Invenção Senna, Dr. Octaviano Suzart e Pharmaceutico Eudoxio Pereira da Costa. Foram enviadas á commissão respectiva.

Em seguida o Cons. Presidente communica o fallecimento, no dia 7 do corrente, do socio effectivo Dr. Francisco de Oliveira Ramos, illustre Cearense e residente n'esta Capital, e fez o seu elogio, propondo que se lançasse na acta um voto de sentido pezar, o que foi approvedo.

Propoz que se expedisse independente de qualquer contribuição o diploma de socio effectivo ao illustre philologo Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, reconhecido em sessão anterior, pelos serviços prestados ao Instituto e como um acto reconhecimento pela sua brilhante conferencia, por occasião do centenario do Padre Antonio Vieira. Foi approveda a proposta.

Propoz finalmente que ainda uma vez se consignasse na acta o protesto que faz o Instituto contra o projecto do ex-senador João Barbalho e que se manifestasse ao illustre socio Senador Dr. Severino Vieira a solidariedade na defesa dos direitos da Bahia ao territorio que se pretende usurpar, reproduzindo-se no *Diario da Bahia* o artigo do Dr. Miguel de Teive e Argollo, já publicado na *Revista*, remettendo-se uma copia desse artigo com officio ao mesmo Senador. Posta em discussão foi unanimemente approveda a proposta e autorisado o thesourceiro a fazer esta despesa.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão ás 2 horas da tarde; e para constar eu 2.º Secretario lavrei a presente acta que vai por mim assignada.

Isaias de Carvalho Santos, 2.º Secretario.

OFFERTAS

Durante o mez de Setembro foram feitas as seguintes offertas:

—Pelo Dez. *Manoel Maria do Amaral*: Uma proclamação dos malés, quando se insurgiram na Bahia;

Apontamentos sobre a vida do Dr. Cypriano Barata e uma medalha.

—Pelo socio Dr. *Arlindo Fragoso*: Relatorio do Instituto Polytechnico da Bahia, em 1897.

—Pelo Socio Dr. *Alfredo Britto*: Aneurismas na aorta (1897).

—Pelo Cidadão *F. B. Marques Pinheiro*: A Irmandade do SS. Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria e o Emprestimo decretado pelo Alvará de 13 de Março de 1897.

—Pelo Socio *João da Silva Freire*: A «Mala da Europa» n. 18 (setembro de 1897) com o retrato do sabio Professor Sousa Martins.

—Pelo Socio Dr. *Francisco Calmon de Araujo Goes*: Diversos folhetos sobre o prolongamento da estrada de ferro da Bahia, naufragio da corveta *Isabel* e biographias, e dois autographos contendo manifestos do extincto partido conservador.

—Pelo Socio Dr. *Cunha Barbosa*: Relatorio do Presidente do Senado Federal, em 1897; Um opusculo—Em prol da integridade do territorio de Pernambuco, (Apreciação da imprensa), Recife (1897); A ideia republicana no Brazil; Estudos historicos sobre o Rio-Grande do Sul, Rio-Grande (1897); Specimens de pedras com que está sendo edificado o palacio do Governo de Manãos, e varios numeros da «Galeria Cearense», Revista Litteraria e Scientifica (1896 e 1897).

—Pela Exma. Sra. D. *Anisia Santos*: Uma moeda de prata, Fernando 7º (1811).

—Pelo Socio Dr. *Miguel de Teive e Argollo*: Uma arvore genealogica da descendencia de Catharina Alvarés, de accordo com alguns dados colhidos por Frei Joboatam.

—Pelo Socio *Horacio Uripia*: Oito moedas de prata, brazileiras, (1834, 1851, 1854, 1759, 1887) e uma de 200 réis (1860).

—Pelo Cidadão *Estecão Lopes*: Seis opusculos sobre questões juridicas ventiladas na Capital Federal.

—Pelo Socio honorario Dr. *Silva Lima*: Um peixe fossilizado e um anel de pedra.

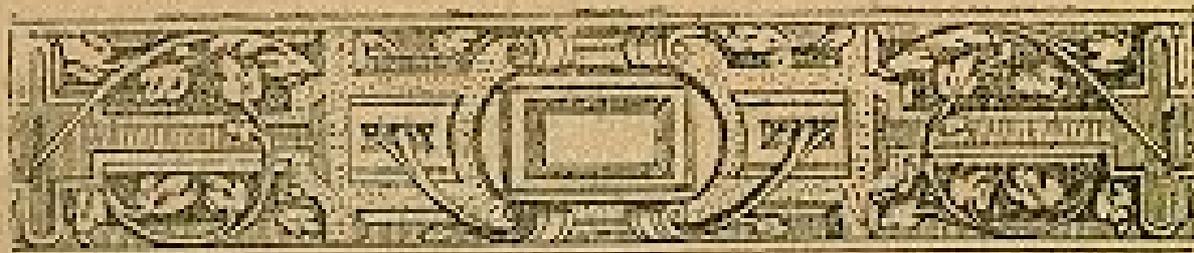
—*Pelas respectivas redacções*: The National Geographic Magazine, ns. 7 e 8, vol. 8º, Agosto 1897; Archivo do Districto Federal, 4º anno—Setembro 1897; Revista do Instituto do Ceará, 2º trimestre Tom. 11 (1897); Os Bachareis em Lettras pelo Imperial Collegio Pedro 2.º e Gymnasio Nacional (1897); Revista Industrial de Minas-Geraes, n. 27, Agosto de 1897; «Gazeta Medica da Bahia», n. 2, Agosto de 1897; «Revue Geographique», ns. 260, 261 e 262, Julho, Agosto e Setembro de 1897; «Revista Catholica» Fasciculos 29 e 30 de 1 e 15 de Setembro de 1897; «O Operario», ns. 1 a 12—anno 1.º, 1897—; «Revista Popular», n. 1, anno 1—1897; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 10, 11 e 12, serie 15ª do corrente anno de 1897.

—*Pela respectiva direcção*: Relatorio da Associação Commercial da Bahia, apresentado em Abril de 1897.

—*Pelo Dr. Fortunato Fausto Gallo*: Uma photographia commemorativa da abolição dos escravos a 13 de Maio de 1888.

—*Pelo Socio Dr. Cesar Augusto Marques*: Varios autographos e manuscriptos.

—*Pela commissão executiva do bi-centenario do Padre Antonio Vieira*: A acta em pergaminho lavrada a 18 de Julho de 1897 por occasião de ser collocada a pedra commemorativa.



Poetas Bahianos

(SECULO XVII)

José Borges de Barros

Ter na familia um filho ou um parente padre era uma grande honra até os fins do seculo passado.

Torcessem embora a vocação do escolhido, fizessem comtudo a infelicidade de todo o resto de sua vida era coisa de somenos importancia comtanto que na familia, quer do rico, quer do pobre, com todo sacrificio houvesse um sacerdote.

José Borges de Barros, filho primogenito do valeroso capitão João Borges, que muito distinguiu-se na guerra dos holandezes e de D. Maria de Barros, foi o escolhido pela familia para ser padre.

Nasceu Borges de Barros na Bahia no dia 18 de Março de 1657, segundo diz o Dr. Manoel Joaquim de Macedo no seu *Anno Biographico Brasileiro*, volume I, pagina 343; ou no anno de 1659, segundo J. M. Pereira da Silva no *Supplemento biographico dos cardees illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*, tomo II, pagina 317.

Começou seus estudos na companhia de Jesus, mas no fim de seis annos a sua fraca constituição e as enfermidades não lhe permittiram a observancia do Instituto Religioso.

Na Universalidade de Coimbra completou José Borges de Barros os seus estudos, tomando o gráu de mestre em artes e o de bacharel em sagrados canones.

No Brazil foi mestre de escola da cathedral da Bahia, desembargador da Relação Ecclesiastica, vigario geral e juiz dos residuos.

Em Coimbra occupou os cargos de provisor e vigario geral e prior dos de Santa Maria de Azerede e S. João de Almedina e Arcediago de Cêa.

Por esse tempo D. Pedro II, rei de Portugal, desagradara-se com o procedimento do prelado da diocese de Coimbra, cuja jurisdicção foi defendida por José Borges de Barros, o qual por esse motivo teve de passar-se para Lisboa, onde D. Simão da Gama, archbispo d'Evora, o nomeou seu provisor e vigario geral, obtendo depois como premio de seus serviços um canonicato na cathedral de Evora.

O sonho dourado, porém, de Borges de Barros era a roupeta, e na intenção de recebê-la recolheu-se ao oratorio de S. Felipe Nery, na villa de Entremoz e ahí falleceu á 10 de Março de 1719, com signaes de predestinado, como diz a *Bibliotheca Lusitana*.

Foi José Borges de Barros um homem estimado em seu tempo, illustrado mestre de philosophia e theologia e orador sagrado de nota, que deixou nome na tribuna evangelica da Bahia, Coimbra, Evora e Lisboa; foi um eximio canonista.

Da poesia foi Borges de Barros modesto cultivador, dedicando-se principalmente á musa latina; foi talvez melhor comediographo, sendo o unico em seu seculo que cultivou o genero.

Infelizmente, de suas comedias a unica que salvou-se do esquecimento, intitulada *A Constancia com triumpho*, tem pouco valor.

O que em Borges de Barros espantava os seus contemporaneos eram a sua prodigiosa memoria e a sua escripta.

Citam como exemplos de sua memoria os seguintes factos:

Ouvindo um collega recitar um grande sermão,

recolhia-se á cella e em poucas horas enviava-lhe o sermão escripto sem faltar-lhe ou mudar-lhe uma só palavra.

Proferindo-se á sua vista mil verbulos, repetia-os immediatamente todos em sua ordem e depois do ultimo para o primeiro sem enganar-se nem mudar a ordem de um só!

Da sua escripta tecem louvores pela lindeza e perfeição dos caracteres, como tambem porque imitava de uma maneira assombrosa a firma ou escripta de qualquer por melhor ou peor que fosse a letra!

Muitas vezes com uma só mão manejaudo duas pennas escrevia duas regras dessimilhantes na callygraphia e no sentido!

Como escriptor bem pouco nos resta d'elle.

Eis as obras e trabalhos deixados por José Borges de Barros:

Tractatus de Præceptis Decalogi 4.º M. S.

Pratica Judicial com o Formulario do provisor e vigario geral Fol. M. S.

Tratado pratico das materias heraficiaes 4.º

Arte de memoria illustrada.

A Constancia com triumpho, comedia.

Conclusões amorosas, M. S.

A maioria das obras deixadas por este illustre theologo e escriptor bahiano são manuscriptos em prosa; de suas poesias, na maioria sagradas e escriptas em latim, nenhuma escapou ao pó do esquecimento.

Frei Francisco Xavier de Santa Thereza

O systema de colonisação adoptado pelos portuguezes na America muito deveu ás comunidades religiosas, porque ellas eram a unica fonte de luz para a instrucção n'aquelle tempo, e de seu seio sahiram grandes e notaveis oradores sagrados, poetas e homens de profundo saber.

Dentre estas comunidades a dos franciscanos

muito e muito concorreu para a nossa civilização e até no Rio de Janeiro elles tanto se distinguiram que formaram a Arcadia Franciscana Fluminense, a qual teve poetas como Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, Fr. Francisco da Candelaria, Fr. Francisco das Sanctas Virgens Salazar, Fr. Bernardo de S. Gonçalo, Fr. Ignacio das Mercês Malta, Fr. Ignacio de Santa Rosalia, Fr. Raymundo Penafort da Annunciação, Fr. Antonio de Santa Eulalia e Fr. Francisco de S. Carlos.

A provincia religiosa de Santo Antonio do Brazil, em Sergipe, tambem produziu seus poetas notaveis: era deste numero Fr. Francisco Xavier de Santa Thezeza, natural da Bahia, e do qual agora nos vamos occupar.

Nasceu este Franciscano no dia 12 de Março de 1686. Era filho de Paschoal Luiz Bravo e de D. Thezeza Viegas de Azevedo.

Estudou Fr. Francisco a principio na eschola dos jesuitas na Bahia, mas preferiu entrar para a ordem de Santo Antonio, em Sergipe do Conde a 4 de Julho de 1703, donde passou-se para Pernambuco, de lá para a ilha da Madeira para leccionar theologia e recebeu ordens de presbytero em Lisboa.

Enviado para Londres pela sua ordem percorreu depois a Europa, visitando a França, a Hollanda, parte da Allemanha e, tendo enriquecido n'esta viagem sua intelligencia com estudos e observações, regressou a Portugal. Voltou a Inglaterra em 1714 e fez uma excursão pelos Paizes Baixos.

Por esse tempo intentou o papa Clemente XI libertar a Ilha Corfú que se achava em poder dos turcos e conseguiu de D. João V uma frota, da qual foi chefe o Conde do Rio Grande, e que em 1712 partiu para esse fim, levando a seu bordo, na qualidade de capellão, Fr. Francisco Xavier de Santa Thezeza, o qual assistiu ao combate naval do golfo de Passavá, no Archipelago, a 19 de Julho de 1717 e n'elle perdeu uma perna com um tiro de bala.

Voltando a Portugal foi o nosso franciscano leitor de theologia, penitenciario geral da Ordem Sera-

phica, examinador das tres ordens militares e do priorado do Crato, consultor da Bulla da Cruzada e membro da Academia Real de Historia Portugueza.

Notabilisou-se como orador sagrado, cultor das letras e poeta latino, e tiveram tanta nomeada os seus sermões e as suas obras latinas em prosa e verso que mereceu por estas produções de seu peregrino talento ser incluído entre os socios da Arcadia Romana na qual tomou o nome poetico de Elvedio.

Fr. Francisco de Santa Thereza falava correntemente diversas linguas e as suas obras são mencionadas e elogiadas por Diogo Barbosa em sua *Bibliotheca* e o Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

Sobre a data da morte do illustrado e sabio poeta bahiano divergem as opiniões de seus biographos.

O Dr. Joaquim Manoel de Macedo no seu *Anno Biographico Brasileiro* no 1.º volume, pagina 321, sustenta que ignora-se até a data do anno; porém Pereira da Silva nos *Vardes illustres do Brazil* no 2.º volume, pagina 320, diz que Fr. Francisco de Santa Thereza falleceu em Lisboa em 1737.

Sacramento Blake assevera que elle falleceu muito depois, porque, em 1758, ainda vivia quando Barbosa Machado publicou o ultimo tomo de sua *Bibliotheca Lusitana*, como diz este autor na dita obra.

Santa Thereza escreveu:

—*Oratio panegirica* (em latim). Lisboa, 1725, in 4.º
E' seguida de um epigramma latino e um soneto.

—*Sermão da Soledade* de Maria Santissima na igreja do Hospital Real de Lisboa, no anno de 1729. Lisboa, 1733, in 4.º

—*Sermão panegirico* na festa do patrocínio do illustre e glorioso patriarcha S. José de Ribamar em 17 de Junho de 1733. Lisboa, 1735, in 4.º

—*Oração funebre* nas solemnes exequias do augustissimo Cezar Carlos VI, celebradas pela nação germanica no Convento de S. Vicente de Fôra em 9 de Março de 1741. Lisboa, 1742, in 4.º

—*Oração funebre* nas exequias do illustrissimo e excellentissimo senhor D. Jayme de Mello, terceiro

Duque de Cadaval, quinto Marquez de Ferreira e sexto Conde de Portugal, na igreja real do convento de S. Francisco d'essa cidade, em 27 de Junho de 1741. Lisboa, 1749, in 4.º

— *Elogio funebre*, historico e chronologico nas exequias do excellentissimo e reverendissimo senhor bispo do Porto, D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora, celebradas em 2 de Setembro de 1752. Lisboa, 1752, in 4.º

— *Elogio funebre*, recitado nas exequias do serenissimo senhor infante D. Antonio, celebradas no hospicio de S. Francisco de Campolide. Lisboa, 1758, in 4.º

— *Pratica* com que congratulou a Academia Real de estar eleito seu collega, recitada no paço, a 5 de Setembro de 1735. Lisboa, 1736, in 4.º

— *Tres poesias* aos principes brasileiros (em latim). Lisboa, 1728, in 4.º

— *Cinco epigrammas* latinos, dous elogios latinos e dous sonetos em portuguez. Lisboa, 1735, in 4.º

— *Um elogio* latino, cinco epigrammas e tres sonetos. Lisboa, 1736, in 4.º

— *Um elogio* e quatro epigrammas latinos e um soneto. Lisboa, 1735, in 4.º

— *Poesias* á memoria do Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello—São dous sonetos, quatro epigrammas e uma elegia. Vem nas «Ultimas accções do Duque, etc. Lisboa, 1730.º pags. 171 a 176.

— *Poesias* em louvor do padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular.—São quatro epigrammas latinos e um soneto em portuguez. Vem no «Obsequio funebre que dedicou a Academia dos Applicados, etc. Lisboa, 1734.º

— *Poesias* em applauso do excellentissimo e reverendissimo bispo do Porto, D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora, chegando de Roma a Lisboa, Lisboa 1742, in 4.º —São tres epigrammas e um soneto, e se acham em uma collecção de outras poesias sobre o mesmo objecto.

— *Poema ao Espirito Santo*—Inedito, cujo manuscrito affirma Barbosa Machado que existia no Con-

Duque de Cadaval, quinto Marquez de Ferreira e sexto Conde de Portugal, na igreja real do convento de S. Francisco d'essa cidade, em 27 de Junho de 1741. Lisboa, 1749, in 4.º

— *Elogio funebre*, historico e chronologico nas exequias do excellentissimo e reverendissimo senhor bispo do Porto, D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora, celebradas em 2 de Setembro de 1752. Lisboa, 1752, in 4.º

— *Elogio funebre*, recitado nas exequias do serenissimo senhor infante D. Antonio, celebradas no hospicio de S. Francisco de Campolide. Lisboa, 1758, in 4.º

— *Pratica* com que congratulou a Academia Real de estar eleito seu collega, recitada no paço, a 5 de Setembro de 1735. Lisboa, 1736, in 4.º

— *Tres poesias* aos principes brasileiros (em latim). Lisboa, 1728, in 4.º

— *Cinco epigrammas* latinos, dous elogios latinos e dous sonetos em portuguez. Lisboa, 1735, in 4.º

— *Um elogio* latino, cinco epigrammas e tres sonetos. Lisboa, 1736, in 4.º

— *Um elogio* e quatro epigrammas latinos e um soneto. Lisboa, 1735, in 4.º

— *Poesias* á memoria do Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello—São dous sonetos, quatro epigrammas e uma elegia. Vem nas «Ultimas acções do Duque, etc. Lisboa, 1730.» pags. 171 a 176.

— *Poesias* em louvor do padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular.—São quatro epigrammas latinos e um soneto em portuguez. Vem no «Obsequio funebre que dedicou a Academia dos Applicados, etc. Lisboa, 1734.»

— *Poesias* em applauso do excellentissimo e reverendissimo bispo do Porto, D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora, chegando de Roma a Lisboa, Lisboa 1742, in 4.º —São tres epigrammas e um soneto, e se acham em uma collecção de outras poesias sobre o mesmo objecto.

— *Poema ao Espirito Santo*—Inedito, cujo manuscrito affirma Barbosa Machado que existia no Con-

vento de Olinda. Consta o poema de cem versos, todos começando pela letra S.

—*Flosculus Epigrammaticus*. São epigrammas a todos os santos da ordem seraphica. Inedita.

Como notavel poeta o tinham os seus contemporaneos e todos consideravam em seu genero como a obra prima de suas composições metricas a tragi-comedia do martyrio de Santa Felicidade e seus filhos.

De suas obras em prosa é elogiada como a melhor a que trata de suas memorias.

José de Oliveira Serpa

Mais um socio da Academia dos Esquecidos, mais um frade poeta cuja vida e obras foram lançadas ao esquecimento.

José de Oliveira Serpa nasceu na cidade da Bahia no anno de 1696, não se sabe em que dia, nem em que mez.

Logo que começou a estudar com os jesuitas manifestou o seu talento poetico, ensaiando-se no humorismo que era o genero para que tinha vocação.

Entrou ainda moço para a Academia dos Esquecidos, da qual fizeram parte, além de Sebastião da Rocha Pitta e João Luiz de Brito e Lima já por nós citados, os poetas Antonio de Oliveira, Luiz Sancho de Noronha, André de Figueiredo Mascarenhas, Manoel de Mesquita Cardoso, Antonio de Freitas do Amaral, Luiz Canello de Noronha e Anastacio Ayres Penhafil.

Todos estes poetas eram da eschola classica e mais ou menos gongoricos, sendo o nosso biographado o mais humorista.

José de Oliveira Serpa era muito estimado por todos e contava amigos entre seus collegas—os esquecidos—sendo o melhor d'elles Sebastião da Rocha Pitta ao qual dedicou versos encomiasticos como adiante veremos.

De sua vida apenas sabemos, além do que já dissemos, que foi carmelita; ordenou-se presbítero no collegio dos jesuitas; foi orador evangelico de muito credito e compoz poesias mysticas que não se imprimiram.

De suas poesias conhecemos um soneto feito a Rocha Pitta e um *Romance joco-serio* em louvor da Academia dos Esquecidos.

O soneto é um verdadeiro hieroglipho para quem não souber mythologia ou não tiver pelo menos um *Diccionario da Fabula* de Chompré para se dar ao trabalho de consultal-o afim de comprehender o que quer dizer o author.

Era um dos grandes defeitos da eschola classica que, imitando os gregos, trasladava a sua mythologia e difficultava a comprehensão para os profanos.

Quem pode comprehender o *Luziadas* sem um diccionario mythologico?

O soneto de Oliveira Serpa, além de classico, é gongorico: aproveita o nome de Rocha para fazer com esta palavra um jogo forçado comparando-a com a rocha do monte *Helicon* do qual consta que o cavallo Pegaso batendo com a pata fez jorrar a fonte da poesia.

E' preciso estar muito a par da grega religião para saber que *Museu, Delio e Numen Cynthio* eram sobrenomes de Apollo, o deus da poesia, e que *Helicon* foi o nome donde jorrou a fonte da poesia chamada Hypocrene á patadas de Pegaso, cavallo de Apollo.

Quanto ao romance joco-serio é uma versalhada que podia ser que tivesse muito sal em seu tempo e que fizesse rir muito os seus contemporaneos, mas, actualmente, é d'uma sensaboria revoltante.

Gonçalo Soares de Franca

Reina a respeito d'este poeta bahiano do seculo XVII a mais lamentavel confusão sobre seu nome e seu berço entre os authores que d'elle se occupam.

Alguns como Perié cahem até em contradicções.

O mesmo embaraço e indecisão nota-se n'aquelles que estudam a *Academia dos Esquecidos*, quanto ao numero e nome de seus socios: assim além dos apresentados por Mello Moraes Filho no seu *Parnaso Brasileiro* e por nós já transcripto na biographia de João de Brito e Lima á pagina 3 do n. 15 da *Renascença* e dos que demos a pagina 3 do n. 16, além d'esses, Silvio Romero em sua *Litteratura Brasileira*, tomo 1, pagina, 180, acrescenta João de Mello, Manuel José Cherém, J. Pires de Carvalho e Albuquerque, João Borges de Barros, José de Oliveira Serpa, Frei Henrique de Sousa, Manoel R. Corrêa de Lacerda e Jeronymo Sodré Pereira.

Eduardo Perié ajunta em sua *Litteratura Brasileira* aos nomes acima citados os dos dois irmãos Bartholomeu e Alexandre de Gusmão.

Manoel Joaquim de Macedo no seu *Anno Biographico Brasileiro* cita os nomes dos fundadores da Academia com os seus pseudonymos de *Obzequioso*, *Nubiloso*, *Occupado*, *Laborioso*, *Vago*, *Infeliz* e *Venturoso*.

Todos estes authores, porém, nunca deixam de citar o nome de Gonçalo Soares da França (ou Gonçalo Soares Franca, segundo outros chamam ou, ainda, Gonçalo Soares de Franca) como socio fundador que figurou entre os *Esquecidos* com o pseudonymo de *Obzequioso*.

E este Gonçalo Soares Franca ou da França que se confunde com o nosso poeta João Alvares Soares que alguns chamam tambem da França.

Vamos estudar transcrevendo-as, as confusões e contradicções de cada um destes escriptores, para depois externarmos a nossa opinião a respeito.

J. M. Pereira da Silva nos *Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*, tomo 2º, suplemento biographico, pagina 313, diz:

«Gonsalo Soares da França nasceu no Espirito-Santo em 1632. Escreveu em latim um poema intitulado *Brazilica ou Descobrimento do Brazil*, e em

portuguez varias poesias que têm distincto merecimento.»

E mais adiante da pagina 318 a 319:

«*João Soares Franca*, nascido na Bahia em 1676, seguiu a carreira das armas, e chegou ao posto de mestre de campo. Deu baixa e entrou para a vida ecclesiastica. Deixou sonetos e poesias de algum merecimento.»

Mello Moraes Filho não trata nem de um, nem de outro no seu *Parnaso Brasileiro*.

Silvio Romero apenas dá o nome do Gonçalo na *Academia dos Esquecidos* e d'elle mais não se occupa porque o considera uma nullidade.

Joaquim Manoel de Macedo no primeiro volume do *Anno Biographico Brasileiro* fazendo a biographia de Vasco Fernandes Cezar de Menezes, Conde de Sabugosa, e fundador da *Academia dos Esquecidos*, apresenta Gonçalo da França como um padre socio installador da mesma academia.

O mesmo author no volume terceiro da mesma obra á pagina 333, diz:

«*Gonçalo Soares de Franca*.—Litterato e poeta, Gonçalo Soares da França nasceu em 1632 na capitania do Espirito-Santo: cultivou com ardor as letras, e na lingua latina que perfeitamente conhecia escreveu um poema á que deu o titulo *Brazilica ou Descobrimto do Brazil*.

«Em portuguez compoz varias poesias, que conforme o testemunho do Sr. Conselheiro Pereira da Silva tem distincto merecimento.

«Ignora-se o dia do nascimento, o dia e anno da morte d'esse varão illustre; mas não deve por isso ser esquecido o homem, que entre poucos, n'aquelle seculo ainda de trevas para o Brazil, á força de estudo, e com triumphos de intelligencia, soube tornar-se fonte de luz.»

Perié na *Litteratura Brasileira* diz da pagina 156 á 157:

«*Gonsalo da Franca* nasceu na capitania do Espirito-Santo em 1632. E' tudo quanto se sabe a respeito da sua vida.

«Firmado na autoridade do Sr. Conselheiro João Manuel Pereira da Silva, sabemos que Gonçalo Soares da Franca ou da França foi um grande latinista e poeta, e como tal compoz um poema no idioma de Virgilio, a respeito da descoberta do Brazil, e varias poesias de certo merecimento, tambem em latim.

«De tudo isto, porém, não resta mais que a menção dos biographos. Impossivel, pois, se torna rectificar ou confirmar a opinião, aliás muito competente do historiador brasileiro.»

Os bibliographos J. C. Pinto de Souza, Bento Farinha, Barbosa Machado e o Visconde de Porto Seguro, dizem que Gonçalo Soares de Franca nasceu na Bahia e era filho de Luiz Alvares Negreiros e D. Luiza Corte Real.

Socio da *Academia dos Esquecidos* e socio supranumerario da Academia Real de Historia Portugueza, cursou as aulas do collegio dos jesuitas na Bahia, dedicou-se ao sacerdocio, tomou o habito de S. Pedro e applicou-se ao estudo de historia sagrada e profana.

Cultivou a poesia e deixou muitas producções.

. . .

Até aqui, dirá o leitor, não vemos a tão decantada confusão das duas individualidades; apenas notamos o seguinte:

O Gonsalo tem o nome escripto por uns com s e por outros com ç, e o nome de familia da Franca ou da França, e o José que tambem é Soares da Franca ou da França. Isto quanto aos nomes.

O primeiro é filho do Espirito-Santo e o segundo bahiano.

Um é da *Academia dos Esquecidos* e o outro não: um nasceu em 1632 e o outro em 1676; um foi latinista e poeta, deixando um poema em latim e poesias de merecimento n'esta lingua e em portuguez, o outro só consta ter deixado poesias e sonetos de algum merecimento.

Temos á responder que, além de alguma semelhança no nome, já ha um ponto de contacto na profissão: visto ter sido Gonsalo padre e João ter entrado para a vida ecclesiastica depois que deu baixa da carreira das armas na qual chegou a mestre de campo.

Vamos porém tornar patente a confusão transcrevendo trechos de dous authores tão criteriosos como os que nós acabamos de citar.

Barbôsa Machado diz que o poema de Gonsalo da Franca intitulado *Brazilica* continha 1800 oitavas rimadas e foi lido pelo seu auctor em uma das sessões da *Academia dos Esquecidos*, e acrescenta que é digno de louvor que n'um tempo em que todos se dedicavam a escrever poesias ás virtudes da Senhora e aos merecimentos do Senhor, houvesse entré bahianos quem se occupasse d'um assumpto patrio.

Dá portanto a entender que o poeta era bahiano. O licenciado Manuel Pereira Rebello que prefaciou e escreveu a biographia de Gregorio de Mattos, na colleccão das obras d'este poeta, diz que Gonçalo Soares da Franca era um dos mais brilhantes engenhos bahianos, e dá como amostras de sua poesia os seguintes versos feitos a Gregorio de Mattos:

Com tanto primor cantaes,
Com tanta graça tangeis,
Que as potencias suspendeis,
E os sentidos elevaes:
De ambas sortes admiraes

Suspendido o bravo Eólo,
Mas eu vos digo sem dólo,
Que de mui pouco se admira.
Pois tocaes de Orpheu a lyra,
E a pluma tendes de Apollo.

Então o Gonçalo de Franca era bahiano e da *Academia dos Esquecidos*; José Soares da Franca, vaga e concisamente apontado por Pereira de Silva e não mais citado por auctor algum, é que nunca existiu.

O poeta que deu motivo a toda esta confusão foi João Alvares Soares, irmão do mestre de campo Antonio Soares da Franca, e socio da *Academia dos Esquecidos*.

Foi talvez a esquisitice de, sendo irmão d'um Soares da Franca e filho d'um outro do mesmo nome, ter um appellido diverso, que levou a crer que o verdadeiro fosse João Soares da Franca e d'ahi a confusão entre os dous socios da *Academia dos Esquecidos*.

Além do poema *Brazilica*, Gonçalo da Franca escreveu:

— *Glosa á oitava 50ª do canto 4º dos Lusíadas de Camões.*

— *Cinco sonetos*, sendo um d'elles só de versos dos *Lusíadas*; vêm reproduzidos no *Florilegio*, tomo 3.º, appendice, pags. 21 e 24.

— *Quatorze emblemas* com seus epigrammas portuguezes. Vem todas estas poesias no «Breve compendio ou narração do funebre espectáculo que na insigne cidade da Bahia, cabeça da America Portugueza, se viu na morte de El-rei D. Pedro, por Sebastião da Rocha Pitta.»

— *Dissertação* da historia ecclesiastica do Brazil, que recitou na *Academia Brazilica dos Esquecidos*, o padre G. S. da Franca, no anno de 1724. Este manuscrito foi offerecido pelo Imperador ao *Instituto Historico*, a 22 de Maio 1855, in-fol.

— *Oito dissertações* que constam do codice CCCXVIII existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Trata-se n'estas dissertações, de assumptos exclusivamente brazileiros.

Bahia, Setembro de 1897.

DR. MANOEL BRITO.

(*Continua.*)

VARIEDADES

Leilão de Moedas Antigas

Ultimamente foi posta em leilão no palacio Dronot, de Paris, uma notavel collecção de moedas de ouro dos imperadores romanos, reunida por um rico amador inglez Montagu, já fallecido e que no seu testamento exarou a clausula de que a sua collecção fosse vendida em Paris.

A moeda que attingiu maior preço foi uma de ouro, pesando apenas 8 grammas e 8 decigrammas com a effigie de Helena, mulher de Constancio Chloro.

Foi arrematada para a Bibliotheca Nacional, de Paris, por 6,600 francos.

O museu britannico pretendeu levar mais longe os lances para ficar com aquella moeda unica, mas as suas instrucções chegaram demaseado tarde.

Outras moedas attingiram preços bastante elevados. Uma Caracalla obteve 2,500 francos, outra de Julia, filha de Tito, 3,650 francos, outra de Uranius, Antoninus, 4,650 francos, outra de Valentiano 1.º, 3,500 francos.

O leilão produziu 365,000 francos.

A collecção só continha exemplares de primeira ordem.

Descobertas archeologicas

O engenheiro italiano Cozza, que tem dirigido com um cuidado especial as excavações na antiga cidade de Pompeia, conseguiu obter resultados importantes no dominio da archeologia pelas descobertas successivas que tem feito nos terrenos em exploração.

Segundo informações publicadas em jornaes que tratam destes assumptos, Cozza teria descoberto uma casa completa com estatuas, decorações muraes de

marmore em perfeito estado, desenhos nas paredes, etc.

A casa descoberta fica na 6.^a região, ao norte da antiga cidade. O peristyllo é a parte de mais valor. Entre as decorações muraes encontra-se uma, representando o supplicio de um rei sacrificado pelas bacchantes. As columnas são de estylo corinthio; as paredes pintadas de rouxo ou de negro, conservam-se em bom estado e a sua côr não parece alterada. Entre as columnas encontram-se nove magnificos vasos de marmore branco, muitas estatuetas representando Baccho, Fauno e Amor. Entre as pinturas muraes destaca-se uma de grande valor artistico. E' um fresco representando pequenos Amores empregados em diferentes misteres; uns cunham moedas, trabalham outros em vidro e coral, alguns guiam carros, etc.

Alem de documentos de esculptura antiga, na descoberta feita pelo engenheiro Cozza, encontram-se provas evidentes do estado do desenvolvimento a que havia chegado a pintura no tempo de maior esplendor de Pompeia. O estylo corinthio, revelando a importancia da esthetica grega, os deuses mythologicos e a disposição das differentes secções da casa encontrada mostram a importancia desta descoberta, superior no dizer dos competentes, a todas as que se têm feito até hoje.

Mais uma importante descoberta archeologica acaba de ser feita no Douro.

Cerca de duas leguas de Amares foi descoberta uma cidade enterrada a mais de 10 metros de profundidade.

Entre os restos e varios edificios descobertos, avulta um necroterio com mais de 20 tumulos. Vê-se, porém, que os cadaveres que alli foram depositados não estavam vestidos e tinham as pernas dobradas para cima do peito.

Is. é a prova, de não se encontrar nos tumulos nenhum deus, amuleto, nem joias de qualquer especie,

nem mesmo inscripções de nota, e de que a cidade ora descoberta não foi habitada nos tempos da opulencia da Galícia.

Os archeologos são de opinião que o povo que habitou aquella cidade pertencia á raça Lybia, que existiu ha tres mil annos antes da era de Christo.

Destruição dos monumentos

O Dr. Schweinfurth escreveu ao redactor da *Zeitschrift für Aegyptische Sprache* uma carta muito importante, a proposito da destruição dos monumentos do Egypto pelos que se dedicão a excavações de antiguidades. Em poucos annos, diz o citado sabio, nada restará. Factos scientificos de valores incalculaveis são destruidos, diariamente, pela ignorancia dos que andão á cata de descobertas scientificas, sem a precisa paciencia que deve ter todo o investigador. Sementes antiquissimas, fructos de pedra e tantos outros documentos que de um momento para outro podem lançar grande luz sobre a historia da civilisação humana, são postos completamente de parte e inutilisados, porque os exploradores querem encontrar o Museu de Gizeh.

Um bloco de prata nativo

O maior bloco de prata nativo extrahido do seio da terra foi descoberto no anno passado nas minas de Smullgler ou Aspeu (Estados-Unidos).

No correr dos trabalhos a picareta de um trabalhador encontrou grande resistencia em um objecto que, depois de examinado, reconheceu-se ser prata fina.

Forão necessarios trabalho e esforços consideraveis para extrahil-o. O valor d'esse formidavel bloco excede a 200,000 francos, o que deixa a perder de vista o maior bloco até agora encontrado ha annos nas minas de Gipson, cujo peso era de 150 kilogrammas, quando o actual tem 1,650 kilogrammas.

As pedras caídas do céu

Esses fragmentos receberam ainda os nomes de *pedras do raio*, *pedras do trovão*. Têm a fôrma de rochas crystalinas, contendo em geral uma grande proporção de ferro.

São encobertos por uma crosta denegrida, baça ou vidrenta, produzida pelo aquecimento ao contacto da atmosphera,

Ardente na superficie, o meteorito, que atravessou as regiões geladas do ether, é frio no interior.

O Museu de Historia Natural da França possui uma bella colleccção de meteoritos. São divididos em *siderites* e *asiderites* conforme contêm ou não ferro puro ou conglobado com uma ganga pedregosa.

Certos meteoritos, chamados *carbonosos* assemelham-se a *linhites* (carvão fossil).

São essas pedras de silex polido, cortantes, e o vulgo tem a crença de que cada uma dellas representa como que a *crystalisação* de um raio, que penetra sete braças pelo chão, gastando sete annos a apagar-se e voltando á superficie do solo ao cabo desse periodo, sob aquella fôrma.

Afinal, o que são as *pedras de raio*?

Singelamente vestigios do periodo neolithico, como machados e outros instrumentos feitos pelo homem d'aquelles tempos primitivos.

Catalogo do Museu Britannico

O catalogo do Museu Britannico que se está elaborando e que só ficará terminado em 1900, compor-se-á, assim o diz uma folha estrangeira, de 600 volumes impressos em formato grande, e substituirão os 300 *in folio* que até hoje serviram naquelle immenso museu. Em 1787 em que se fundou o Museu, o catalogo apenas constava de 2 volumes.

No catalogo que se está elaborando, acha-se empregado um verdadeiro exercito de funcionarios.

Só o indice do catalogo formará quasi uma biblio-

theca, e excederá em extensão o codice budhista que é o maior codice que se conhece.

Planta que faz rir

Existe na Arabia uma planta que produz exactamente os effeitos do gaz hilariante.

Encontra-se tambem uma variedade dessa arvore exquisita em Kassem e no Oran que attinge um metro a mais de altura, com ramos lenhosos formando uma larga cópa de um verde escuro.

As bagas contêm dois ou tres grãos negros, da grossura e forma de um feijão.

Estes grãos tem ligeiramente o odor do opium e o gosto assucarado. São elles que contêm o principio activo desta planta extraordinária.

Para empregar estes grãos pulverisa-se-os. A pessoa que absorve uma fraca dóse começa a rir ás bandeiras despregadas, de uma maneira muitas vezes violenta: dança, canta ou põe-se a saltar como uma cabra, durando este effeito cerca de uma hora.

Mas quando a excitação cessa, o paciente, fatigado, cae em profundo somno que dura muitas vezes horas. Ao acordar-se não se recorda mais dos excessos praticados.

Itacoatiára

Debaixo desta denominação, que significa pedra pintada, são conhecidas numerosas inscripções pintadas ou gravadas, as quaes são tidas como vestigios, até agora indecifrados, de antigos povos que porventura habitaram por mais ou menos dilatado tempo o solo brasileiro. A região onde em maior cópia tem sido deparadas estas curiosas inscripções é o valle do Amazonas. Alli copiou algumas o mallogrado professor F. Hartt e outras foram desenhadas pelo sr. O Derby e recentemente pelo sr. Rumbelsperger.

Por sua vez o sr. engenheiro Carlos Morsing, ex-chefe da commissão de estudos da ferro-via do Madeira e Mamoré, fez desenhar numerosas in-

scripções, e remetteu ao Museu Nacional a mais completa collecção, até hoje conhecida, de cópias de taes figuras. A mais notavel das inscripções deste genero foi copiada nas cachoeiras do Xingú e alli descoberta pelo sr. Dr. Domingos Soares Ferreira Penna em excursão realisada por parte do Museu Nacional. Tem mais de dous metros de comprimento e é formada por meandros circulos e gregos e por dois saurios volvidos um para o outro. Na collecção reunida pela commissão Morsing ha inscripções com emblemas analogos, e cabeças ornadas com diademas: tudo, porém, mui toscamente gravado e corroído pelo tempo.

Rhopala obovata

Existe na Colombia a dar-se credito aos naturalistas uma arvore singular. E' a «Rhopala obovata», que é inteiramente incombustivel.

Eis como se reconhece isto.

Na Colombia costuma-se durante o tempo da secca lançar fogo nos campos, a fim de se destruir todas aservas damninhas que embarçariam o desenvolvimento das plantações. Este incendio periodico produz naturalmente o mais pernicioso effeito nas arvores.

Uma só faz excepção, é a «Rhopala».

Pequena, rugosa, não sómente o fogo não lhe faz mal, como a beneficia.

Germina pouco a pouco nos logares abandonados pelas outras arvores, estendendo gradualmente o campo de dominação.

A sua resistencia é devida á estructura da sua casca.

A parte externa d'esta, que tem mais de um centimetro de espessura, constituída de cellulas e fibras actúa como couraça protectora com as partes centraes e vivas. E' isto o que lhe assegura a victoria na lucta contra o fogo.